Krishnamurti A ESSÊNCIA DA MATURIDADE

A ESSÊNCIA DA MATURIDADE

KRISHNAMURTI

ICK

A ESSÊNCIA DA MATURIDADE

No mundo contemporâneo, observa-se que o homem, onde quer que se encontre, parece dominado pelo instinto do mal, pela sanha da violência. Dir-se-ia já não existir amor no coração humano, pois, nos dias de hoje, normalmente, o que nele predomina é o egoísmo e o impulso à crueldade. Em regra, levam as criaturas uma vida superficial, vazia, geradora de desejos e anseios contraditórios, de constante busca de sensações, e isso só acarreta ilusões, amarguras, conflitos. Evidentemente, a causa desse confuso e brutal estado em que vive a humanidade é ignorarem as pessoas sua própria índole, é por não haver autocompreensão.

Tais considerações ocorrem-nos em face da presente obra, tradução das palestras proferidas por Jiddu Krishnamurti na Europa no ano de 1967 e que agora é oferecida ao público ledor.

Segundo esse psicólogo e pensador, a libertação interior é para nós de grande relevância e constitui mesmo o maior problema do homem. É que, resolvido esse problema, todos os mais, procedentes dele, se tornarão de fácil solução. Depois, a libertação nos abre o amplo caminho da cordialidade e do amor, isso porque só essa íntima liberdade nos mostra o que, efetivamente, significa "amar". Então, atuando como seres livres, a paz e a harmonia prevalecerão dentro de nós, e não a solidão, o descontentamento, o tédio ou o temor, sentimentos que nos fazem agressivos, invejosos, cheios de hostilidade.

Daí porque salienta Krishnamurti, mais uma vez, a necessidade de uma radical transformação na mentalidade de cada ser, na psique, de ordinário condicionada, dado ser esse condicionamento o principal causador de nossos erros, frustrações e desventuras.

A ESSÊNCIA DA MATURIDADE, título deste livro, consiste justamente na iluminação mental, no conhecimento próprio. E autoconhecimento, por certo, encerra sabedoria. Porque é compreendendo a nós mesmos, tais como realmente somos e não como julgamos ser, que nos habilitamos a ver as coisas sem desfigurá-las, isto é, com simplicidade, sem preconceitos, com total isenção. Essa direta visão, essa percepção imparcial e objetiva de quanto se nos depara e nos rodeia, implica maturidade, discernimento, e estes raros atributos são os que melhor nos orientam nas conjunturas da vida, podendo, conseguintemente, trazer-nos a paz e a almejada felicidade.

A ESSÊNCIA DA MATURIDADE

NUMEROSAS OBRAS DE JIDDU KRISHNAMURTI JÁ FORAM EDITADAS PELA I.C.K., E ENTRE ELAS AS SEGUINTES:

A Libertação dos Condicionamentos
O Novo Ente Humano
O Vôo da Águia
Onde Está a Bem-Aventurança
Como Viver Neste Mundo
A Questão do Impossível
A Luz que não se Apaga
A Outra Margem do Caminho
Encontro com o Eterno
O Despertar da Sensibilidade
Que Estamos Buscando?
Novo Acesso à Vida
Da Insatisfação à Felicidade
Austrália e Holanda — 1955
A Busca (versos livres)
A Canção da Vida (versos livres)

PELA EDITORA CULTRIX FORAM TAMBÉM PUBLICADOS, POR INCUMBÊNCIA DA I.C.K., ENTRE OUTROS, OS LIVROS DE KRISHNAMURTI ABAIXO MENCIONADOS:

A Educação e o Significado da Vida
O Homem Livre
A Mutação Interior
O Descobrimento do Amor
Fora da Violência
O Passo Decisivo
A Suprema Realização
A Primeira e Última Liberdade
Reflexões Sobre a Vida
Comentários Sobre o Viver

JIDDU KRISHNAMURTI

A ESSÊNCIA DA MATURIDADE

Tradução
de
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Pres. Vargas, 418, sala 1109
Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro
Tel. 253-6123

SUMÁRIO

CINCO PALESTRAS EM PARIS

VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO
(Paris — I)

PENSO que existem realmente dois problemas fundamentais: a violência e o sofrimento. Se não os resolvermos e transcendermos, todos os nossos esforços, nossas constantes batalhas, muito pouco significarão. Parecemos passar a maior parte da vida no campo das ideologias, das fórmulas, dos conceitos, e por esse meio tentamos resolver estes dois problemas essenciais — a violência e o sofrimento.

Toda forma de conflito é violência — não só o conflito psicológico, interior, mas também o conflito exterior, nas nossas relações com outros entes humanos, com a sociedade. O sofrimento parece-me constituir um dos mais complexos e difíceis problemas; e essa complexidade, justamente, requer que o consideremos de uma maneira muito simples. Todo problema complexo, principalmente um problema humano — e temos tantos deles! — deve, por certo, ser considerado com muita clareza e simplicidade, sem nenhum *fundo* ideológico. De outro modo, traduzimos o que vemos em conformidade com nosso condicionamento pessoal e peculiares idiossincrasias e intenções.

Para compreendermos estes dois problemas — a violência e o sofrimento — tão profundamente arraigados em nossa essência, não devemos considerá-los de maneira puramente verbal ou intelectual. O intelecto não resolve problema nenhum. Poderá explanar problemas — e qualquer pessoa inteligente é capaz disso — mas a explicação, por mais erudita, por mais sutil que seja, não representa a realidade. De nada serve explicar a um homem faminto as esplêndidas iguarias existentes; isso para ele não vale nada. Mas, se apreciarmos estas questões não intelectualmente, porém real e totalmente, com elas

nos empenharmos a fundo e desenredarmos estes dois terríveis problemas que nos estão destruindo a mente, talvez então possamos passar além.

Nós, entes humanos, aceitamos a violência e o sofrimento como norma da vida e, já que os aceitamos, tratamos de tirar deles o melhor proveito possível. Rendemos culto ao sofrimento, idealizamo-lo e com ele vamos vivendo — como se faz no mundo cristão. No mundo oriental traduzem-no de outras maneiras, sem tampouco encontrar-lhe a solução. Como tenho dito, essa violência, nós a herdamos do animal: nossa agressividade, nosso espírito de domínio, desejo de poder, ânsia de preenchimento. Nossa estrutura cerebral, herdada do animal, é também produto da evolução e tem não só a função de proteger, mas também a de ser agressiva, violenta, de dominar, de pensar em termos de posição, prestígio; disso bem sabeis.

O sofrimento, a autocompaixão, que também faz parte do sofrimento, a solidão, a total inexpressividade da vida, o tédio, a rotina, despojam a vida de toda finalidade e, por isso, tratamos de inventar uma finalidade; os intelectuais criam uma finalidade ideológica, de acordo com a qual procuramos viver. E, na impossibilidade de resolvermos esses problemas, revertemos ao passado; volvemos à juventude ou à cultura tradicional, conforme a raça, o país, etc. Quanto mais urgente se torna o problema, tanto mais tratamos de fugir para uma certa explicação ideológica, relativa ao futuro; e nessa armadilha ficamos aprisionados. Tanto no Oriente como no Ocidente, observa-se a fuga para toda espécie de entretenimento — a igreja, o futebol, o cinema, etc. A necessidade de entretenimento assume todas as formas possíveis: visitar museus, conversar interminavelmente sobre música, sobre os últimos livros publicados, ou escrever sobre coisas passadas e mortas e enterradas, sem valor de espécie alguma.

Ao que parece, só há muito pouca gente verdadeiramente séria. Pela palavra "sério" entendo ter a capacidade de examinar um problema até o fim e resolvê-lo. Resolvê-lo, não conforme as inclinações pessoais ou o temperamento de cada um, ou sob pressão do ambiente, porém deixando tudo isso de parte e investigando até o fim a verdade relativa a uma dada questão. Essa seriedade parece um tanto rara. Para que possam ser resolvidos esses dois problemas fundamentais, a violência e o sofrimento, temos de ser *sérios* e possuir também uma certa capacidade de percebimento, de atenção, porquanto ninguém

pode resolvê-los para nós. Evidentemente, nem as velhas religiões, nem organizações bem planejadas e aperfeiçoadas por uma certa autoridade ou sacerdote — nada, nem ninguém dessa categoria pode ajudar-nos; são coisas obviamente sem significação alguma. Pode-se observar em todo o mundo que a chamada nova geração está atirando aos ventos todas essas futilidades — igrejas, deuses, templos, rituais. Para o homem sério as autoridades perderam toda a importância. É claro que não tem sentido dependermos de qualquer espécie de autoridade quando o mundo se acha em tal estado de confusão e de aflição; principalmente da autoridade organizada num plano religioso, com as respectivas sanções.

Não se pode confiar em ninguém, nem em Salvadores, nem em Mestres — em ninguém, inclusive este orador. E, após termos rejeitado totalmente todos os livros, filosofias, santos, anarquistas, vemo-nos frente a frente com nós mesmos, tais como somos. Isto é um tanto assustador e desanimador: o nos vermos tais como somos realmente. Não há filosofia, literatura, dogmas, rituais, capazes de pôr fim à violência e ao sofrimento. Precisamos reconhecer isso, antes de passarmos adiante. Quanto mais séria a pessoa e quanto mais urgente o problema, essa própria urgência recusa a autoridade que tão facilmente aceitamos.

Outro problema é: como examinar, como observar a violência e o sofrimento, tais como em nós existem. Como dissemos, os entes humanos, individualmente, são o produto da sociedade, da cultura em que vivem, e essa sociedade e cultura foram construídas por cada um de nós. A sociedade é o produto dos entes humanos, e nós fazemos parte desse produto; eis a nossa situação. Estamos aprisionados na armadilha de nossas inclinações, tendências e prazeres pessoais, sendo que tudo isso constitui a estrutura social. Tendemos a considerar o indivíduo e a sociedade como duas coisas diferentes e, por conseguinte, perguntar-se-á: Que valor tem um ente humano que se transformou, em relação à estrutura total da sociedade? Tal pergunta me parece absurda.

Não estamos considerando um dado indivíduo ou uma dada sociedade — francesa, inglesa ou outra — porém o problema humano geral. Não estamos considerando o indivíduo em relação com a sociedade, nem a relação da sociedade, do "coletivo", com o indivíduo; estamos tratando da totalidade e não de uma dada particularidade.

Só podemos compreender uma coisa quando a vemos totalmente, quando vemos toda a sua estrutura e a respectiva significação. Não podemos perceber o padrão total da vida, o movimento total da vida, se apenas tomamos uma parte dela e nessa particularidade nos absorvemos. Só quando vemos o mapa inteiro podemos saber onde estamos e escolher o caminho certo. Nós estamos, pois, interessados na salvação ou libertação individual (ou outra coisa que o indivíduo esteja procurando), porém, sim, estamos interessados no movimento total da vida, em compreender, em seu todo, a corrente da existência; então talvez possamos considerar de maneira completamente diferente os problemas individuais. É difícil em extremo ver e compreender a totalidade; isso requer atenção. Nada se pode compreender intelectualmente; poderemos ouvir palavras, dar explicações, descobrir causas, mas isso não é compreensão. Na observação de nós mesmos, a compreensão só pode verificar-se quando a mente, que inclui o cérebro, está totalmente atenta. Mas, uma pessoa não está atenta quando está a interpretar e a traduzir o que vê em conformidade com seu próprio *fundo* (*background*). Já deveis ter notado (sem dúvida a maioria já o notou) que, quando a mente se acha de todo quieta — sem reclamar nada, sem fazer barulho, sem fragmentar o problema — quando está perfeitamente tranqüila diante do problema — já deveis ter notado que há, então, compreensão. Essa mesma compreensão é a ação, a força ou energia que nos liberta do problema. Estamos, pois, empregando a palavra "compreensão" nesse sentido, e não no sentido de compreensão intelectual ou emocional. Essa compreensão é propriamente uma negação do positivo — pois "positivo" é o compreender um problema com um motivo: o propósito de fazer alguma coisa em relação a ele. Em geral, quando temos um problema, tendemos a preocupar-nos com ele, a fragmentá-lo, analisá-lo, achar uma fórmula para resolvê-lo. E o pensamento, como se pode observar, é sempre reação do "velho"; portanto, nunca é novo e o problema, entretanto, é sempre novo. Traduzimos o novo, o problema, em termos de pensamento, mas o pensamento é velho e, por conseguinte, positivo, no sentido de fazer alguma coisa em relação ao problema.

O pensamento é a reação do passado; é memória, experiência, conhecimento acumulado; é "velho e os desafios são sempre novos — se são desafios. Desse fundo de conhecimento, experiência, memória, procede a reação, na forma de pensamento; o pensamento vem sempre do passado e traduz o desafio

ou o problema nos termos desse passado. E o pensamento, como se pode observar, produz, em relação ao problema, uma reação positiva, ditada pelo passado.

Está visto, pois, que o pensamento não representa a solução; mas isso não significa que nos devemos tornar "nebulosos", vagos, distraídos ou mais neuróticos do que já somos. Pelo contrário, quanto mais atenção prestamos — *atenção completa* — a uma coisa, qualquer que ela seja, vê-se que nessa atenção não há pensamento algum, não há pensar; não há nenhum centro a funcionar como pensamento. A compreensão (ou observação, que é a mesma coisa) se verifica sem a reação do fundo de pensamento. Compreensão é ação imediata.

Está mais ou menos claro isso, ou parece-vos abstrato demais? Espero não estejais interpretando o que se está dizendo como algum absurdo místico — oriental! Vede! — se desejo compreender uma criança, tenho de observá-la, de prestar atenção a ela. Observá-la, quando brinca, quando chora, quando se comporta mal, quando faz qualquer coisa; observá-la, simplesmente, sem corrigi-la. Preciso compreendê-la; portanto, não tenho preconceitos, não tenho padrões de pensamento, relativos ao que é "bom" e ao que é "mau". Observo-a, somente; e nessa atenção vigilante, começo a compreender a natureza de sua atividade. É relativamente fácil observar dessa maneira a natureza, uma flor, por exemplo; a natureza não exige muito de nós. Observar uma coisa objetiva é bastante simples. Mas, observar o que se está passando interiormente, em nós, observar nossa violência, nosso sofrimento, com clara atenção, já não é tão simples. Tal atenção, tal observação, nega totalmente qualquer espécie de inclinação ou tendência pessoal ou de compulsão por parte da sociedade; é como observar o movimento de um rio. Sentado na margem do rio, podeis observar o seu fluir, tudo ver. Mas vós, que estais sentado na margem, e o movimento do rio, sois duas coisas diferentes; vós sois o observador, e o movimento do rio é a coisa observada. Mas, quando estais dentro d'água — e não sentado na margem — fazeis parte desse movimento e não há observador nenhum. Do mesmo modo, observai a violência e o sofrimento, não como observador a observar uma coisa, porém sem espaço entre observador e coisa observada. Isso faz parte da investigação total, da meditação sobre a vida.

Como já disse, nós entes humanos somos violentos, e essa violência, herdada do animal, nós nunca a investigamos real-

mente porque temos o conceito da não violência; interessa-nos o conceito, a ideologia da não violência — o que *deveria ser*, e não o fato, o que realmente É. Permiti-me sugerir-vos que não vos limiteis a ouvir palavras; palavras são palavras e não encerram muita significação. Semanticamente, pode-se penetrar o significado das palavras, mas a palavra não é a coisa, a explicação não é o fato — *o que é*. Qualquer um está sujeito a cair na armadilha das palavras, a ficar, infinitamente, escutando só palavras. Palavras são cinzas, não têm significação profunda. Mas, se vos observardes através da palavra, se vos observardes como realmente sois — não agora, enquanto aqui estais, a ouvir uma palestra, porém "lá fora"; se vos observardes, *não* egocentricamente, introspectiva ou analiticamente, porém vendo, simplesmente, o que está de fato ocorrendo, descobrireis então, por vós mesmos, não só a violência superficial — a cólera, o desejo de posição, etc. — mas também a violência de profundas raízes. Quando se faz esse descobrimento, o conceito da não violência perde toda a validade; válido é o fato — a violência.

Observe-se o fato da violência no Oriente: na Índia sempre se falou, se pregou, se praticou a não violência, mas, no momento em que se apresenta qualquer desafio, a não violência desaparece e todos se tornam violentos. Aqui também se fala interminavelmente de paz; em todas as igrejas se fala de amor, de bondade, de amar o próximo; entretanto, tivestes as guerras mais terríveis — quinze mil guerras, ao todo, nos últimos cinco mil anos! E é preciso observar como está profundamente arraigada em nós essa violência — em nossa exigência de preenchimento, no competir e no constante comparar-nos com outros, no imitar, no obedecer, no seguir alguém, no ajustar-nos a um padrão; tudo isso são formas de violência. Nossa libertação dessa violência exige muita atenção e zelo; se não ficamos livres dela, não vejo como possa haver paz no mundo. Poderá haver uma suposta paz entre duas guerras, entre dois conflitos, mas essa não é a paz real, íntima, profunda, não contaminada por qualquer ideologia, qualquer pensamento, não organizada por alguma filosofia sem valor e significação. Se não temos essa paz, como podemos ter amor, afeição, zelo? Ou, se não há paz, como se pode criar alguma coisa? Podemos pintar quadros, compor poemas, escrever livros sobre o passado, etc., mas tal atividade leva ao conflito, à escuridão. Para conquistarmos a liberdade, ficarmos livres da violência — totalmente e não apenas parcialmente, fragmentariamente — precisamos examinar muito profundamente este problema.

Temos de compreender a natureza do prazer; a violência e o prazer estão intimamente relacionados. Pois, mais uma vez, se nos observamos, vemos que toda a nossa psicologia se baseia no prazer (não importa o que dizem os psicólogos e os analistas; não é necessário ler um monte de livros para se perceber isso) — não só nos prazeres sensoriais, sexo, etc., mas também no prazer de realizar alguma coisa, no prazer de alcançar sucesso, de preencher-se, de conquistar posição, prestígio, poder. Mais uma vez, tudo isso se encontra no animal. Numa fazenda onde se criam aves, pode-se observar esse mesmo fenômeno. Há prazer tanto no divertir-se como no insultar. Buscar o deleite, a posição, o prestígio, a fama, é uma forma de violência, pois tem-se de ser agressivo. Neste mundo, se uma pessoa não é agressiva, será espezinhada pelos outros, empurrada para o lado. Assim, importa perguntar: "Posso viver sem agressividade e ao mesmo tempo viver no meio social?" É provável que não; mas, porque viver na sociedade, isto é, na estrutura psicológica da sociedade? Cada um tem de viver na estrutura externa da sociedade — exercer emprego, vestir-se, ter casa, etc., mas que obrigação tem de viver na estrutura psicológica da sociedade? Porque aceitar a norma da sociedade, que requer que o indivíduo se torne escritor famoso, homem notável, etc.? Tudo isso faz parte do "princípio do prazer", que se traduz em violência. Na igreja diz-se: "Ama o próximo" — e nos negócios lhe cortais o pescoço. A norma social não tem sentido. Toda a estrutura militar, toda estrutura baseada no princípio hierárquico, na autoridade, significa, mais uma vez, domínio e prazer que, a seu turno, faz parte da violência — da violência básica. A compreensão de tudo isso exige muita observação; não é questão de capacidade: começa-se a compreender pelo observar. Ver é agir.

É o prazer que estamos buscando, a todas as horas. Queremos prazer cada vez maior, e o prazer supremo naturalmente é o de alcançar Deus. Na busca do prazer encontra-se o medo; transportamos durante a vida essa lúgubre carga do medo. Medo, aflição, pensamento, violência, agressão — todos estão relacionados entre si. Por conseguinte, ao compreenderdes claramente uma dessas coisas, compreendereis as demais.

Podemos conceder-nos tempo para analisar toda a estrutura emocional e intelectual de nosso ser; analisá-la, passo a passo, como o fazem os analistas, na esperança de estabelecer uma relação normal entre o indivíduo e a sociedade; ou um

de nós pode ver que é violento e compreender diretamente a causa dessa violência. *Sabemos* qual é essa causa. Mas, o ver todas e cada uma das formas de violência exige tempo; destrinçar a violência, completamente, em todas as suas formas, é um trabalho de meses, anos. Tal maneira de proceder me parece absurda. É um homem ser violento e tentar ser não violento e, enquanto o está tentando, continuar a semear os germes da violência. A questão, pois, é se sois capaz de ver imediatamente a coisa em seu todo, e imediatamente resolvê-la. É disso que se trata realmente, e não de proceder pouco a pouco, dia após dia, mês após mês. Essa é uma tarefa terrível, desanimadora, infinita, exigindo uma mente meticulosa, analítica, capaz de dissecar, de enxergar cada aspecto e não perder uma só particularidade — pois, se se perde alguma particularidade, o quadro sai todo errado. Isso não só exige tempo, mas encerra também um conceito que formastes sobre o que é "ser livre da violência". Esse conceito, esse pensamento de que vos servis para tentar libertar-vos da violência, cria, com efeito, violência; a violência é criada pelo pensamento. A questão, pois, é esta: É possível perceber a coisa em seu todo, imediatamente? — não intelectualmente, porque se ela é formulada como um problema intelectual não se encontra nenhuma solução e a pessoa acaba suicidando-se, como o fazem muitos intelectuais — suicidando-se de fato ou inventando uma teoria, uma crença, um dogma, um conceito e a ele se escravizando — o que é também uma forma de suicídio; ou voltando às velhas religiões, tornando-se católico, protestante, hinduísta, seguidor do Zen, etc.

A questão, pois, é se há possibilidade de ver a coisa em seu todo *imediatamente*, e com esse ato de ver pôr-lhe fim.

Vê-se de maneira total, quando o problema é suficientemente urgente, não só para a própria pessoa, mas também para o mundo. Há guerra, externamente, e há guerra internamente, dentro de cada um de nós; é possível acabarmos com ela de imediato, voltarmos-lhe as costas, psicologicamente? Ninguém pode responder a esta pergunta senão vós mesmo — isto é, quando a ela respondeis sem dependerdes de nenhuma autoridade, de quaisquer conceitos intelectuais ou emocionais, quaisquer fórmulas ou ideologias. Mas, como dissemos, isso exige muita seriedade e séria observação — observação, quando estais sentado num ônibus, de tudo o que vos cerca; observação daquilo que está diante de vós mesmo, a mover-se, a transformar-se; observação, sem motivo algum, de todas as coisas tais como são.

O que é tem muito mais importância do que o que *deveria ser*. Como resultado desse zelo, dessa atenção, talvez venhamos a saber o que é amar.

INTERROGANTE: Do que dizeis, devo entender que temos de meditar, mas nossa mente é impedida de fazê-lo porque está sempre passando automaticamente de um pensamento para outro, de modo que não podemos observar o que se passa ao redor de nós? Significa isso que, em primeiro lugar, devemos observar o que se passa em nossa mente?

KRISHNAMURTI: "Para observar, temos de meditar" — eu não disse isso. Observar *é* meditação, e isso não significa que para observar temos de meditar. Observar é uma das coisas mais difíceis que há. Observar, por exemplo, uma árvore, é dificílimo, porque temos idéias, imagens relativas à árvore e essas idéias — conhecimentos botânicos, etc. — nos impedem de olhar a árvore. Observar vossa esposa ou marido é mais difícil ainda, porque também tendes uma imagem relativa a vossa esposa e ela tem uma imagem a vosso respeito, e a relação existente é entre essas duas imagens. É o que em geral se chama "relações": dois conjuntos de lembranças, de imagens, em relação entre si. Vede quanto isto é absurdo. As relações que em geral temos são uma coisa morta. Observar significa, com efeito, estar cônscio da interferência do pensamento; perceber como a imagem que tendes da árvore, da pessoa, do que quer que seja, intervém no ato de olhar. Observai como vos esqueceis do objeto que estais olhando — a árvore, a pessoa; e vede porque o pensamento interfere, porque tendes uma imagem de tal pessoa. Porque tendes uma imagem de quem quer que seja? Aqui estamos, vós e eu, a olhar-nos — eu, o orador, e vós, os ouvintes. Vós tendes uma imagem relativa ao orador, infelizmente; mas eu, porque não vos conheço, nenhuma imagem tenho de vós e, por conseguinte, posso olhar-vos. Mas não posso olhar-vos se digo de mim para comigo: vou servir-me destes ouvintes para alcançar poder, posição, para explorá-los, tornar-me um homem famoso — sabeis do resto — de todas as futilidades que os entes humanos cultivam. Assim, observar significa: observar sem a interferência de nosso *fundo*. Entendeis? Todo o nosso ser, que está a olhar, é o nosso *fundo* — cristão, francês, intelectual. Pela observação, descobre-se esse fundo; e observá-lo sem nenhuma escolha, nenhuma inclinação, é uma disciplina tremenda — não a absurda disciplina de ajustamento, de imitação. Essa observação torna a mente sobremodo ativa, sobremodo sensível.

Isso, em seu todo, é meditação. Não se entenda, pois, que "para observar é preciso meditar", porém, antes, que é quando observamos, que todas essas coisas sucedem. Isso, em seu todo, é meditação, e não um certo método de controle do pensamento, assunto de que trataremos noutra ocasião.

INTERROGANTE: Podeis explicar, com precisão, como se relacionam o prazer e o medo?

KRISHNAMURTI: Medo — Já estiveste alguma vez em contato direto com o medo? Já estiveste alguma vez diretamente em contato com alguma coisa, uma árvore, uma flor, um ente humano; diretamente, e não através da imagem? Quando olhais uma árvore, no parque, há sempre o observador e a coisa observada: vós estais a observar a árvore, e há um espaço entre o observador e a coisa observada. Estar em contato direto (podeis tocar a árvore, mas isso não é contato, nem o é o identificar-vos com a árvore; não se trata disso, que é uma outra espécie de ginástica mental) — estar em contato direto é coisa de todo diferente, é não ter espaço algum. É o que se verifica quando se tomam certas drogas — L.S.D., etc. — o espaço desaparece. Mas essa é uma experiência inteiramente diferente, pois aquele espaço volta, obrigando a pessoa a repetir a droga, etc., e o resultado é que ela fica a deteriorar-se, a cansar-se cada vez mais da droga e a obter efeitos cada vez menores. Mas, quando a pessoa é capaz de observar sem o observador, quer dizer, sem o *fundo,* sem conceitos ideológicos, sem a memória, o espaço desaparece então totalmente, entre as pessoas, e nesse estado talvez não haja medo, porém uma coisa chamada (podemos servir-nos da palavra "verbalmente") amor. Teremos de considerar a questão do medo noutra ocasião.

INTERROGANTE: Parece-me que até a nossa presença aqui é uma espécie de paradoxo, porquanto significa que estamos insatisfeitos. Isto é, eu — insatisfeito com a vida, pois vejo que nela há violência — desejando compreender essa coisa que me causa insatisfação.

KRISHNAMURTI: Não, senhor, não há entes humanos separados da violência. Quando sinto cólera, não é uma certa coisa ou pessoa que está encolerizada dentro de mim; sou *eu* que estou encolerizado. Não há nenhum "eu" separado da cólera. Perceber o fato real expresso por essa asserção, isto é, que *eu* sou a violência; percebê-lo deveras e não intelectual ou teori-

camente, é pôr fim à separação entre mim e a violência, a cólera. Mas isso exige enorme atenção e muito trabalho.

INTERROGANTE: Faríeis distinção entre prazer, ódio e violência?

KRISHNAMURTI: Senhor, penso que a questão do prazer não é tão fácil de compreender. Cumpre examinar o problema, e não simplesmente negar o prazer. Não sentis prazer quando comeis ou quando dais um passeio, ou ao olhardes uma árvore, uma bela mulher, um homem belo, ou o que quer que seja? É preciso examinar de maneira completa esta questão do prazer. A vida é complexa, não? A vida é sumamente complexa, e o prazer é uma coisa complexa. Os chamados monges, os religiosos, têm dito que não devemos ter prazer; abrem a Bíblia ou o Gita, ficam a ler perpetuamente esse livro e nunca olham a vida. Mas, para compreender o prazer, temos de compreender o desejo, o deleite, a memória — a conservação das experiências que proporcionaram prazer, tanto no nível consciente como no chamado subconsciente.

Como disse, a vida é um problema complexo, e não podemos esquecer a sua complexidade dizendo: "Não quero olhá-la." Temos de olhá-la pela maneira mais simples, sem nenhuma fórmula, nenhuma ideologia, nenhuma escolha — só simples observação.

Esta é provavelmente a primeira vez que alguns de vós estão ouvindo estas palestras, e o que se está dizendo poderá parecer-lhes grego ou chinês, mas enquanto vamos considerando e examinando estas questões, começaremos talvez a compreendê-las melhor.

Importa fazer perguntas; não só agora, porém sempre. É necessário duvidar, e nunca aceitar coisa alguma. Releva fazer uma pergunta, e talvez mais ainda fazer a pergunta correta. Fazer a pergunta correta implica que a pessoa deve estar perfeitamente cônscia dos problemas da vida — não em termos de "gostar" e "não gostar", porém o campo inteiro da vida. Fazer tal pergunta denota grande humildade, não a humildade da vaidade, mas a humildade daquele que deseja saber. Ao fazermos a nós mesmos a pergunta correta, como resultado de profunda e inteligente investigação, então, visto que é correta, a pergunta contém sua própria resposta. Não precisamos perguntar a ninguém: já temos a resposta.

16 de abril de 1967.

A ORDEM INTERIOR
(Paris — II)

Dissemos outro dia que se faz necessária uma revolução radical, não só na estrutura externa da sociedade, mas também psicologicamente. Há necessidade de uma total mutação interior, de uma revolução no ser psicológico.

Vemos a sociedade mergulhada numa terrível desordem, baseada que está na avidez, na inveja, no poder, na posição, etc. E nós, entes humanos, componentes da sociedade vemo-nos também em desordem. Porque a vida do ente humano em geral — a rotina diária, o diário tormento de ganhar o sustento — terrível solidão e tédio, interminável repetição — pouco significa. Para dar significado e sentido à vida, inventaram os intelectuais, em todo o mundo, no Ocidente e no Oriente, filosofias e religiões; disseram: "Existe Deus; há um certo estado mental que devemos esforçar-nos por alcançar." Também um grande número de filósofos têm dito coisas sem nenhuma relação com a vida. Tem-se tentado dar-lhe significado, porém, na realidade — não intelectual ou idealmente considerada — a vida, tal como é, tal como a conhecemos diariamente, é em verdade absolutamente sem significação. Sem significação, não só porque nós, entes humanos, nos achamos num estado de desordem, mas porque nossa vida é toda de repetição. Passamos anos inteiros num escritório — quarenta ou cinqüenta — a executar incessantemente coisas desinteressantes e, é bem de ver, interiormente a desordem é cada vez maior. Exteriormente, tem-se tentado estabelecer a ordem mediante a legislação, mediante a ditadura sob várias formas, mediante o controle da mente e do comportamento humano — criando-se, no exterior, politica-

mente, economicamente, um simulacro de ordem, enquanto interiormente nenhuma ordem existe. A ordem implica — não é verdade? — um estado mental inteiramente livre de conflito; um estado mental lúcido, livre de toda rotina; um estado mental não condicionado por inclinações ou tendências pessoais ou compelido por influências externas, ambientes. E essa ordem — assim me parece — deve nascer sem esforço algum de nossa parte; ela não pode ser produzida pela vontade, pelo empenho, no terreno dos conceitos e das idéias. Em nossa mente confusa, em nossa aflição, em nossa infinita solidão e conflito, tal esforço não pode, de modo nenhum, criar a ordem, porém, tão-só, aumentar a confusão.

Que fazer? Que deve fazer um ente humano, ao compreender que está confuso, incerto, vivendo uma vida de rotina, de imitação, de ajustamento a um padrão estabelecido pela sociedade de que faz parte, e percebendo a um só tempo a necessidade de ordem dentro de si mesmo? Se não há ordem interior, por maior que seja a ordem exterior, a desordem interior superará o simulacro de ordem externa. Isso me parece bastante claro. Assim, como estabelecer a ordem em nós mesmos?

Ordem significa um estado mental em que não há contradição e, portanto, nenhum conflito. Isso não implica estagnação ou declínio. A ordem que obedece a uma fórmula, a um ideal ou conceito é, simplesmente, desordem. Se um ente humano se ajusta a um padrão de pensamento — uma certa coisa ideal que ele *deveria ser* — nesse caso está meramente a imitar, a ajustar-se, a disciplinar-se, a forçar-se, a fim de adaptar-se a um molde. Assim fazendo (como na vida em sociedade vem sendo forçado a fazer há séculos e séculos, porquanto a sociedade trata sempre de controlá-lo mediante diferentes sanções religiosas, leis, etc.), nesse caso, naturalmente, está sempre a produzir-se uma grande desordem. Essa me parece ser a razão básica da revolta que atualmente se observa em todo o mundo. As gerações mais novas estão tratando de lançar fora as idéias, os deuses, as normas de conduta da geração mais velha; tudo isso está sendo posto de lado; estão em revolta contra a sociedade, contra a ordem estabelecida. E, todavia, a ordem que estão buscando irá estabilizar-se, pouco a pouco, num padrão e, por conseguinte, criará a desordem neles próprios.

O problema, portanto, é este: Como promover a mudança radical? Essa é uma necessidade essencial e óbvia. Se existe

um *motivo* para a mudança, nesse caso a pessoa está agrilhoada ou escravizada ao passado, uma vez que todos os motivos procedem do fundo de condicionamento de cada um.

Espero que, juntos, possamos examinar a fundo esta matéria. Se estais apenas a ouvir intelectual, emocional ou verbalmente, nesse caso não estamos trabalhando juntos; estais apenas a ouvir algumas séries de idéias e a concordar ou discordar — e isso tem muito pouco valor. Mas se, realmente, pudermos, todos juntos, penetrar este problema, destrinçá-lo de fato, *vivê-lo*, nesse próprio ato de escutar poderá operar-se a revolução radical, psicológica.

Todos estamos de acordo (pelo menos intelectualmente) quanto à necessidade de uma mudança em toda a estrutura mental, no ser inteiro. Nesse sentido temos tentado vários meios: disciplina, ajustamento, obediência, seguir; ou temos aceito a vida tal qual é e tratado de vivê-la a pleno; e, se temos certas capacidades, dinheiro, ao chegar a morte dizemos que vivemos uma boa vida e agora é chegado o fim dela. Podemos perceber que, para viver, necessita-se de ordem — porque sem ordem não há paz — mas a ordem que se cria mediante a identificação do indivíduo com um conceito, uma idéia, uma fórmula, só produz isolamento. Embora a pessoa possa identificar-se com uma coisa tal como o nacionalismo ou uma idéia de Deus, essa identificação causa separação e conflito. Por conseguinte, o identificar-nos com uma idéia, um conceito, não efetua nenhuma mudança radical.

Exteriormente, estão-se verificando enormes mudanças tecnológicas, porém, interiormente, continuo o mesmo que sou há séculos — em conflito, aflição, a batalhar comigo mesmo e com outros; minha vida é um campo de batalha; todas as minhas relações baseiam-se em imagens formadas pelo pensamento. Sendo a vida um campo de batalha, desejo alterá-la, porque vejo que nenhuma possibilidade tenho de viver em paz, dentro de mim mesmo, ou com a sociedade, ou com meu semelhante, a menos que haja perfeita ordem, quer dizer, liberdade perfeita. A ordem só pode tornar-se existente quando há liberdade; e não é possível a liberdade pela escravização a uma idéia, ou a aceitação de uma certa teologia, ou o ajustamento a um certo padrão, imposto pela sociedade ou por mim próprio. Que devo fazer, então? Não sei se já refletistes a esse respeito; se o fizestes, deveis ter percebido que se trata realmente de um problema for-

midável. Que devo fazer, eu, um ente humano condicionado por milhões de anos, dotado de um cérebro que só funciona por padrões de autoconservação (autoconservação que leva cada vez mais ao isolamento e, portanto, a mais e mais conflito), que devo fazer? Percebendo todo este campo de batalha em que, como ente humano, estou vivendo, atormentado pelo medo, pelo sentimento de "culpa", pelo desespero; apegado às memórias do passado; temendo morrer; vivendo numa semi-obscuridade, embora suficientemente engenhoso para inventar teorias de toda espécie; trabalhando, escrevendo livros, explicando, fazendo tudo o que em geral fazem os entes humanos — percebendo tudo isso, não como idéia, não como coisa existente fora de mim, porém vendo realmente que essa é minha vida, que devo fazer? Como mudar toda a estrutura psicológica de minha existência?

Se este é um problema que vos concerne tanto quanto concerne ao orador (não é propriamente um problema meu, mas estamos explorando juntos), que devemos fazer? É claro que não pode haver mais autoridade alguma, pois ninguém pode dizer-nos o que devemos fazer — nenhum sacerdote, nenhum teólogo, nenhum *guru*, nenhum livro, nenhum agente externo pode dizer-nos o que devemos fazer. Tudo isso já tentamos e não tem significação alguma, nem nunca a teve. Uma vez que não pode haver nenhuma autoridade, *tenho de depender totalmente de mim mesmo*. Entretanto, esse "eu mesmo" é uma entidade confusa. Quanto mais rejeito todo e qualquer agente externo que me promete uma mudança dentro de mim mesmo — sanções, leis que me obrigam a fazer isto ou aquilo — quanto mais rejeito tudo isso, tanto mais cônscio me torno do enorme problema de "mim mesmo" — um ente confuso, incerto, ignorante. E, ao tornar-me cônscio disso, há mais medo, mais desespero e, como reação, uma reversão às condições anteriores, isto é, trato de ingressar em organizações políticas ou religiosas; se eu era católico, torno-me protestante; se era protestante, trato de seguir o Zen ou de adotar outra espécie de distração. E o problema fundamental fica sem solução.

Eis pois a situação. Rejeitamos totalmente a autoridade externa — se a temos — percebendo que essa autoridade é uma das causas da desordem. Vemos que estivemos seguindo um certo "instrutor", filósofo, salvador, e que o seguíamos por medo e não por amor. Se tivéssemos amor, não seguiríamos ninguém; o amor não obedece, o amor não conhece dever e responsabilidade. Uma pessoa segue, aceita, obedece, essencialmente por-

que tem medo — medo de não alcançar os seus fins, de errar o caminho, etc. — há dúzias de formas de medo. Interiormente, é dificílimo rejeitar a autoridade — a autoridade de outrem e também a autoridade de nossos próprios conceitos, de nossa passada experiência. Relativamente fácil é rejeitar a autoridade da sociedade; os monges o têm feito de várias maneiras e a moderna "geração mais nova" o está fazendo de diferente maneira. Mas, o livrar-nos da autoridade de nosso próprio condicionamento, de nossas experiências, da autoridade do passado em nós existente (pois pertencemos ao passado, que se tornou nossa suprema autoridade), isso é bem mais difícil. E, afastar essa autoridade é sobremodo importante, é essencial, porque é ela que gera a autoridade externa, e também o medo, dado o nosso desejo de certeza, segurança, proteção.

Assim, o libertar-nos do passado, que significa libertar-nos do medo, do medo psicológico, é, sem dúvida, o primeiro requisito da ordem. Podemos ficar totalmente livres do temor, tanto no nível consciente como no inconsciente? E existe de fato tal coisa — o inconsciente? Admitimos a idéia do inconsciente como parte de nós — isso se tornou moda — mas existe essa coisa? Porque, se estamos agora investigando se é possível libertar-nos completamente do medo, temos naturalmente de considerar a questão do inconsciente.

Existe inconsciente? Não sei o que a respeito dele pensais ou descobristes. Se há inconsciente, de que maneira poderá a mente consciente descobri-lo? (o orador não está aceitando o inconsciente; estamos examinando o que a respeito dele se tem dito). Ao que sei, o inconsciente é o passado, a herança racial, o depósito da totalidade do esforço humano; um nível muito profundo existente em cada um de nós. De que maneira pode a mente consciente descobrir esse depósito, essa coisa oculta, cuja existência admitimos? Como examinar com a mente consciente uma coisa inconsciente? Dizem que podemos fazê-lo por meio da análise, consultando um especialista, um analista — naturalmente, se a pessoa tem dinheiro e se sente suficientemente neurótica para consultá-lo. Ora, de que maneira podeis, como ente humano, examinar uma coisa a cujo respeito nada sabeis, a não ser verbalmente? Pode a mente consciente penetrar o inconsciente, ou só ocasionalmente, por meio de sonhos, de certos sinais, ter um vislumbre dessa coisa chamada inconsciente? Pode o observador, que é o analista, que faz parte da estrutura, que dela não está separado, examinar a outra parte da estru-

tura? O que pode observar é só sua própria parte, e não a estrutura total. Poderá tentar analisar o inconsciente, observando cada movimento de pensamento, cada *motivo*, cada sonho. Mas isso exige tempo; pode-se ficar analisando a vida inteira, e se a análise não for feita com toda a exatidão, a análise subseqüente sairá errada, não será verdadeira. A análise requer tempo. Mas, pode o tempo ser o instrumento que trará a liberdade e, por conseguinte, a ordem? Espero que isto esteja claro. O tempo é a distância entre o analista, a coisa analisada, e o objetivo que será alcançado no fim da análise. É necessário percorrer esse intervalo existente entre o observador e o objetivo final — o estado de total liberdade. Essa distância é o tempo. Esse intervalo, todo esse processo, é o tempo. Ora, pode o tempo dar liberdade e ordem? Se o inconsciente não pode ser examinado pela mente consciente com esse senso crítico, com essa profunda atenção, que se deve então fazer? Compreendeis o problema? Existe um modo diferente de considerá-lo? Deve existir. Já vivemos milhares e milhares de anos desta maneira e nunca conseguimos fugir da armadilha. Só saímos de uma armadilha para cair noutra. Vê-se que, enquanto houver medo, em qualquer nível da consciência, as armadilhas existirão sempre. Por isso, o inconsciente assume enorme importância; isto é, quando se diz que o tempo é necessário para se efetuar qualquer mudança, apresentam-se todos esses complicados problemas e, por conseguinte, os problemas nunca se acabam. Mas, se se nega o tempo, isto é, se não há amanhã, psicologicamente falando (o que, com efeito, significa "amanhã, como prazer"), não há então descobrimento gradual do inconsciente e do consciente. Negando-se o tempo, não há mais esforço para adquirir virtude, não há mais nada para conseguir: não há amanhã. Mas, dizer "não há amanhã" não significa estar desesperado. Se se compreende realmente a coisa em seu todo, ao libertar-se a mente do tempo a questão do medo se torna inteiramente diferente. Está então a mente em contato direto com isso que se chama "medo"; não há intervalo ou espaço entre o observador e a coisa observada — o medo. Digo "tenho medo" — medo de meu vizinho, medo da morte, medo de não ser bem sucedido na vida — e isso quer dizer que *eu* sou diferente daquele medo. E, quando há separação entre o observador e a coisa observada, tratamos de fazer alguma coisa em relação à coisa observada. Quando digo "Tenho medo", desejo fazer alguma coisa a respeito do medo — controlá-lo, moldá-lo, libertar-me dele, fugir

dele — e tudo isso significa que sou diferente do medo. Mas, *eu sou o medo*; esse medo e eu fazemos parte da estrutura total da vida.

Assim, o intervalo, o espaço, que é tempo, existente entre a pessoa que diz "Tenho medo" e o medo, desaparece e a pessoa fica diretamente em contato com o fato; só há o fato, e não há *vós*, como observador do fato. Várias coisas ocorrem nesse processo: elimina-se completamente o conflito quando o observador é a coisa observada (porque então o observador é o próprio medo) e ficais com toda aquela energia que assume a forma de medo. Uma vez que não há intervalo entre vós e o fato, uma vez que a energia sois vós *e* o medo, não há, como dissemos, conflito nenhum, é claro; por conseguinte, não há ação positiva em relação ao medo. Não há ação positiva de espécie alguma, porém apenas um estado de observação, de percebimento do fato, de real percebimento do que É, pois a imagem foi eliminada. Compreendeis, senhores?

Digamo-lo de outra maneira. Todas as relações entre os entes humanos se baseiam em imagens. Tendes uma imagem relativa a vosso amigo, vossa esposa ou marido, e ele ou ela tem uma imagem de vós; a relação existente é entre as duas imagens, é óbvio. As imagens foram criadas pelo pensamento, procedem de várias formas de insulto, prazer, dor, etc., ocorridas entre entes humanos. Só há relação entre as imagens. Não havendo imagens, há então relações reais, contato direto. Quando não há imagem relativa à árvore, estais então a observar realmente o que ela de fato é. Esse é um estado completamente diferente. De modo idêntico, se nenhuma imagem tendes de outro ente humano, existe uma relação toda diferente. Isso significa ausência do pensamento, ausência do EU, da memória (a qual, com efeito, pertence ao passado); por conseguinte, estais diretamente em presença da coisa; e, porque o conflito foi eliminado, tendes uma energia tremenda.

Quando rejeitamos, eliminamos ou detemos o tempo, só há então o fato do medo; por conseguinte, não há fuga ao medo, não há controlá-lo ou sublimá-lo — *ele é o que é*. Quando isso ocorre, verifica-se uma extraordinária mudança, isto é, quando não há observador, a entidade que diz "Eu tenho medo" (esse "eu" separado do medo), há então medo?

Aprendemos, assim, a observar sem nenhuma operação mental, sem pôr em movimento o pensamento. Pois, como antes dissemos, o pensamento é reação da memória, do conheci-

mento, da experiência; do passado forma-se o pensamento. O pensamento é sempre velho, e nunca pode ser novo. Só pode vir uma nova existência quando o pensamento, depois de plenamente compreendido, termina; essa a mudança fundamental. O pensamento, sempre a buscar no passado a própria segurança, criou o medo. Basicamente, estamos em busca da segurança (psicológica), segurança relacionada com o passado — *senti* dor e não desejo sentir dor; *fui* feliz, tenho de ser feliz no futuro; *experimentei* um enorme prazer, quero mais prazer. O pensamento, que é velho, só funciona nessa busca de segurança. E, se uma pessoa observa atentamente o seu íntimo, nota que o descontentamento se converte num contentamento de natureza venenosa, chamado "segurança".

É o pensamento que cria o intervalo de tempo gerador da desordem. Ver uma coisa com toda a clareza, na ausência do pensamento, é ver imediatamente; não há intervalo de tempo: ver é agir. Para ver muito claramente, sem nenhuma confusão, deve a mente estar em perfeito silêncio. Se desejo ver-vos, compreender-vos, minha mente tem de deter o seu tagarelar, está visto. Naquele estado de incessante monólogo, de tagarelice mental, não é possível ver coisa alguma claramente. Só quando a mente está quieta, é possível ver com clareza; mas não se pode silenciar a mente mediante coerção, disciplina.

Só vem a quietação da mente quando se percebem todas as implicações do medo, da autoridade, do tempo e da separação entre o observador e a coisa observada; quando se percebe a estrutura total. Para ver a estrutura total, é óbvio que a mente deve estar quieta; precisamos aprender a olhar — não só as coisas mais complexas, mas também uma árvore, uma flor, uma nuvem — sem nenhum movimento de pensamento; olhar, simplesmente.

Penso que muitos daqueles que tomam drogas fazem-no para eliminar a separação entre o observador e a coisa observada, a fim de experimentar aquele estado peculiar; mas, como ele é provocado artificialmente, as pessoas ficam em condições mais deploráveis do que nunca. A droga lhes proporciona, momentaneamente, uma nova sensibilidade; quimicamente produz uma alteração temporária na estrutura das células cerebrais. Nesse estado as coisas são experimentadas com muita clareza, com muita intimidade; não há separação alguma, devido à total ausência do pensamento, na forma do EU, com todas as suas memórias. Quanto mais se experimenta dessa maneira,

tanto mais desejadas se tornam as drogas, para as pessoas poderem manter-se naquele estado.

Quando se vê, exteriormente e interiormente, toda esta desordem — a confusão, a aflição, a solidão, a total sem significação da vida, tal como a vivemos — podem-se conceber idéias maravilhosas, porém essas idéias são meras invenções, teorias. Mas quando, compreendendo integralmente a natureza do tempo e do pensamento, deles nos desembaraçamos, não há então nenhuma necessidade de buscar o significado da vida. Há, então, um estado completamente diferente, não produzido pelo pensamento, estado que naturalmente não se pode explicar por meio de palavras. Quanto mais o explicamos por meio de palavras, tanto menos significativo ele se torna. Mas, quando realmente o encontramos mercê da observação, esse estado mental, decerto, é a mente libertada. Nada tem que ver com qualquer crença organizada, qualquer dogma.

INTERROGANTE: O "bom" e o "mau" são meras idéias?

KRISHNAMURTI: Meras idéias? Se tendes dor de dentes ou outra espécie de dor, isso é uma mera idéia? Ah!... é? Ou é, antes, uma reação natural? Consideremos outro exemplo: É uma coisa má ser violento. Trata-se de uma mera idéia quando me bateis, quando me matais? Podeis matar por causa de uma idéia — chamada "nacionalismo".

Efetivamente, é necessário investigar esta questão relativa ao que é mau e ao que é bom, ao que é belo e ao que é feio. Ao vos enraivecerdes, ao serdes violento, invejoso, ávido, ciumento, chamaríeis isso uma coisa má? Quando feris alguém com uma palavra, um gesto, ou atirando-lhe uma bomba — chamaríeis isso uma coisa má? Ora, vós fazeis dessas coisas o dia inteiro. E que é ser bom, ser benevolente, ser generoso, não criar inimizade? Essa dualidade existe em todo ente humano — o bom e o mau. É nela que se encontra o nosso campo de batalha: desejamos ser pacíficos e sossegados, afetuosos, entretanto existe a "outra parte" de nós que é violenta, que quer ferir. Podemos libertar-nos completamente dessa dualidade? Só podemos quando estamos inteiramente em contato com o fato real, com o que realmente É — isto é, quando sois violento, não terdes o oposto, como idéia, como ideal, porém estardes perfeitamente cônscio do significado total da violência. Vereis então, se estiverdes totalmente cônscio de *o que é* — não importa que se chame

"bom" ou "mau" — vereis então que já não há nenhuma dualidade. Afinal de contas, se o belo é meramente o oposto do feio, se o amor é o oposto do ódio, nesse caso não há beleza nem amor. Mas, como para nós o amor é o oposto do ódio, estamos sempre às voltas com o "amor", o ciúme, e o ódio. Porém, com enfrentardes o fato completamente — qualquer que ele seja: ciúme, inveja, cólera, brutalidade — sem criardes o oposto como meio de fuga ao fato, ultrapassareis então o bom e o mau e ireis além.

20 de abril de 1967.

TRÊS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS
(Paris — III)

A MEU VER, o limitar-nos a ouvir palestras, a ler livros, a discutir uns com os outros, tem muito pouca significação. As permutas verbais poderão a certos respeitos ser necessárias e úteis, porém muito mais importante é a compreensão, e esta só vem junto com o atuar. Não se trata de primeiro compreender e depois agir, porém no próprio agir há compreensão, aprende-se. Não tendes de primeiro aprender e depois agir, pois, dessa maneira, a ação se torna automática, mecânica. Trata-se, antes, de atuar, pois, ao atuarmos, estamos aprendendo. Aprender é agir, e agir é aprender; não são duas coisas separadas. Quando há "compreender no agir" — "aprender no agir" — conserva-se muita energia.

Necessitamos de energia para resolver os numerosos problemas de nossa vida e, no entanto, desperdiçamos energia no conflito entre a idéia e a ação. Havendo "ideação" — um ideal ou uma fórmula segundo a qual atuamos, vivemos — há então um intervalo entre a "ideação" e o ato; nesse intervalo há conflito, causador de desperdício de energia. Pode-se observar esse processo em nós mesmos, no contínuo esforço para igualarmos o ideal, esforço que é uma forma de conflito e, portanto, uma dissipação de energia.

Se não há "ideação" de espécie alguma, nenhum ideal ou modelo, nenhum padrão ou fórmula — não há então contradição ou conflito e, em conseqüência, acumula-se energia. Mas, observa-se que a maioria de nós funciona, vive e atua no campo dos padrões, dos conceitos e fórmulas, dos ideais, etc. Nossa vida se tornou mecânica, "imitativa" e um terreno de cultura da contradição entre *o que é* e o que pensamos *deveria ser*.

Em nossa vida há conflito e desperdício de energia, energia de que necessitamos, em grande abundância, para resolvermos cabalmente os nossos problemas. Considerai o enorme desperdício de energia que há no falar incessantemente a respeito de nada, no distrair-se continuamente com leituras; e, exteriormente, quanto desperdício de energia na produção de armamentos, viagens à Lua, etc. etc.!

Cada ente humano tem problemas enormes e complexos, que cada um deve resolver sozinho, pois a solução dada por outrem não tem significação nem valor algum. Cada um tem de resolver os seus problemas e, para tal, necessita da energia que está desperdiçando em tantas atividades inúteis, vãs, estéreis; essa energia é necessária para resolver os problemas do amor, do viver e da morte.

Parece-me que, se não resolvermos estes três problemas fundamentais da vida — o amor, o viver e a morte — não seremos autênticos entes humanos, verdadeiramente civilizados e cultos. Podemos ter abundantes conhecimentos de pintura, de música, escrever a respeito do passado, explicar isto ou aquilo, mas ainda não resolvemos os problemas mais importantes da vida — o que é o amor, o viver, o que significa "morrer".

E, se me permitis, desejo considerar esta matéria, nesta manhã; considerá-la não como idéia, na forma de explicação, porém antes na forma de investigação, de um processo de pesquisa, a fim de fazermos descobrimentos por nós mesmos. Pois, em geral, somos entes sem originalidade; vivemos do que nos dizem, somos guiados por nossas inclinações ou tendências, impelidos ou forçados pelas circunstâncias, pelo ambiente, a aceitar uma maneira condicionada de viver. Nada de original, de inédito, de claro! Sendo, como somos, o resultado de influências de toda ordem, não há em nós nada de novo, coisa nenhuma por nós mesmos descoberta. O descobrimento é um processo vivo, constante; não temos de descobrir, para guardar o que descobrimos e ficar vivendo de acordo com isso.

Para compreendermos estes três problemas fundamentais — a vida, o amor, a morte — necessitamos, não só de energia, mas também de uma mente muito penetrante — em vez de uma mente embotada, mecânica, repleta de conhecimentos e erudição; essa mente será necessária em certos níveis, mas não neste setor de investigação.

Permiti-me sugerir-vos fazer junto comigo uma viagem de exploração deste enorme problema — que é o viver? — para

vermos em que consiste atualmente o viver, o que ele *é*, e não como *deveria ser*. O que *deveria ser* ou o que *foi* é completamente sem importância; o que se diz sobre como viveram certas pessoas, profetas, santos, Salvadores, nenhum valor tem; só uma mente embotada, entorpecida, cita tais pessoas. Cabe-nos investigar o que realmente *é*; olhá-lo com toda a atenção e, para podermos olhar dessa maneira, não deve haver interpretação, rejeição, antagonismo nem escolha alguma; temos de olhar nossa vida tal como é. Nossa vida é um campo de batalha, da hora de nascermos à hora da morte; é agonia, desespero, sentimento de "culpa", medo, competição incessante, comparação de nós mesmos com outros, esforço para sermos *mais* e cada vez *mais*, esforço para controlar-nos, libertar-nos, alcançar nossos alvos, conservar o que conquistamos. Nossa vida diária, a cotidiana rotina de nossa existência, é competição, brutalidade, agonia, desespero, solidão; uma constante aflição que não conseguimos resolver, afastar de nós. Tal é o fato, o que realmente *é*, e nunca fomos capazes de transcendê-lo. Temos uma verdadeira rede de "vias de fuga": campo de futebol, igrejas, religião organizada, museus e concertos e, naturalmente, também a investigação intelectual, que não leva a parte alguma. Tal é a nossa vida, mas isso, evidentemente, não é *viver*. O viver implica um estado mental inteiramente livre de conflito; livre de todo e qualquer conflito — viver!

Para libertar-se desse campo de batalha, desse incessante tédio e solidão, deve o indivíduo ter a capacidade e a energia necessárias para olhar e observar tudo o que está ocorrendo. Não é possível tal observação quando estamos presos na armadilha das palavras. As palavras e os símbolos têm para nós desmedida importância. Uma palavra, como "Deus" ou "comunista", ou "Bíblia", "esposa", "marido", "nacionalidade", um nome de pessoa, etc. — tem essa desmedida importância! Palavras — estamos presos na teia das palavras! Essas palavras e símbolos que temos cultivado nos impedem de olhar o fato — o que realmente *é*. Visto que pensamos por meio de palavras, é dificílimo libertarmos a mente das palavras.

É só quando olhamos realmente o que se está passando dentro e fora de nós mesmos — aplicando toda a nossa atenção, nossa mente, coração, nervos, tudo o que temos — só então há a energia que não se desperdiça. Com essa energia podemos olhar a nossa vida, e, quando a olhamos com essa atenção, com zelo e afeição, não há mais desespero. Já não há desespero quando olhamos o desespero.

Espero não estejais meramente a ouvir palavras, porém a *escutar* o verdadeiro estado de vossa mente, vossa particular forma de medo, de desespero, de agonia, de solidão, vossa falta de amor, etc. — a prestar-lhe uma atenção completa e total. Assim fazendo, descobrireis por vós mesmo quanto sois desatento; e desatenção é desperdício de energia. Tratai de estar cônscio, de perceber, de saber que estais desatento — e ficai desatento; não vos esforceis para tornar-vos atento, quando estais desatento, pois isso é desperdiçar energia. E, quando estais atento, devotai-vos por inteiro a essa atenção — ainda que dure apenas dois segundos. Com essa atenção, *olhai,* e vereis que a coisa que chamávamos "vida" se transforma. Não há então "observador" separado da "coisa observada" e, por conseguinte, não há conflito. Com o desaparecimento do observador, a coisa observada sofre uma extraordinária transformação.

Nossa vida — a maior parte dela — baseia-se no prazer; este constitui a necessidade fundamental da vida; prazer em todas as formas: conforto, segurança, prestígio, poder, domínio, sucesso, ocupar o lugar mais alto — tudo isso está incluído na palavra "prazer". Esse prazer gera, invariavelmente, a dor e, como preferimos o prazer, buscamos o prazer. Para compreender o prazer, temos de compreender, em seu todo, a questão do desejo. Não estamos querendo libertar-nos do prazer, o que seria absurdo; deixemos isso aos monges, aos que se esforçam por ser em extremo religiosos e, contudo, não são religiosos, absolutamente. Não parecemos saber o que o prazer é realmente; temos uma idéia sobre o que ele é mas, em verdade, não sabemos o que é. E, para compreendê-lo, temos de entrar em direto contato com ele sem a intervenção do pensamento, da imagem, do quadro; ele se torna então uma coisa inteiramente diferente daquilo a que chamamos "prazer".

Temos de compreender esse "princípio do prazer", gerador de tanta agonia e desespero; importa compreender a natureza do desejo, sem todavia negar o desejo. Não se pode negar o desejo, não se pode negar coisa alguma; cumpre ver as coisas como são e, para vê-las, necessita-se de extraordinária atenção e zelo.

Que é o desejo? Eis mais um problema de enorme complexidade, que deve ser considerado de maneira muito simples, i.e., com "inocência". Nossa mente está tão depravada, e velha, e corrupta, apesar de todo o seu saber e experiência, que não somos capazes de considerar nada com simplicidade. Entretanto, só podemos compreender o complexo problema da vida quando

o consideramos com simplicidade, com olhos "inocentes"; e não temos "olhos inocentes" quando começamos a escolher, a gostar, a não gostar, a aceitar ou rejeitar. Muitas religiões, em todo o mundo, têm dito que devemos ser sem desejo, agir sem desejo — e isso é absurdo, porque só nos leva a refreá-lo, sufocá-lo, controlá-lo e a tornar cada vez maior o conflito. Portanto, não estamos interessados na repressão do desejo, porém, sim, em compreendê-lo. Ao compreendermos uma coisa, ela deixa de ser problema, deixa de ser uma carga e algo que tem de ser combatido.

Pode-se ver de maneira muito simples como o desejo surge e como se lhe dá vitalidade, continuidade. O desejo, por certo, começa com o ver, ou sentir, ou provar, e a sensação resultante desse contato. Depois, o pensamento intervém e diz que "isto" é bem agradável ou desagradável, que deve continuar ou não deve continuar. Assim, o pensamento, dando continuidade à sensação, fortalece o desejo. Isso se pode observar de maneira muito simples; não é nenhum problema extremamente complexo. Vemos um belo rosto, um belo carro, uma montanha, um poente, uma extensão de água rutilando ao sol; olhamo-los e encontramos grande prazer, deleite. Ver — sensação; entra em cena o pensamento e diz "preciso conservar isto, entesourá-lo, pensar a seu respeito." O mesmo acontece em relação ao sexo, e a todas as outras formas de prazer. O pensamento dá continuidade ao prazer, tornando-o desejo.

Olhar sem a interferência do pensamento é, em si, uma extraordinária disciplina; a vida não é então uma batalha. Se estais compreendendo (pois espero que não estejais meramente a ouvir explicações, que nenhum valor têm, são como cinzas frias), se estais realmente fazendo a viagem, fazendo vossa própria exploração, não haverá nada adquirido em "segunda mão". Aqui não pode haver instrutor e discípulo, *guru* e seguidor, porém, tão-só, *aprender* — aprender a todas as horas. Não se trata de aprender para depois agir segundo o conhecimento que se acumulou; isso também gera antagonismo, batalha. Mas, se estais *escutando,* então, nesse próprio ato de escutar aprende-se e atua-se. Tem, assim, a vida uma significação totalmente diferente — um significado e valor que não é dado pelo intelecto.

Impende compreender essa coisa chamada "morte" e que tanto tememos. A meu ver, o ente humano que não compreender o que é viver ou morrer, ou isso que se chama "amor", não é um autêntico ente humano, porém uma entidade assustada,

semelhante ao animal. E, quanto mais "sofisticados" somos exteriormente — fazendo viagens à Lua ou vivendo no fundo do mar, possuindo formidáveis instrumentos de destruição, ou de construção — tanto mais superficial se torna a nossa vida interior. E essa mesma superficialidade conduz a grande aflição, a um conflito maior, não no campo de batalha, mas em nosso interior.

Para se descobrir o que é a morte, temos de estar libertados do temor. Todos temos de morrer, quer nos agrade, quer não; não importa que os médicos, os cientistas, possam dar-nos mais dez ou cinqüenta anos de vida, "aquela coisa" está sempre à nossa espera; não podemos evitá-la; nem novos hormônios, novos antibióticos, uma nova genética ou geriatria — nada disso pode afastar aquele medo. Ele existe, porque a morte existe. Nós separamos o viver do morrer. Este nosso viver, de diária tortura, insultos, aflição (chamamos isso "viver") — nele poderá ocasionalmente brilhar um raio de luz, abrir-se "uma janela sobre mares encantados" — mas, o resto do tempo, é só aflição, sofrimento, confusão. É isso que chamamos "viver"; e tememos a morte — o fim dessa aflição.

Preferimos apegar-nos ao conhecido a enfrentar o desconhecido; o conhecido é nossa solidão, nosso sofrimento, nossa existência amargurada. Como somos incapazes de enfrentar essa coisa chamada "morte", inventamos teorias de toda espécie: no Oriente a reencarnação, aqui a ressurreição, etc. Se credes na reencarnação (como crêem, no Oriente, milhões e milhões de indivíduos), pela qual se entende que renascereis para uma próxima vida — sendo *vós* uma entidade constante, permanente (não há permanência nenhuma, mas isso não importa) — se credes na reencarnação, deveis viver agora uma vida muito intensa, clara, virtuosa, senão tereis de pagar na próxima vida, que será igualmente de tortura e agonia. Se tendes tal crença, deveis viver, agora e não amanhã, a vida apropriada — viver pacificamente, sem criar antagonismos, porque a próxima vida será constituída do que fizestes nesta vida. Mas, visto que ninguém quer promover tamanha revolução em sua vida, a crença na reencarnação, na ressurreição, ou outra forma de crença, se torna uma virtude tardia, sem nenhum valor.

Se sois realmente *sério* e desejais descobrir o significado da morte, tendes de entrar em contato com ela — com o fato; entrar em contato com a morte, não teoricamente — como uma coisa que tem de ser considerada, e portanto "consideremo-la" —

porém real e diretamente: morrendo. Morrer — por esta palavra se entende chegar ao fim, perder todas as coisas que conhecestes psicologicamente, vossas experiências, vossos prazeres; morrer — todos os dias! Do contrário, jamais sabereis o que é a morte; porque é só no morrer que se pode encontrar alguma coisa nova — e não na continuação do "velho". Em geral vivemos sob a pesada carga do conhecido, do ontem, das memórias, do EU, esse feixe das memórias ontem acumuladas, sem nenhuma realidade em si. Morrei para essas memórias, morrei para um prazer, sem discussão — se sabeis o que significa morrer para um prazer, para uma coisa em que encontrastes grande deleite, sem discussão, sem adiamento, sem nenhuma forma de ressentimento e amargor. Afinal, é isso mesmo que acontecerá quando de fato morrerdes. E, morrer cada dia, para todas as coisas que acumulastes, psicologicamente, é renascer totalmente. Se não morrerdes dessa maneira, nunca vos livrareis do problema da memória que acumulastes e que constitui o EU, a atividade egocêntrica a que estamos acostumados — a idéia de "minha" casa, "minha" família, "meu" livro, "minha" fama, "minha" solidão — aquela entidade insignificante que gravita incessantemente em torno de si própria, de seu limitado padrão de existência. Essa entidade subsistirá? Entendeis? Eis o nosso problema. Ou sabemos morrer todos os dias — e morrendo, realmente, nossa mente se torna nova, firme, ardorosa, sumamente *viva*; ou ficamos com o feixe de memórias e sua atividade egocêntrica, seus pensamentos, sua busca de preenchimento, seu desejo de ser importante, de imitar, de copiar. Essa rede de pensamento subsistirá? Entretanto, é "isso" que desejamos continue existente. Digo que, se não me preencho nesta vida, tenho pelo menos a possibilidade de me preencher na próxima vida. Estais entendendo? Evidentemente, o pensamento, que é egocêntrico, subsistirá nesta ou naquela forma. Mas, tal maneira de viver é por demais estúpida, semelhando uma máquina que ficasse rodando sem parar, bem lubrificada, com pouco atrito. E isso acontece sempre, quando — como costumamos fazer — separamos o viver do morrer: porque viver *é* morrer. Esse é o fato fundamental, representado por aquela palavra que estamos empregando. Não se pode viver se não se sabe morrer a cada minuto para toda forma de conhecimento, informação, acumulação psicológica; só então, talvez, compreenderemos o que é o amor. Para nós, como atualmente somos, o amor é uma coisa terrível, uma agonia, uma coisa rodeada de ciúme, inveja, incerteza, em todas as nossas relações. Nossas relações íntimas basei-

am-se todas no amor como prazer e desejo; nesse amor conhecemos o desejo de posse, de domínio, o medo, a agonia de não ser amado, de não saber amar; sabeis de tudo por quanto passamos. Sem jamais ter sabido o que ele significa, morremos. No amor não há sofrimento; o sofrimento e o amor não podem coexistir. Mas, no mundo cristão, o sofrimento foi idealizado, crucificado, adorado, e isso implica que jamais poderemos fugir ao sofrimento, a não ser por essa única porta. Esse o dogma central de uma sociedade religiosa, exploradora. O que conhecemos como "amor" é apenas ódio, ciúme, antagonismo, brutalidade, guerra. E, também, o amor não é o oposto do ódio, assim como a humildade não é o oposto da vaidade. Uma pessoa vaidosa jamais pode ser humilde: poderá esforçar-se e alcançar uma certa forma de humildade, que é, porém, hipocrisia. Quando um homem está livre da vaidade, em todas as suas formas (livre psicologicamente, interiormente, profundamente, sem estar buscando a humildade), há então humildade, há então amor. Como sabeis, a palavra "amor" está corrompida; todo jornal, toda revista, todo anúncio de marca de sabonete, fala em amor; assim também a palavra "Deus". Entretanto, empregando aquela palavra, estamos-lhe dando um significado todo diferente.

Não pode o amor, de modo nenhum, ser cultivado; não podemos criá-lo pelo pensamento. O pensamento é sempre velho, e o amor nunca pode ser velho. Todas as nossas relações estão baseadas no pensamento; o pensamento criou imagens que se interpõem entre as pessoas, e são essas imagens que ficam em relação. Por isso, não pode existir amor. O amor é sempre novo; aliás, não é novo nem velho, porém uma coisa completamente diferente.

Aí estão, pois, os principais problemas da vida. São problemas complexos, aos quais devemos aplicar-nos de maneira muito simples, sem nada pretender. Descobrimos então, por nós mesmos, um estado mental não contaminado pelo pensamento, uma dimensão totalmente diferente, que o homem sempre buscou. Só quando detivermos a busca, enfrentarmos o fato — *o que é* — e passarmos além, só então descobriremos aquele estado mental.

Desejais mais esclarecimentos sobre alguns desses pontos?

INTERROGANTE: Há partes de nosso inconsciente que se mantêm inativas, porque são novas. Não devemos entrar em contato com essas partes de nosso inconsciente?

KRISHNAMURTI: Todo estado consciente não é limitado? Ficai apenas escutando, sem aceitar nem rejeitar nada; vamos examinar juntos esta matéria. Todo estado consciente é limitado, porque há sempre o centro e a circunferência. Onde há um centro — e todo estado consciente necessita de um centro — tem de haver uma fronteira e, portanto, uma limitação. Isto é, quando à noite contemplais as estrelas, há espaço entre vós, o observador que está vendo, e as estrelas; há aquele espaço imenso criado pelo centro em relação ao objeto. Enquanto existir esse centro, esse observador, o espaço, por mais vasto que seja, há de ser limitado. Este salão tem um espaço limitado por quatro paredes, e externamente há o espaço criado pelo salão. O salão é o centro do espaço no qual ele próprio existe. Este microfone cria espaço em torno de si e existe no espaço. Espaço é aquilo que existe quando há um centro, como o microfone, ou como o EU, o observador. A consciência pode expandir-se, mas enquanto houver um observador, um centro, ela será sempre limitada, condicionada. Essa expansão da consciência pode ser obtida de várias maneiras (por meio de drogas, por exemplo, mas isso não nos interessa). Entretanto, por mais que possa expandir-se, a consciência é sempre limitada, condicionada. Ora, nessa consciência existem o consciente e o inconsciente. O inconsciente não é exterior ao centro que cria o espaço e, por conseguinte, não é exterior à limitação. Nesse condicionamento, nessa limitação, se encontra a separação do inconsciente e do consciente. E, diz o interrogante, há no inconsciente certas atividades que ultrapassam o pensamento, com as quais devemos entrar em contato. Existe no inconsciente alguma coisa nova? Não existe, evidentemente. Considerai o problema de outra maneira muito simples: Se *reconheceis uma experiência "nova"*, esse próprio reconhecimento provém do "velho"; aquela experiência nova não é, absolutamente, nova. Não sei se isto está claro para vós. Eu vos reconheço porque ontem me fostes apresentado, e disso ficou a memória com a qual vos reconheço hoje. E quando reconheço aquilo a que chamo "experiência nova", ela, com efeito, é o "velho", posto numa nova moldura, em circunstâncias diferentes. Por conseguinte, enquanto *há processo de reconhecimento, não há experiência nova.* Muito importa descobrir isso. A mente que o descobre não depende mais de experiência alguma; mas esta é outra matéria, inteiramente diferente.

23 de abril de 1967.

O ESTAR SÓ
(Paris — IV)

NAS TRÊS reuniões precedentes, consideramos com certa minúcia vários dos problemas humanos, tais como o medo, a ansiedade, a violência e o sofrimento. E, nesta tarde, desejo falar sobre um assunto que poderá exigir determinada atenção.

Em geral nos vemos tolhidos pelo ambiente em que vivemos, pela família, pela sociedade, e por nossas próprias medidas defensivas e nossa incapacidade de enfrentar os enormes problemas da vida. No final de tudo, após uma existência bastante triste e sem significação, está a morte. E, na vida — nesta vida que em geral levamos — há muito pouco espaço, muito pouca solidão. Quando estamos sós, nossa mente está repleta de conhecimentos, de experiências que tivemos, de influências, ansiedades, aflição e conflito. Torna-se cada vez mais embotada, insensível, funcionando numa monótona rotina. E, parece-me, uma das nossas maiores dificuldades é ter espaço; mesmo exteriormente, isso se está tornando cada vez mais difícil, porque vivemos em casas chamadas "apartamentos"; nossa vida é bem "apertada" e temos muito pouco espaço, tanto exterior como interiormente.

O espaço importa sobremodo, porque implica liberdade — liberdade de existir, de funcionar, de florescer. Afinal, a bondade só pode florescer se há espaço; a virtude só pode florescer se há liberdade. Quase se pode dizer que não temos liberdade nenhuma; podemos ter liberdade política (felizmente restam poucas tiranias), mas, interiormente, não somos livres, e, por conseguinte, não há espaço. Não sei se já refletistes sobre quanto releva termos espaço dentro de nós mesmos; não um espaço criado pela vontade, ou "imaginativa", "especulativa-

mente" formado. Sem espaço interior, a virtude ou qualquer outro atributo valioso não pode existir, desenvolver-se, funcionar; e a beleza (não na pintura, na música, na arquitetura), a beleza só é possível quando há silêncio.

O espaço e o silêncio são necessários, porque é apenas quando a mente está *só*, livre de influências, de conhecimentos, de seus milhares de experiências, e já não está funcionando no limitado e insignificante campo de sua monótona existência de cada dia — é apenas quando a mente está livre de tudo isso, *só*, em silêncio, que ela é capaz de descobrir ou de encontrar uma coisa totalmente nova. Desejo falar sobre este assunto nesta tarde. Mas o falar acerca de um assunto não constitui o fato; a palavra, o símbolo, não é a realidade. A palavra "árvore" não é a árvore. Entretanto, para a maioria de nós, o símbolo, a palavra, é o mais importante. Facilmente nos deixamos prender pela palavra. Mas, com efeito, é da máxima importância que encontremos uma certa coisa que não seja meramente a palavra, com todas as suas implicações, que encontremos o fato, o verdadeiro estado em que a mente — embora tenha vivido milhares de experiências — está *só*, não contaminada pela civilização, pelas constantes batalhas da vida. Parece-me que, nesse estado, pode verificar-se uma coisa nova — uma nova corrente, uma nova onda de vida, um movimento criador.

É possível à nossa mente, tão fortemente condicionada que está, libertar-se e ficar só, intata? — libertar-se, não só do moderno condicionamento tecnológico, mas também do fundo racial e cultural em que tão obviamente foi condicionada, dos dois ou três milhões de anos de profundo condicionamento que a humanidade já viveu? Somos o resultado de tantas influências, de tantas experiências, de tantos temores e ansiedades, que não podemos deixar de perguntar: Pode essa mente, sob esse enorme peso de condicionamento, libertar-se e ficar só, intata? Não sei se isso representa um problema para vós, nem mesmo se alguém já fez uma tal pergunta. O que a maioria de nós deseja é resolver os seus problemas imediatos, alcançar seus imediatos preenchimentos, vaidades ou prazeres; mas, quando ultrapassamos tudo isso, devemos inevitavelmente perguntar: Tem a mente alguma possibilidade de renovar-se, de ficar intata? Há quem diga (os comunistas, os religiosos, católicos e outros) que isso nunca sucederá, porque a mente estará sempre condicionada. Como fomos educados, condicionados, provavelmente nun-

ca fazemos uma tal pergunta; e, quando a fazemos, somos incapazes de encontrar uma resposta (talvez a encontremos ideologicamente, porém *realmente*, nunca!). O que me parece importante é que possamos *descobrir*, e não vivermos de teorias, fórmulas, na esperança de, no fim, acharmos a resposta; releva, isto sim, descobrir realmente, verdadeiramente.

Todo o Oriente anda mesmerizado pela palavra "meditação", e no Ocidente a palavra "oração" importa sobremaneira. É essencial averiguar se a mente — já tão complexa e, além disso, presa a um "sistema de meditação" ou de repetição de palavras, ainda que muito antigas e significativas, na forma de oração — é essencial averiguar se a mente tem de fato a possibilidade de conhecer a meditação ou aquilo que existe além da palavra "oração", e descobrir um estado de silêncio real.

É só quando a mente está em silêncio, que se pode compreender uma coisa. Se desejo compreender uma certa pessoa, minha mente deve estar quieta, não deve estar tagarelando, nem cheia de preconceitos e de opiniões e experiências, que impedem a observação e a compreensão.

Pode-se ver diretamente que é só quando a mente se acha quieta que há possibilidade de clareza; e a finalidade da meditação, no Oriente, é produzir um tal estado mental. Essa finalidade é o controle do pensamento — a mesma finalidade da constante repetição de uma oração — para que nesse estado de quietação tenhamos a esperança de resolver os nossos problemas. Temos de compreender esses problemas, temos de estar livres das ânsias e dos temores que eles engendram, porque, do contrário, não podemos ser autênticos entes humanos, porém seremos entidades torturadas, e uma entidade torturada, é bem de ver, não pode olhar com clareza uma coisa séria.

A menos que lancemos as bases — ou seja, que nos livremos do medo, do sofrimento, da ansiedade, e de todas as armadilhas que, consciente ou inconscientemente, armamos para nós mesmos — não percebo como seja possível a mente ficar realmente quieta. Esta é uma das coisas mais difíceis de comunicar ou mesmo de tratar verbalmente. A comunicação requer — não é exato? — que não só compreendamos as palavras que empregamos quando expomos um assunto, mas também que ambas as partes — o orador e o ouvinte — se mantenham "intensas", no mesmo nível e ao mesmo tempo, capazes de se encontrarem não um momento mais tarde ou um segundo após. De outro modo, não é possível a comunicação. E essa comunicação também não

é possível quando estais interpretando o que se diz segundo vossas opiniões, vossos conhecimentos, vosso prazer; ou quando estais fazendo um esforço tremendo para compreender. Uma das maiores dificuldades reside nessa constante luta para alcançar, para compreender, para adquirir; porque desde a meninice somos educados para adquirir, para realizar coisas (as próprias células cerebrais estabeleceram esse padrão, a fim de terem segurança física; mas a segurança psicológica está fora do campo delas).

A mente deseja estar de todo certa, mas não existe certeza alguma. Podemos exigir segurança em nossas relações, em nossas atitudes, em nossas atividades, mas, na realidade, tal coisa não existe — um estado de segurança. E, quando estamos tentando comunicar-nos uns com os outros, podemos estar pensando (e sem dúvida a maioria de nós está) em termos desse impulso a alcançar a segurança psicológica, o qual governa todas as nossas atitudes, todas as nossas atividades, todo o nosso pensar e, por isso, se torna um obstáculo. Assim, antes de podermos começar a compreender uma coisa muito mais fundamental, temos de esclarecer-nos acerca da questão da segurança. Psicologicamente, existe a possibilidade de estar em segurança? Essa pergunta não implica que devamos viver num estado de incerteza e dessa maneira criando certas formas de neurose. É uma pergunta que devemos fazer a nós mesmos, a fim de descobrirmos se existe realmente alguma forma de certeza psicológica, interior.

Quando um indivíduo é jovem, ativo, há grande descontentamento e a vontade de fazer perguntas, mas, infelizmente, esse descontentamento desaparece quando ele se torna mais velho, se estabiliza num emprego, constitui família, assume responsabilidades, se submete ao condicionamento pelo ambiente; gradualmente, o descontentamento, a curiosidade de descobrir, o indagar — tudo desaparece. O indivíduo aceita, desaparece o seu descontentamento, e ele perde o interesse em descobrir por si próprio, realmente, se existe alguma forma de segurança. Em todas as relações — pois a vida são relações; viver é estar em relação — exigimos segurança, e por essa razão tornamos a vida um campo de batalha. Mas, se percebemos que, psicologicamente, não existe segurança (e de fato não existe, por mais que a exijamos; não há nada permanente), se percebemos isso, não como uma definição, uma idéia, porém se percebemos realmente o fato de que não existe nenhuma possibilidade de estarmos psicologicamente em segurança — teremos então um acesso à vida totalmente diferente.

Como dissemos, o espaço e o silêncio são necessários. Só no silêncio há beleza. Como atualmente somos, só conhecemos a beleza no objeto — num poema, numa peça de música, num quadro, etc. — mas existe beleza sem objeto? Porque, se não há beleza sem objeto, nesse caso a beleza não existe. Descobrir essa beleza é, com efeito, descobrir (se me é permitido empregar esta palavra) o amor. A beleza só pode existir no silêncio.

Como pode a mente, que está sempre tão ativa, ativa em seu interesse próprio, em suas ocupações egocêntricas, como pode essa mente ficar quieta? Compreendeis? Ela tem de ficar quieta, porque é só quando a mente está tranqüila que se pode descobrir alguma coisa nova. Ora, um verdadeiro cientista (não um cientista pago pelo governo para inventar armas de destruição) que investiga a fim de descobrir uma certa verdade, necessita de solidão e quietude, senão não pode descobrir. Da mesma maneira, o silêncio é absolutamente necessário para descobrirmos, compreendermos e transcendermos as nossas limitações psicológicas. Como é possível isso à mente que está sempre tão ativa, egocentricamente? Esse é um problema que sempre desafiou o homem. Todos sabemos que, para compreender alguma coisa, temos de estar muito quietos; para olhardes o poente, as flores, as árvores, na primavera, deveis estar quieto; devemos ser altamente sensíveis para olhar. E como pode quietar-se a mente que tagarela incessantemente? Eis a questão. Tratemos agora de descobrir a verdade a seu respeito.

Pode-se tentar quietar a mente, disciplinando-a, controlando-a, moldando-a, mas tal tortura não a torna quieta; pelo contrário, torna-a mais embotada. É, pois, evidente que nem o controle, nem o cultivo de um ideal para ter uma mente quieta, tem algum valor, porque, quanto mais controlamos a mente, quanto mais a forçamos, tanto mais estreita, tanto mais estacionária e embotada a tornamos. Isso é tão óbvio que nem é necessário examinarmos o respectivo processo psicológico. O controle, tal como qualquer forma de repressão, só produz conflito. Portanto, o controle não é o meio eficaz. E, também, nenhum valor tem uma vida indisciplinada.

Temos de compreender a disciplina, pois a vida da maioria de nós é disciplinada — exteriormente, pela pressão, pela influência, pelas exigências da sociedade, e pela família; interiormente, pelo nosso sofrer, nossas experiências, nosso ajustamento a certos padrões, ideológicos ou "fatuais". Tudo isso constitui o padrão da disciplina, que é de efeitos repressivos. Mas deve haver uma

disciplina sem controle, sem repressão, sem nenhuma forma de medo. Como virá essa disciplina? Não se entenda que a pessoa tenha primeiro de disciplinar-se, para depois achar a liberdade; ao contrário, essa liberdade deve existir exatamente no começo; ela não é um resultado que se alcança no fim. Compreender essa liberdade (que significa estar livre da disciplina de ajustamento) é a própria disciplina. Afinal de contas, a palavra "disciplina", o radical dessa palavra, significa "aprender"; não, seguir, não, imitar, não, reprimir, porém *aprender*. O próprio ato de aprender é disciplina; nesse próprio ato, o aprender se torna lucidez. Isto é, o percebimento, por exemplo, da natureza do controle, do reprimir ou satisfazer; o compreender, o investigar, estudar atentamente toda a estrutura e natureza desse processo "imitativo", exige atenção, não é verdade? Não tenho de impor a mim mesmo uma disciplina, a fim de estudá-lo; o próprio ato de estudar cria sua peculiar disciplina, na qual não há repressão de espécie alguma. Para aprender, necessita-se de liberdade e no próprio ato de aprender está a disciplina. A consideração desse fato se me afigura importantíssima. Assim, a verdadeira negação, a negação de tudo o que tem sido considerado valioso — por exemplo, a disciplina quando *imposta*, o seguimento da autoridade — é um ato positivo, o qual, em si, é disciplina.

Para rejeitar a autoridade — referimo-nos à autoridade psicológica — negar a autoridade das idéias, a autoridade de que, interiormente, investimos a Igreja, a experiência, a tradição, etc., temos de examinar-lhe a estrutura e ver que a ela obedecemos por medo — medo de errar, de não ser bem sucedido na vida. Cumpre estudá-la sem condenação ou justificação, sem opinar, sem aceitar — estudá-la realmente. Para estudá-la, necessita-se de liberdade. Ora, se aceito a autoridade, não posso estudá-la. Para estudar, em mim mesmo, toda a estrutura psicológica da autoridade, necessito de liberdade. E, quando estamos estudando, observando dessa maneira, estamos negando a estrutura inteira; essa mesma negação é a luz da mente que se livrou da autoridade. Assim, a total negação da autoridade interior é uma ação que se torna positiva (refiro-me à autoridade apenas como exemplo). A negação do que era positivo, o estudo e a compreensão desse "positivo", em plena liberdade (não meramente como revolta) é a ação positiva da liberdade. Estamos, pois, rejeitando todas as coisas que considerávamos importantes para promover a quietação da mente.

Nós temos necessidade de estar quietos; faz parte da vida estar quieto, faz parte da vida estar só (que não significa estar isolado) — e uma pessoa não pode estar só quando há essas incessantes pressões. Percebemos a importância de termos a mente quieta, mas não sabemos criar esse estado de quietação; esperamos alcançá-lo por meio de disciplina, de controle do pensamento, de repressão, pelo retirar-nos do mundo, à maneira dos monges, que se refugiam atrás dos muros de um convento ou atrás da muralha que para si próprios construíram, interiormente. Mas isso não leva à quietação; leva, ao contrário, à desintegração. Vemos, pois, que não é o controle, nem a cotidiana recitação de palavras, que tornam a mente quieta; tornam-na uma mente morta. Tampouco está quieta a mente quando tem um objeto em que se absorve inteiramente, tal como uma criança a quem se dá um brinquedo interessante; ela se esquece de suas travessuras, mas, se se lhe toma o brinquedo, recomeça a fazê-las. Nós outros temos nossos brinquedos, representados pelas idéias, nos quais nos absorvemos e pensamos ter ficado muito quietos. Se um homem se dedica a uma dada forma de atividade — política, literatura, etc. — isso é um brinquedo que o absorve, mas sua mente não está quieta, absolutamente.

Assim, para tornar-nos cônscios de todos esses fatores existentes em nossa vida — cônscios, quer dizer, simplesmente vigilantes, sem nenhuma escolha, cônscios do fato, da cor, do rosto à nossa frente, cônscios de nossas relações com outro, cônscios sem julgamento, sem opinião — vigilantes — começamos a ver coisas que dantes nunca víramos. Então, quando a mente está cônscia dessa maneira, ver-se-á que, em virtude desse percebimento (que não é um sistema que se está seguindo, porém veio naturalmente) — ver-se-á que somos capazes de atenção. Não sei se já notastes que, ao prestarmos total atenção a uma coisa — aplicando-lhe nosso coração, nossa mente, nossos nervos, nossos ouvidos, tudo o que temos — não sei se já notastes que não há nenhum centro, nenhum observador, nenhuma entidade que está prestando atenção. Se, por exemplo, estais agora escutando atentamente, sem opinião, sem concordância nem discordância, porém prestando atenção completa, com a mente, com o coração, com uma atenção em que não há nenhuma divisão — então, nesse estado, não há nenhuma entidade que está escutando e, por conseguinte, não há contradição, não há conflito. Nesse estado de atenção há silêncio. Nesse estado de atenção há lucidez.

A atenção não é possível quando se está em busca de experiência. É um fato estranho, esse, que todos desejamos experiências e mais experiências; visto que as experiências triviais, de todos os dias, se tornaram insípidas, monótonas, corriqueiras, desejamos experiências mais importantes; e, se estamos envelhecendo, com nossos apetites e exigências sexuais em declínio, desejamos experiências mais amplas, mais profundas. E, para ter essas experiências mais amplas e profundas, o homem procura, por meio da vontade, alcançar várias coisas, expandir a consciência — que constitui uma arte, uma arte dificílima. E também experimenta drogas de vária espécie. Esse é um expediente já velho, existente desde tempos imemoriais — mastigar certas folhas e, modernamente, tomar drogas — L.S.D., etc. — de que se usa para expandir a consciência, ter experiências mais grandiosas. A exigência de experiências mais grandiosas revela a pobreza interior do homem. Pensa ele que, por meio delas, poderá fugir de si próprio, quando, em verdade, essas experiências são condicionadas pelo que ele *é*. Se a mente é mesquinha, ciumenta, ansiosa, a droga mais moderna fará que ela veja sua mesma e insignificante criação, de si própria projetada, como visão, imagem, etc.

Toda forma de experiência deve ser posta em dúvida, porquanto no processo de experimentar há sempre o fator do reconhecimento. Só reconhecemos uma experiência porque já a tivemos. Todo reconhecimento se baseia no passado. Por conseguinte, quando se reconhece uma experiência, ela já é uma experiência velha; não é nada novo.

Começamos a descobrir que, no estado de atenção, de atenção completa, não existe o observador com seu velho condicionamento, tanto consciente como inconsciente. Nesse estado de atenção, a mente se torna sobremodo tranqüila. As células cerebrais, ainda que capazes de reação, já não funcionam, psicologicamente, dentro de um padrão; tornam-se extraordinariamente quietas, psicologicamente.

Assim, para se alcançar essa liberdade, esse silêncio e espaço, temos de rejeitar toda a estrutura psicológica da sociedade em que estamos vivendo. Isso é bem interessante e importante, porque, do contrário, ficamos funcionando de maneira puramente mecânica. E, para rejeitarmos a estrutura psicológica da sociedade, que nós mesmos construímos e dela fazemos parte, requer-se atenção, requer-se observação de nós mesmos,

tais como somos, todos os dias. Nessa atenção total, alcança-se o percebimento do que realmente *é*, e, portanto, a liberdade.

Podemos, por meio de perguntas, examinar esses pontos de maneira diferente?

INTERROGANTE: Creio que tocastes no problema da solidão, que é um problema capital, porquanto nós estamos sós, no sentido total da palavra. Creio que, em se nos mostrando a importância capital desse fato, alguns de nós teriam a possibilidade de ver mais claramente o problema que estivestes expondo.

KRISHNAMURTI: Nós estamos sós, alguma vez? Quando passeais desacompanhado, numa rua, numa floresta, estais *só*? Ou estais levando convosco todas as cargas e todas as memórias de ontem e, portanto, não estais realmente *só*? — Conta-se uma interessante história de dois monges que se dirigiam de uma aldeia para outra, numa manhã cheia de sol e de sombras densas. Em caminho encontram uma jovem sentada à margem de um rio, a chorar. Um dos monges, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: "Irmã, porque choras?" Ela respondeu: "Estás vendo aquela casa, do outro lado do rio? Esta manhã vim para este lado, vadeando o rio sem dificuldade; agora ele encheu-se e não posso atravessá-lo, e não há nenhum barco." Ora, retrucou o monge: "Isso não é problema" — e, tomando a jovem nos braços, transportou-a para o outro lado. E os dois monges prosseguiram a jornada. Passadas algumas horas, o outro monge disse: "Irmão, nós fizemos o voto de nunca tocar numa mulher. O que fizeste é um horrível pecado. Não sentiste prazer, não experimentaste uma sensação extraordinária no contato com uma mulher?" — E o outro monge respondeu: "Eu a deixei para trás há duas horas. Tu ainda a estás carregando, não é verdade."

É isso o que fazemos. Estamos carregando os nossos fardos a todas as horas, nunca morrendo para eles, nunca os deixando para trás. Isso significa dispensar toda a atenção a qualquer problema, logo que surge, e resolvê-lo imediatamente, sem o levarmos para o dia seguinte, o minuto seguinte. Assim, a mente se conserva sempre nova. Só então há a verdadeira solidão, ainda que estejais numa casa cheia de gente ou num ônibus superlotado. A solidão é necessária: indica uma mente nova, uma mente inocente.

INTERROGANTE: Quereis estender-vos um pouco mais sobre o que entendeis ao dizerdes que devemos duvidar de nossa experiência?

PROBLEMA

KRISHNAMURTI: Que é experiência, senhor? Quando "respondeis" a um desafio, importante ou insignificante, se essa "resposta" não é adequada, completa, há conflito. Esse conflito, agradável ou doloroso, faz parte da experiência. Ao experimentardes qualquer coisa — seja uma reação a um discurso político, seja o que for — essa reação ou é parcial ou é total; se total, é adequada ao desafio. Todo desafio é novo, senão não é desafio, e se "respondeis" com o vosso *fundo*, a experiência se verifica em termos do velho, e não é experiência nenhuma.

No tocante à maioria de nós, a experiência representa o estímulo de que necessitamos para nos mantermos despertos. Se não houvesse desafios de espécie alguma, ferraríamos no sono, nos tornaríamos completamente embotados. Estão ocorrendo no mundo enormes mudanças tecnológicas, e nossa reação psicológica a essas mudanças é inadequada e, por isso, há conflito.

A experiência, como a conhecemos, é um processo de reconhecimento de coisa passada. Não se pode reconhecer uma experiência nova; isso é impossível. Só se pode reconhecer uma coisa que já se conhece; por conseguinte, quando dizemos que temos uma experiência nova, essa experiência não é, de modo nenhum, nova.

Precisamos compreender esse processo de reconhecimento, que é a memória, que é o passado. É o passado que está sempre a "responder". Nós somos o passado, o feixe de memórias que está sempre a "responder", a exigir mais e mais experiência. E, como disse, se não houvesse desafios, estaríamos dormindo. Deles dependemos para nos mantermos despertos. Quanto mais inteligente se torna um homem, tanto mais tende a rejeitar o desafio; e cria então seu desafio próprio, indagando, duvidando, questionando, negando, mas, nisso, encontra-se ainda o processo de reconhecimento e, portanto, conflito.

Pode a mente manter-se desperta, sem o estímulo da experiência? Isso requer muita sensibilidade, tanto física como psicológica, grande capacidade e vulnerabilidade. A mente não busca, não exige, então, experiência alguma. Ela é sua própria luz; não necessita de nenhum desafio, nem conhece desafio algum; não diz: "estou dormindo" ou "não estou dormindo": ela é, inteiramente, *o que é*.

Só a mente frustrada, limitada, superficial, a mente condicionada, anda em busca de *mais*. É possível vivermos neste mundo, sem *o mais*, sem esta perpétua comparação? É, decerto. Mas isso cada um precisa achar por si próprio.

INTERROGANTE: Qual a diferença entre uma criança de dois ou três anos que faz uma pergunta a si própria, e o adulto; entre as perguntas que a criança faz e as perguntas do adulto?

KRISHNAMURTI: Oh, uma diferença enorme, sem dúvida. A criança, a criança inteligente, faz uma pergunta porque quer descobrir, aprender; não é uma criança assustada: quer aprender. Mas o adulto faz perguntas a fim de adquirir conhecimentos que lhe sirvam de base para agir. Para ele, o aprender, em si, não é importante; o que importa é aprender a fim de agir. Quer primeiro aprender, para depois atuar. A criança é *inocente* — se posso empregar esta palavra. As pessoas mais idosas já há muito cessaram de aprender. Aprenderam, adquiriram conhecimentos, na forma de idéias, e em conformidade com essas idéias atuam, com o fim de proteger a si próprias, de pôr-se em segurança. Parece haver uma enorme diferença entre ambos.

27 de abril de 1967.

MENTE LIVRE
(Paris — V)

A MENTE religiosa difere sobremodo daquela que crê na religião. No sentido psicológico, a mente religiosa está livre da sociedade, livre também de todas as formas de crença, todas as formas de exigência de experiência e auto-expressão. O homem sempre criou, através das idades, um conceito a que deu o nome de "Deus". Para o homem, a crença nesse conceito chamado Deus sempre foi necessária, porque vê que a vida é desgraçada, uma sucessão de batalhas, conflitos, aflições — com uma ocasional centelha de luz, de beleza, de alegria.

A crença num conceito, numa fórmula, numa idéia, se tornou necessária porque a vida pouco significa. A rotina diária, o emprego, a família, o sexo, a solidão, a opressão, o conflito da auto-expressão, são coisas insignificantes; e, no fim de tudo, a morte! Portanto, o homem tem de crer, a crença se lhe tornou uma imperiosa necessidade.

Conforme o clima e a capacidade intelectual dos inventores dessas idéias e fórmulas, estabeleceu-se o conceito de Deus, do Salvador, do Mestre, e o homem sempre tentou, por esse meio, alcançar um estado de suprema felicidade, de Verdade, a realidade de um estado mental inteiramente a salvo de perturbações. Os autores dessas idéias e conceitos estabeleceram um sistema ou caminho para ser percorrido a fim de alcançar-se aquela Realidade. E o homem tem torturado a sua mente — pela disciplina, o controle, a renúncia, a abstinência, a austeridade — inventando diferentes caminhos para aquela Realidade. Na Ásia, há muitos caminhos que conduzem à Realidade (pelo menos é o que se diz), conforme os temperamentos e as circunstâncias, e tais caminhos são seguidos para se alcançar aquela

Realidade que não pode ser medida pelo homem, pelo pensamento.

No Ocidente, há um Salvador; só por meio dele pode achar-se aquela coisa suprema. Todos os sistemas do Oriente e do Ocidente implicam um constante controle, uma constante deformação da mente, a fim de ajustá-la ao padrão fixado pelo sacerdote, pelos livros sagrados, por todas essas coisas deploráveis que constituem a essência mesma da violência. Sua violência não consiste apenas em renunciar à carne, mas também em renunciar a toda forma de desejo, a toda forma de beleza, por meio do ajustamento a determinado padrão.

Têm-se registrado milagres, de certa natureza, tanto no Oriente como no Ocidente; mas, milagres são das coisas mais fáceis de operar. E os que realizam tais milagres são ungidos como santos; são homens que "bateram todos os recordes" de ajustamento a um padrão, expresso em sua vida diária. Têm eles muito pouca humildade, porque a humildade não pode ser exibida exteriormente; o cingir uma tanga, uma túnica, não é de modo nenhum um atestado de humildade. Como toda virtude, a humildade existe de momento em momento, não pode ser produto de cálculo, não pode ser estabelecida como um padrão para ser seguido.

Mas o homem, através das idades, sempre fez isso; o iniciador, aquele que por primeiro experimentou uma certa coisa chamada Realidade, estabeleceu um sistema, um método, um caminho, que o resto da humanidade ficou seguindo. Os seus discípulos, por meio de hábil propaganda e de ardilosas maneiras de cativar a mente humana, estabeleceram uma busca e um sistema de dogmas e rituais. E nessa rede o homem ficou emaranhado. Quem deseja descobrir aquilo que o homem está sempre a buscar deverá submeter-se a uma certa espécie de deformação, certa espécie de repressão, de tortura, a fim de alcançar aquela suprema beleza. Intelectualmente, pode-se perceber o absurdo que há em tudo isso; intelectualmente, percebe-se o absurdo de ter qualquer crença que seja, e a insensatez de qualquer ideologia. Intelectualmente, a mente poderá dizer que uma coisa é absurda e livrar-se dela; porém, interiormente, intimamente, está sempre a buscar, fora dos rituais, dos dogmas, das crenças, dos Salvadores, fora de todos os sistemas, que são óbvias invenções do homem. Vendo que seu Salvador, seus deuses, são invenções, pode um homem libertar-se deles com relativa facilidade. É o que está fazendo o homem moderno

(não sei porque se faz uso da palavra "moderno"; o homem foi sempre muito semelhante ao que é hoje, através de gerações e gerações). Mas, hoje em dia, o clima é tal que ele está negando totalmente a autoridade do sacerdote, da crença e do dogma, em suas próprias raízes; para ele, Deus morreu — morreu muito jovem! E, não havendo nem Deus, nem crença, não existe outro conceito senão o do prazer físico, concreto, da satisfação física, e de uma sociedade evoluída. Vive o homem para o presente, negando totalmente a concepção religiosa.

Começa-se por rejeitar os deuses externos e os sacerdotes das religiões. Estas devem ser totalmente rejeitadas, porque não têm valor algum, sempre geraram guerras e dividiram os homens. As religiões, não importa se judaica, hinduísta, cristã, muçulmana, destruíram o homem, dividiram a humanidade, e sempre foram uma das principais causas da guerra e da violência. E, percebendo isso, o homem rejeita a religião; põe-na à margem como coisa infantil, imatura. Intelectualmente, isso é muito fácil; quem vive neste mundo e observa os métodos de exploração por parte das igrejas e dos templos, que pode fazer senão negar? Mas, muito mais difícil é um homem libertar-se da crença e do buscar, no nível psicológico. Todos desejamos achar uma certa coisa não contaminada pelo homem, não contaminada pelo pensamento sutil; uma certa coisa que a razão não possa destruir. Intimamente, todos buscamos, porquanto nossa vida é um tormento, uma batalha, uma aflição, uma rotina. Pode um homem ter a capacidade de expressar-se pela palavra, pela pintura, pela escultura, pela música, mas mesmo essa capacidade pode tornar-se um tanto vazia. A vida, tal como a conhecemos, é muito vazia e, conseqüentemente, procuramos preenchê-la com a música e a literatura, com diversões e entretenimentos, com idéias, com conhecimentos; mas, se nos investigamos mais profundamente, descobrimos como estamos vazios, como é superficial a nossa existência — embora tenhamos títulos, haveres, capacidades.

A vida é vazia e, percebendo esse fato, andamos em busca de meios e modos, não só de preencher esse vazio, mas também de alcançar uma certa coisa não mensurável pelo homem. Uns tomam drogas, L.S.D. ou qualquer outra das várias drogas psicodélicas que expandem a consciência. Por meio delas, alcançam-se ou experimentam-se certos estados, porque se deu ao cérebro uma certa sensibilidade. Mas, tais resultados são puramente químicos. São resultados produzidos por agentes exter-

nos. A pessoa toma a droga na esperança dos resultados, e tem em seguida, interiormente, tais experiências. E como cada um tem suas crenças, cada um experimenta de acordo com elas. São coisas similares (as drogas e as crenças), e, contudo, o homem fica preso à crença — ao narcótico da própria crença, ou à crença no narcótico químico. Fica, inevitavelmente, preso na rede de seus pensamentos. Mas, ao perceber bem isso, o homem rejeita a crença — quer dizer, fica inteiramente livre de todas as crenças. Isso não significa que ele se torna agnóstico, que se torna pessimista ou amargurado. Pelo contrário, ele percebe a natureza da crença e a razão por que a crença se tornou tão desmedidamente importante; a razão é o medo — basicamente, é esta a razão. Medo — não só da vida, do diário tormento, mas também medo de não "vir a ser", de não "realizar-se psiquicamente, de não preencher-se, de não alcançar poder, prestígio, fama — tudo isso cria muito medo, mas esse medo podemos suportar; porém, foi por causa desse medo interior que a crença se tornou tão importante. Ante a absoluta inanidade da vida, a pessoa persiste apegada à crença; ainda que se livre da autoridade externa da crença — da crença inventada pelos sacerdotes, em todo o mundo — cria, para si própria, sua crença particular, a fim de encontrar aquela coisa extraordinária que o homem sempre buscou.

Portanto, o homem busca. A natureza, a estrutura da busca é bem clara. Porque buscamos? Essencialmente, por egoísmo (*self-interest*) — um egoísmo esclarecido, porém sempre egoísmo. Porque, diz a pessoa: "A vida é tão sem valor, tão vazia, monótona, estúpida! Deve haver mais alguma coisa e, por isso, irei àquele templo, àquela igreja, àquele...". Mais tarde, a pessoa rejeita tudo isso e começa a buscar profundamente. Mas o buscar, em qualquer forma que seja, se torna, psicologicamente, um obstáculo. Isso precisa ser compreendido com toda a simplicidade e clareza. Podemos, objetivamente, rejeitar a autoridade de qualquer agente externo que promete levar-nos à verdade suprema — de fato o fazemos. Mas (uma vez compreendida a natureza da busca) é necessário rejeitar também todas as formas de busca, porque, afinal, que estamos buscando? Se investigais, o que é que estais procurando, o que é que desejais, não percebeis que estais buscando alguma coisa que já conhecestes, que perdestes e desejais achar? Essa é uma das implicações do buscar. No buscar, está contido o processo do reconhecimento; isto é, quando achais qualquer coisa que estejais buscando, deveis ser capazes de reconhecê-la, senão a

busca não tem sentido nenhum. Por favor, continuai a prestar atenção. Uma pessoa busca uma certa coisa, na esperança de achá-la e, ao achá-la, de reconhecê-la. Mas o reconhecimento é ação da memória e, por conseguinte, supõe que já conhecíeis a coisa, que ela já fora vislumbrada por vós; ou, tendo sido tão condicionado pela intensa propaganda das religiões organizadas, vós vos hipnotizais para vos pordes naquele estado (estado de reconhecimento). Assim, quando estais buscando, já tendes um conceito, uma idéia relativa à coisa buscada; e quando a achais, isso significa que já a conhecíeis, senão não poderíeis reconhecê-la; portanto, ela não é verdadeira, em absoluto. Por conseguinte, devemos alcançar aquele estado mental realmente livre de toda busca, de toda crença — sem nos tornarmos pessimistas, sem nos estagnarmos. Pois tendemos a pensar que, se não buscamos, se não nos esforçamos, se não lutamos, se não buscamos incessantemente, definharemos. E não sei porque não devemos definhar — como se já não estivéssemos a definhar... A gente definha quando morre, quando envelhece, quando o organismo físico perece. Nossa vida é o "processo" do definhar, porque, nela, na vida diária, nós imitamos, copiamos, seguimos, obedecemos, nos ajustamos; tudo isso são formas de definhamento. Assim, a mente que já não está presa a nenhuma forma de crença, a nenhuma crença por ela própria criada, que já não está a buscar coisa alguma — embora isso possa ser um pouco mais difícil — está sumamente ativa. A verdade é uma coisa que só existe de momento em momento; como a virtude, como a beleza, ela não tem continuidade. O que tem continuidade é produto do tempo, e o tempo é pensamento, o tempo é sofrimento, o tempo é...

Vendo o que o homem fez a si próprio, quanto se torturou, quanto se embruteceu — tornando-se nacionalista, absorvendo-se num certo entretenimento, como a literatura ou isto ou aquilo — vendo todo esse padrão de vida, perguntamos a nós mesmos: "É necessário passar por tudo isso?" Entendeis esta pergunta? Tem um ente humano necessidade de passar por todo esse processo, passo a passo: rejeitar a crença (se está de fato vigilante), rejeitar a busca de qualquer espécie, rejeitar a tortura da mente, rejeitar a satisfação dos apetites? Vendo o que o homem fez a si próprio, no intuito de encontrar aquilo a que chama Realidade, perguntamos (perguntai-o a vós mesmo e não a mim) se existe um meio, um "estado de explosão" que tudo rejeita repentinamente — pois o tempo não é o meio adequado.

A busca supõe o tempo — achar no fim de certo tempo (daqui a dez anos ou mais), ou na próxima encarnação (em que crê toda a Ásia). Tudo isto implica tempo: livrar-nos gradualmente de todos esses conflitos e problemas; tornar-nos pouco a pouco mais judiciosos, mais hábeis, mais sabedores; descondicionar a mente lenta e gradualmente. É isso o que o tempo encerra. O tempo, evidentemente, não constitui o meio adequado, e também não o constitui a crença, nem as disciplinas artificiais, impostas por um sistema, por um *guru,* por um instrutor, por um filósofo, por um sacerdote. Tudo isso é infantilidade. Mas é possível, sem termos de passar por tudo isso, encontrar aquela coisa inefável? Pois ela não pode ser chamada. Por favor, compreendei este fato tão simples: ela não pode ser chamada e não pode ser buscada. Nossa mente é tão estúpida e limitada, nossas emoções tão vulgares, nossas maneiras de vida tão confusas, que aquela imensidão não pode ser convidada a entrar em nossa pequenina casa, num pequeno aposento, ainda que asseado e bem arrumado. Não podemos "convidá-la"; para convidá-la, precisamos conhecê-la, e nós não podemos *conhecê-la* (não importa *quem* diga que podemos), porque, no momento em que digo "conheço-a", não a conheço. No momento em que digo que a achei, não a achei. Se digo que a "experimentei", nunca a experimentei. Tudo isso são maneiras astuciosas de explorar outro homem — amigo ou inimigo.

Ao perceberdes isso, não intelectualmente, porém na vida diária, em vossas atividades cotidianas (quando escreveis, quando falais, quando saís de carro ou passeais a sós numa floresta) — ao perceberdes isso, num relance (não precisais de ler volumes para o perceberdes), compreendereis toda a estrutura. E só podeis compreendê-la como um todo, quando vos conheceis; quando vos conheceis simplesmente, tal como sois, como um resultado de toda a humanidade, quer sejais hinduísta, muçulmano, cristão, quer sejais qualquer outra coisa. Quando vos conheceis como sois, compreendeis toda a estrutura do esforço humano — embustes, hipocrisias, brutalidades, busca.

E, pergunta-se: É possível encontrar essa coisa sem a chamar, sem a esperar, sem a buscar, sem explorar? É possível ela aparecer, "acontecer", como a brisa que entra pela janela aberta? Não se pode chamar a brisa, mas temos de deixar aberta a janela. Isso não significa ficar num estado de espera, que é uma outra maneira de enganar a nós mesmos; não signi-

fica que devamos abrir-nos, para recebê-la, pois isso é outra forma de pensamento.

Mas, se nos interrogamos sem buscar, sem crer, então, nesse próprio interrogar, *achamos*. Mas nós nunca nos interrogamos. Queremos ser informados, queremos tudo corroborado, confirmado; fundamentalmente, nunca estamos livres da autoridade interior e exterior, em todas as formas. Esta é uma das mais curiosas peculiaridades da estrutura de nossa psique. Queremos que nos digam as coisas. Somos o resultado do que nos é dito. O que se nos diz é propaganda milenar. Temos a autoridade do livro antigo, a autoridade do líder atual, ou de um orador. Mas se, fundamentalmente, realmente, rejeitamos toda e qualquer autoridade, isso significa que ficamos isentos de temores. Ser sem medo é olhar o medo, pois, como acontece em relação ao prazer, nunca entramos diretamente em contato com o medo. Nunca entramos em contato real com o medo, assim como entramos em contato com uma porta, uma mão, um rosto, uma árvore, quando os tocamos; só entramos em contato com o medo através da imagem do medo que criamos para nós mesmos. Só conhecemos o prazer pela metade. Nunca estamos diretamente em contato com coisa alguma. Não sei se já observastes, ao tocardes uma árvore (como o fazeis, quando passeais na floresta), se *de fato* a tocais. Ou existe uma cortina entre vós e a árvore, embora a estejais tocando? Para se entrar diretamente em contato com o medo, não deve haver imagem alguma, quer dizer, não deve haver nenhuma lembrança do medo de ontem. Só então é possível entrar em contato real com o medo real de hoje. Então, se não há lembrança do medo de ontem, tendes a energia necessária para enfrentar o medo presente; e necessita-se de uma tremenda energia para enfrentar o presente. Dissipamos essa energia vital — que todos nós temos — por causa dessa imagem, dessa fórmula, dessa autoridade; e o mesmo acontece quando se está buscando o prazer. A busca do prazer é para nós sumamente importante. O prazer supremo é Deus — o Deus que supomos existir — mas ele pode ser a coisa mais aterradora que se possa conhecer; mas nós o imaginamos — o Supremo — e por isso nunca o encontramos. Mais uma vez, o fato é que — assim como reconhecemos um prazer como um prazer que ontem experimentamos — nunca estamos realmente em contato com a experiência real, com um estado real. A memória de ontem está sempre a cobrir, a velar o presente.

Assim, em vista de tudo isso, podemos ficar sem fazer nada, sem lutar, sem buscar — ficar totalmente "negativos", total-

mente vazios, inativos — uma vez que toda ação é resultado da "ideação"? Se já vos observastes quando agis, tereis visto que isso acontece por causa de uma idéia prévia, um conceito prévio, uma prévia lembrança. Há separação entre a idéia e a ação — um intervalo, ainda que muito pequeno, diminuto. Por causa dessa separação, há conflito. Pode a mente ficar completamente quieta, sem pensar, sem ter medo e, por conseguinte, sobremodo viva, ativa?

Conheceis a palavra "paixão"; esta palavra significa, muitas vezes, "sofrimento"[1]. Os cristãos têm-na empregado para simbolizar certas formas de sofrimento. Não é nesse sentido que estamos empregando a palavra "paixão". No completo estado de negação encontra-se a mais elevada forma da paixão; essa paixão implica o "total abandono de si próprio" (*self-abandonment*). Para esse total "auto-abandono" necessita-se de austeridade em alto grau; austeridade que não seja a rudeza do sacerdote para com os que o cercam; que não seja a austeridade dos santos, que a si próprios torturam e que se tornaram austeros por terem embrutecido a própria mente. Austeridade é, com efeito, simplicidade, no mais alto grau — não simplicidade no vestir, no comer, porém simplicidade interior. Essa austeridade, essa paixão, é a negação total, a negação na forma mais elevada. Então, se tiverdes sorte (sorte! — isso não é questão de sorte: a coisa vem sem ser chamada!) É que deixais de lutar, de forcejar em busca de alguma coisa. Podeis então fazer o que quiserdes — porque haverá amor!

Sem essa mente religiosa, não é possível criar uma verdadeira sociedade. Temos de criar uma nova sociedade em que haja muito pouco ensejo para as terríveis atividades ditadas pelo egoísmo (*self-interest*). Só com a mente religiosa pode haver paz — exterior e interiormente.

Há mais alguma coisa para considerar, já que é a última palestra, pelo menos deste ano?

INTERROGANTE: Experimentar e expressar... (*o resto da pergunta não pôde ser ouvido*)

KRISHNAMURTI: Que se entende por "expressão", e que é que estamos "expressando"? Sei que existe a idéia de que devemos expressar-nos; a "auto-expressão" (*self-expression*) se tornou sumamente importante. Mas, que estamos expressando? Nossas

(1) "Paixão" — do latim "*passio*" — do verbo *pati*: *sofrer*. (N. do T.)

capacidades? Se sois pintor, podeis expressar-vos numa tela (e depois ser explorado pelo proprietário da galeria). Ou, se sabeis manejar a pena, escreveis um livro. Que estamos expressando? Os mesmos e velhos padrões de ontem. É só isso que temos — rotina, em todos os sentidos? Bem; há necessidade de "expressar-nos"? Não quero dizer que devemos ou não devemos expressar-nos, mas, que é que está implicado na "auto-expressão"? Que se subentende ao empregar-se o termo "auto-expressão"?

O EU é sempre do passado; não é de modo nenhum uma coisa nova. Podeis expressá-lo muito habilmente, de uma maneira nova, empregando palavras novas, uma nova técnica, uma nova terminologia; mas, ele permanece essencialmente o mesmo. Esse é um aspecto da questão. E, quando dizeis: "Preciso expressar-*me*", que é que quereis "expressar"? Que é esse EU que está constantemente a exigir "expressão", sexualmente ou por meio de livros? *Evidentemente, o EU é um feixe de memórias; infelizmente, nada mais do que isso!* E, na "auto-expressão", encontra-se prazer, de modo que, quando falamos de "auto-expressão", entendemos "prazer do eu" — do EU, que é memória, coisa morta. Mas, existe uma expressão que não interessa ao EU, completamente independente do EU? Pois o EU, como bem sabemos, são memórias, experiência acumulada, prazer. Tal "expressão" seria, então, uma coisa completamente diferente.

INTERROGANTE: .... sem *motivo*?

KRISHNAMURTI: "Expressão sem motivo"... A memória das pessoas alega que a expressão é sem *motivo*, mas, ao mesmo tempo, são suficientemente sagazes para perceber que "expressão sem motivo" é uma coisa bastante duvidosa. Mas nós fazemos uma pergunta bem diferente: Existe uma expressão livre de qualquer atividade do EU, no sentido de expressar-se? E que há para expressar? Quando amais, não falais de "auto-expressão". Mas, se o amor está maculado pelo desejo, pelo prazer, então desejais "expressar-vos" sexualmente, ou por meio de livros; esse amor necessita de "expressão". Mas, se não há nenhuma atividade egocêntrica, não há necessidade de expressão: Estareis *vivo*, e o *viver*, em si, é expressão.

30 de abril de 1967.

CINCO PALESTRAS EM AMSTERDAM

O MEDO
(Amsterdam — I)

CONVERSAR a respeito de fatos, informações, é relativamente fácil. Conversar acerca de teorias, idéias, dogmas e conceitos teológicos, já é talvez um pouco mais difícil. Mas conversar, comungar, num nível mais profundo — não no nível das idéias e das palavras, porém no dos nossos problemas humanos — no centro de nossas complexidades, aflições, agonias e de toda a confusão a que o homem está sujeito — requer atenção e cuidado; e também uma certa capacidade de escutar.

Pode-se dizer que, em geral, não *escutamos*; ouvimos uma grande quantidade de palavras, interpretando o que ouvimos com nossas próprias opiniões, rejeitando-o ou aceitando-o. Mas, por "escutar" eu entendo: escutar realmente, sem tradução, sem interpretação, sem opinião; escutar realmente, sem espírito de condenação — o que não significa necessariamente "aceitação". Ao contrário, quando escutamos atentamente, fazemo-lo, com efeito, com um sentimento de afeição e amor; porque, sem atenção e interesse não é possível escutar coisa alguma. Se escutais música ou qualquer coisa em que credes, deveis prestar atenção; e deveis ter também um enorme interesse em escutar o ciciar da brisa entre as folhas. Da mesma maneira, para escutar o que este orador vai dizer, necessita-se de muita atenção; mas não há possibilidade de atenção quando a mente está ocupada em julgar, opinar, comparar, condenar ou justificar. O importante é, realmente, escutar. A condenação ou a comparação só atua como distração e, por conseguinte, não se pode escutar. Primeiramente, é preciso compreender as palavras. O que se diz em palavras não é o fato; a palavra nunca é o fato, a coisa.

Temos de ultrapassar a palavra, a fim de compreendermos, a fim de podermos comunicar-nos uns com os outros. E este (entre vários outros) vai ser o nosso problema: Como escutar, e, também, como ultrapassar a palavra. Ultrapassar a palavra é necessário, porque temos muitos problemas, não só físicos, mas também os problemas psicológicos, profundos. Temos enormes problemas, tanto individuais como coletivos, sociais. O indivíduo faz parte da estrutura social e essa estrutura foi criada, em todo o mundo, por indivíduos. A estrutura social, externa, representa a estrutura psicológica de nossas relações humanas.

Para compreender esses problemas, precisamos ter a mente bem vigilante; não uma mente turva, nem uma mente complexa, erudita, porém, antes, uma mente disposta a ver com clareza, a examinar, a explorar, independentemente de suas idiossincrasias, inclinações, temperamento, as coisas como são. Para examiná-las, necessita-se de atenção, de zelo.

Temos de investigar-nos profundamente, porquanto há necessidade de uma revolução — revolução psicológica. Não nos referimos à revolução comunista, social ou econômica; estas não mudaram fundamentalmente o homem. Já houve muitas revoluções e guerras, que só produziram efeitos superficiais, secundários. Mas, basicamente, bem no fundo, nós entes humanos continuamos os mesmos que éramos há milhões de anos. Têm-se feito progressos técnicos — do carro de bois ao avião a jato; mas, psicologicamente, interiormente, não mudamos em nada — ou só um bocadinho, aqui e ali. Todavia, fundamentalmente, somos o que sempre fomos: ávidos, invejosos, cheios de antagonismo, de ansiedades, desesperos e, ocasionalmente, um clarão de alegria e de afeição. Eis a matéria que vamos considerar nestas cinco reuniões.

Nós somos entes humanos — não importa se vivemos na Índia, no Extremo Oriente, na América ou na Rússia; somos entes humanos, com nossos problemas, aflições, conflitos, desesperos. Cada parte do mundo inventa uma filosofia, uma teoria, sem nenhuma relação com o viver de cada dia, e é só nesse diário e intolerável viver de cada dia — de solidão, tédio, rotina, emprego, sexo, com sua fealdade e sua beleza, constante conflito interior — é só aí que temos de mudar.

Observam-se, no mundo inteiro, dois problemas fundamentais: a violência e o sofrimento. Essa violência e esse sofrimento não se limitam ao Oriente e ao Ocidente; fazem parte da es-

trutura psicológica humana. Aceitamos a violência como norma da vida: violência, na guerra, nos negócios, na estrutura social, exterior, na competição, em tantas outras coisas de que bem sabemos: como temos aversões, como odiamos, enraivecemo-nos, somos violentos. Estamos bem familiarizados com a violência, e a aceitamos como norma da vida. Isto é, embora falemos sem cessar de amor, de amar ao próximo, em nossa repartição, em nossos negócios, cortamos-lhe o pescoço. Está havendo uma guerra; já houve milhares de guerras; e aceitamos a guerra, o conflito, a violência, como norma da vida. Aceitamos também o sofrimento — o sofrimento da vida de cada dia, diária aflição, diárias contendas, conflito, falta de preenchimento; o sofrimento causado pela morte e pelas infinitas complexidades de nossa psique. E, tendo-o aceito, por não sabermos resolvê-lo totalmente, adoramos o sofrimento, como o fazem os cristãos, na forma de um crucifixo. E pensamos que, adorando-o, o sofrimento está resolvido. No Oriente, pensa-se de outro modo. Lá, dizem: "Ora, talvez a próxima vida seja melhor."

Interessam-nos, pois, os entes humanos, que se mostram incapazes de achar uma saída dessa violência, dessa aflição, desse infindável sofrimento. Desde o momento de nascermos até o momento de morrermos, não conhecemos outra coisa senão violência e sofrimento, com um ocasional raio de luz, um ocasional clarão de alegria e de êxtase — que afinal se torna memória e, por conseguinte, perde sua significação. O que nos interessa, pois, é ver se é possível descobrir uma solução para o ente humano, que vive nesta sociedade corrupta, esta sociedade que o homem edificou com sua avidez e inveja, sua violência e desespero; esta sociedade em que a religião é meramente idéia, crença, dogma, autoridade e aceitação, e, portanto, não é religião, absolutamente. Religião organizada, em qualquer forma, não é religião; se há um sacerdote, não há religião. Quando, para adorar a Deus, precisais ir a uma igreja, isso significa que lá não há Deus nenhum. Porque, em nosso coração, em nossa mente, somos entes violentos, seres doentes. E a mente torturada, a mente embrutecida, a mente sofredora, jamais encontrará aquilo que o homem há milênios vem buscando, tentando compreender.

Parece-me, pois, que o importante é ver se temos possibilidade de alterar toda a estrutura psicológica de "nós mesmos", fundamentalmente, completamente. Quer dizer, promover uma revolução fundamental na psique, ou seja, na mente, no coração, na estrutura mesma do nosso ser, para que não haja mais pos-

sibilidade de sermos violentos, de entrarmos no campo do sofrimento. Esta é uma questão fundamental, e não uma pergunta que se faz superficialmente, passando-se adiante. Esta pergunta tem de ser feita, mas, infelizmente, quando a fazemos, satisfazemo-nos meramente com explicações, como os psicanalistas se satisfazem com suas peculiares teorias. Os analistas procuram e acham uma causa para nossas desordens, nossos estados neuróticos, etc. Mas, esse processo de análise, é óbvio, não altera de maneira básica a mente humana; talvez ajude o homem a libertar-se de certos estados neuróticos, mas a análise não altera na essência a mente humana. O problema, portanto, me parece ser este: Se a mente humana, que é o resultado de muitos milhões de anos, que evolveu do animal, com seus temores, seus antagonismos, seu instinto de acumular, etc. — se essa mente, que inventou deuses, Salvadores, teorias, que fala sem cessar sobre irrealidades, que inventou filosofias — se essa mente, embora tão complexa, pode efetivamente promover uma revolução, uma mutação.

Eis o problema. Podemos investigar, em nós mesmos, o que somos: o animal, a mente altamente "sofisticada", educada, tecnológica, com todo o seu fundo de condicionamento — cristão, hinduísta, muçulmano, budista, ou da mais moderna forma de comunismo — podemos descobrir se essa mente tão fortemente condicionada pode ser alterada, pela análise, levando-se anos e anos a examinar, a explorar a consciência, camada por camada? Isso exige tempo; e não apenas tempo, pois qualquer erro que se faça nesse exame desfigurará todos os outros fatos. Todavia, todas as religiões do mundo têm proclamado que, para nos libertarmos da servidão do sofrimento, temos de controlar-nos, de exercitar-nos, de meditar, negar, ser rigorosos com nós mesmos; "renuncia a isto, renuncia àquilo; segue isto, segue aquilo; aceita a autoridade; obedece, faze votos de castidade". Mas isso significa criar hábitos, que constituem outras formas de condicionamento; significa acrescentar mais condicionamento ao condicionamento já existente.

Tal a norma de vida que aceitamos; seguir, obedecer, aceitar a autoridade — do sacerdote, do analista, do teólogo. Isso se faz tanto no Oriente como no Ocidente. Aceita-se o sacerdote como a autoridade suprema entre Deus e o homem — um evidente absurdo! Aprendemos uma maneira de tirar gradualmente as camadas, de explorar gradualmente até, segundo esperamos, atingirmos uma coisa que nos dará a liberdade total, que nos

fará totalmente livres da ansiedade, do desespero, do sofrimento, da aflição, da confusão. E é dessa maneira que vivemos; pensamos que, gradualmente, através do tempo, estaremos livres da guerra, das calamidades nacionais. Uma das coisas mais peculiares é essa, que passaram-se séculos até criar-se um Mercado Comum e, todavia, há muita gente que quer impedir o seu funcionamento. Isso demonstra quanto está embotada a nossa mente. No entanto, temos a possibilidade de viver pacificamente — quer dizer, viver em paz todos os dias, em nossa vida diária, e não num certo Céu; em cada momento de nossa vida. E isso significa não ter nacionalidade, não fazer guerras, não competir. E foram precisos tantos séculos para chegarmos a uma coisa tão óbvia, ou seja, demolir as barreiras nacionais, as barreiras econômicas, porque, na realidade, nunca desejamos demolir essas barreiras. Dão-nos muito prazer nosso espírito nacionalista, nossas rainhas, nossos generais, nossas teorias religiosas. Isso vem sucedendo há séculos sobre séculos. Mas, perguntamos: É possível operar uma mudança radical, uma revolução total na própria psique, sem o tempo?

A questão do tempo é muito importante e deve ser compreendida. Existe de fato *amanhã?* Sei que, cronologicamente, pelo relógio, existe o amanhã; amanhã, por exemplo, é domingo, dia de descanso. Mas, psicologicamente, existe algum amanhã, ou isso é uma invenção da mente? Hoje é um dia de aflição, desdita, frustração; amanhã talvez seja melhor, haja melhores oportunidades, uma maneira melhor de olhar a árvore, no campo, de olhar o pássaro. Mas, psicologicamente, existe de fato amanhã? Ou só existe *hoje*? Não no sentido existencialista — pois os existencialistas têm também suas teorias, inventadas por homens muito engenhosos, que se vêem em extremo desespero e, para eles, hoje, o agora, é de enorme importância, porque não há nada, nenhuma significação na vida. Por isso dizem: "Vive o melhor que puderes, hoje, porque o amanhã não entra em linha de conta." Mas, viver completamente, hoje, significa que se precisa compreender a totalidade do passado; porque nós somos o passado, com todas as nossas memórias, com nossas cicatrizes de memória, nossos anseios; toda a nossa estrutura *é* do passado.

Estamos revoltados contra o presente sistema; a ordem vigente não produz liberdade. Mas revolta nunca é liberdade, porém mera reação, e cada reação cria outras séries de reações e padrões. É isso que está realmente sucedendo, hoje em

dia, no mundo inteiro, entre os da nova geração. Eles estão em revolta, usam cabelos compridos, andam sujos, etc. — e tomam drogas! Mas estão também estabelecendo o seu próprio padrão de vida, que se tornará a norma a que ficarão escravizados. Por conseguinte, reação não traz liberdade.

É possível ser livre? Não economicamente livre, não é disso que estamos tratando: livre da violência, livre do sofrimento, para que a mente nunca mais possa ser atingida pela violência, nunca mais conheça o sofrimento. É possível, após termos vivido um, dois, três milhões de anos, nos tornarmos livres? Que entendemos por liberdade? A maioria de nós deseja ser livre; queremos livrar-nos do desespero, da agonia, da dolorosa solidão, do tédio e brutalidade de nossa vida. Desejamos ser livres. Isso é possível?

A liberdade pode ser alcançada mediante um processo gradual de tempo, por meio de disciplina, controle, repressão? Ou a liberdade se encontra no começo, e não no fim? Todo exame requer liberdade. Para olharmos este microfone ou olharmos nosso vizinho, uma árvore, um pássaro ou a luz refletida no canal, para vermos realmente essas coisas necessitamos de liberdade. E essa liberdade não se encontra no fim de uma vida atribulada, porém no começo. Há liberdade quando, por nós mesmos, percebemos que, para olhar, examinar, explorar toda esta estrutura sociológica, questionar a psique, necessitamos de liberdade. Quando a exigimos, a urgência se torna existente, porque então desejamos compreender *imediatamente*. Com essa urgência vem, então, a atenção e o zelo e, por conseguinte, essa atenção e zelo são Beleza e Amor — e este é liberdade, e não um conceito.

Uma das peculiaridades de nossa existência é que vivemos de acordo com conceitos, fórmulas, idéias, teorias. Se examinais vossa própria mente, se vos olhais sem preconceito, vereis que vossa mente funciona a poder de idéias e teorias. Assim, "a primeira e última liberdade" existe, com efeito, quando a mente está totalmente livre de conceitos e do processo mecânico formador de conceitos e fórmulas. Para olharmos uma árvore, o pôr do Sol, ou uma nuvem toda iluminada, para olharmos simplesmente precisamos estar livres — livres de nossas idéias, de nossas memórias. Precisamos de liberdade, para olhar! Pouquíssimas pessoas são capazes de olhar dessa maneira, porque a maioria tem imagens a respeito da coisa que estão olhando, e essas imagens, esses símbolos, esse conhecimento, impedem o ver-

dadeiro ato de olhar. Vê-se que isso é bem simples quando se observa o que realmente se passa nas relações humanas.

Não estamos expondo teorias ou uma certa espécie de misticismo oriental, porém fatos reais; e, quando olhamos um fato, não podemos ter opiniões. Ao examinarmos uma questão, cessa o exame no momento em que a olhamos com uma certa opinião, com julgamento, avaliação, condenação, etc. Assim, dizemos: Olhai as vossas relações para verdes como são extraordinárias. A relação existente entre vós e vossa esposa, vosso vizinho, ou entre vós e vossas rainhas ou reis, essa relação baseia-se em imagens: a imagem que tendes de vossa esposa e a que ela tem de vós. A relação é entre as duas imagens e, portanto, não é uma relação verdadeira. Isto é, temos conceitos. Observai isso em vossa própria mente; não vos limiteis a ouvir uma série de palavras, para depois concordar ou discordar, porém, enquanto escutais, examinai, olhai de fato a vossa mente. Descobrireis prontamente como estais carregado de conceitos, de idéias, de fórmulas, sobre o bem e o mal, o correto e o errado, o que é mau, o que é "pecado". Com esse fundo olhamos; e, é óbvio, quando olhamos não estamos olhando coisa alguma, porém, tão-só, nossas próprias "projeções".

Dessarte, contemplai-vos, pois isso é necessário, porque o autoconhecimento, o conhecimento de si próprio, é o começo da sabedoria. O conhecimento de nós mesmos, assim como somos, é o fim do sofrimento. E não podeis olhar-vos se tendes fórmulas, conceitos, os quais constituem as imagens, os símbolos, o *fundo* que olha.

Estamos falando sobre a liberdade. É óbvio que para vivermos neste mundo, completamente, totalmente, necessitamos de liberdade. Como dissemos, liberdade é uma coisa diferente de revolta; a liberdade exige muita maturidade, muita sensibilidade e inteligência. Quando se emprega a palavra "inteligência", queremos uma definição dela. Que se entende por "inteligência"? Pensamos que ficaremos muito inteligentes, se pudermos definir e aceitar essa palavra, isto é, aceitar a definição. A própria explicação do que é inteligência, e a definição de "inteligência", já não é inteligente. Mas, precisamos averiguar por nós mesmos o que é inteligência, porque a liberdade exige inteligência, assim como a paz exige que vivamos pacificamente, em cada dia, em cada minuto, senão estaremos fomentando a guerra, a violência. E é possível aos entes humanos, com sua

estrutura de violência e sofrimento, tanto no nível consciente como no inconsciente, libertarem-se totalmente da violência? E quem é a entidade que porá em funcionamento o mecanismo libertador?

Compreendeis? Desejo livrar-me do sofrimento, da violência. Essa é uma exigência óbvia, uma óbvia necessidade, pois já tivemos tantas guerras; e aqui, na Europa, houve duas guerras medonhas. E, depois de tanta tortura, de todas as conseqüências da guerra, perguntamos: Podemos ficar inteiramente livres da violência? Para indagar da possibilidade, necessita-se de liberdade. Trata-se, tão-só, de investigar, e não de dizer: "Não *é* possível" ou "*É* possível", pois isso redunda em sentimentalidade e nenhum valor tem. Trata-se de examinar verdadeiramente, quer dizer, penetrar a estrutura psicológica de todo o nosso ser. Pois temos produzido guerras, cada um de nós, por causa de nossas divisões nacionais e econômicas, nossas divisões em famílias, pátrias, meu Deus e vosso Deus. E, como somos totalmente responsáveis por essas guerras, para descobrirmos se podemos libertar-nos dessa violência, precisamos estar *agora* verdadeiramente livres para examinar. Esta se torna uma das maiores dificuldades. Estar verdadeiramente livre para olhar implica que devemos estar livres de conceitos. Foi o conceito que edificou a estrutura psicológica da sociedade: meu conceito de que sou hinduísta, ou budista ou cristão; meu conceito de que sou muito mais importante do que outro qualquer. Minha ambição, minha avidez, minha inveja, minha brutalidade, constituem um *conceito*. E, para investigar esse conceito, devo estar livre. Mas, liberdade implica perigo, insegurança, porque, quando se está examinando, não se sabe o que virá. Isso nos assusta. Não desejamos essa liberdade para examinar, para mudar, para transformar radicalmente toda a estrutura psicológica de nossa existência. Daí o medo.

Ora, é possível a um ente humano viver neste mundo, numa sociedade corrupta, baseada na ganância, totalmente livre do medo? Porque, quando não estamos livres do medo, estamos vivendo na escuridão. Podemos ter maravilhosas teorias, inventar deuses aos centos, inventar um Salvador ou dez Salvadores, mas, enquanto houver temor, em qualquer forma, haverá inevitavelmente confusão. Significa isso que se torna necessário um estado mental que perceba que, quando se está livre do medo, já não se busca nenhuma espécie de segurança psicológica. É óbvio que, exteriormente, deve haver segurança: pre-

cisamos de comida, de roupa, de morada; mas, psicologicamente, interiormente, estar livre do medo significa ter clareza, pois, quando há clareza, não há mais problema algum. Assim, é possível libertar-nos do medo? Não numa data futura, porém estar todos os dias verdadeiramente livre do medo? Esta questão, como todo outro problema humano, complexo, deve ser considerada com muita simplicidade. Os problemas humanos são bem complexos e, a respeito de uma coisa complexa, precisamos aprender; e, para aprender sobre ela, temos de ser muito simples, abeirar-nos dela de modo natural, sem idéias complexas de que devemos ser livres, de que "isto" ou "aquilo" é errado; temos de olhar simplesmente.

Estamos falando sobre o medo. Que se entende por essa palavra? Por favor, como disse há pouco, não vos limiteis a ouvir palavras, pois isso terá pouca significação; mas, por meio da palavra, examinai a vós mesmo. Olhai-vos, para verdes o que temeis, de que tendes realmente medo: do escuro, de vossa esposa, de vosso marido, de vosso vizinho, de vossas dívidas, de não terdes bom êxito, de não serdes amado — qualquer espécie de medo: medo da autoridade, medo da brutalidade, medo de ser dominado. Nós temos medo, e sabeis o que isso significa? Já estivestes em contato com o medo? Ou estais em contato com a imagem que tendes a respeito do medo? São duas coisas diferentes, não? Eu tenho uma imagem de vós, e vós tendes uma imagem de mim, e nosso contato fica entre essas duas imagens e, por conseguinte, não há verdadeiro contato; não há relação verdadeira: só há relação entre idéias, lembranças.

Assim, quando olhais o temor — se já o fizestes — há várias coisas implicadas nesse ato de olhá-lo. Vossa mente deve estar não só muito quieta, porém plenamente atenta. Deve ter um enorme interesse em olhar, porque, do contrário, não se poderão ver os detalhes mínimos. Ela deve estar em contato real com o medo — que representa um perigo, como o medo que se sente perto de um precipício, de uma serpente, de um policial. Já estivestes de fato em contato direto com o medo? Ou trata-se apenas da palavra "medo", e essa palavra, com todas as suas associações, vos impede o contato? Se não tendes nenhum conceito, nenhuma imagem do medo, estais então diretamente em contato com ele, não? A palavra cria o medo? Tende a bondade de escutar, de examinar junto comigo — pois *estamos* investigando se é possível nos libertarmos dessa pesada carga do medo, radicalmente, em todo o nosso ser. E, como

dissemos, para investigar necessita-se de liberdade para olhar, e não podeis olhar se tendes uma imagem do medo. Isso significa que a própria palavra, com todas as suas associações, "projeta" o medo, como acontece quando tememos a palavra "morte". Temos representações, símbolos, idéias de uma certa coisa desconhecida, e medo dessa coisa, como, por exemplo, o medo de adoecer ou, se estamos doentes, o medo de não nos restabelecermos. Assim, o medo existente em cada um de nós é o medo criado pela palavra, pelo símbolo, pelo conceito, por uma imagem? E pode a mente entrar em direto contato com esse fato?

Muito importa perceber isto: como olhar um fato. Como é que olhais uma árvore? Existe a árvore objetiva, exterior a vós. Como a olhais? Com lembranças, com conhecimentos, com símbolos, com conhecimentos botânicos acerca da árvore? Quer dizer, é o vosso *fundo* que olha a árvore? Olhar com o *fundo* (*background*), com o pensamento, é coisa muito diferente de olhar a árvore sem pensamento. Neste último caso, quando olhais a árvore estais diretamente em contato com ela, quer dizer, não há espaço entre vós e a árvore. Olhais sem nenhum conceito, sem nenhuma lembrança. Pois bem; podeis olhar o medo? Por favor, acompanhai-me com toda a atenção; do contrário, nada significará o que vou dizer. Podeis olhar o medo sem ter conceitos a seu respeito? Existe o medo e o observador, não é verdade? Ide-me seguindo passo a passo. Existe aquilo que chamamos "medo de alguma coisa"; o medo não pode existir sozinho; existe por causa de alguma coisa. Há medo e dizeis "Estou com medo". Vós sois o observador daquele medo, não? Sois o observador, e a coisa observada é o medo. Há, pois, um espaço entre vós e a coisa observada; quando olhais uma árvore, existe espaço, há o observador: "*Eu* olhando *aquela árvore*." Esse espaço é criado pelo pensamento, que é reação da memória. A memória é sempre velha. Não há liberdade de pensamento; podeis pensar o que quiserdes, mas vosso pensamento vem sempre do passado.

Assim, olhar sem conceito é estar cônscio da existência do observador e da coisa observada. O observador difere da coisa observada? Isto é, quando digo "Estou com medo", o medo está fora de mim e eu sou o observador desse medo. Isso é um fato? Ou o observador é o medo? Vede, por favor, que não estou expondo conceitos intelectuais ou "mirabolantes". Estamos apenas examinando o que realmente É. Pelo que respeita à maioria de nós, há sempre o observador, o centro de onde

olhamos. Esse centro é a memória, o pensamento, nosso condicionamento, nossa experiência, nosso conhecimento. Assim, quando nos vemos frente a frente com o medo, esse medo tem suas peculiares associações ou memórias; com essas memórias olhamos o fato que chamamos medo e, por conseguinte, nunca estamos em direto contato com ele. Só podeis estar diretamente em contato com alguma coisa, com vosso vizinho, vossa esposa, vosso marido, com uma árvore, uma nuvem, quando não existe o observador; e o observador é pensamento, com todas as suas ramificações. Podeis fazer vós mesmo essa experiência quando olhardes uma árvore. Isso será muito simples, porque uma árvore é uma coisa objetiva. Nada deseja de vós; só quer que a deixeis em paz. Se puderdes, olhai uma árvore sem nenhum conceito, sem pensamentos; isso não significa estar com a mente "em branco", vazia, porém, ao contrário, ela então se acha realmente livre para olhar e, por conseguinte, num extraordinário estado de atenção.

Da mesma maneira olhai o medo: sem o observador. É só então que o medo acaba, e não quando fugimos dele, quando o reprimimos por meio da bebida, do sexo, de divertimentos, de nossos deuses, igrejas e outras infantilidades.

Olhar é, pois, uma arte mais importante do que qualquer outra arte deste mundo; mais importante do que qualquer espécie de quadro, de música, de livro. Olhar, totalmente, quer se trate de vossa esposa ou marido, quer se trate de uma árvore, de uma nuvem ou de vosso deplorável condicionamento. Então, pelo contato direto com o medo, este acaba.

Talvez possamos agora, por meio de perguntas, "discutir" sobre o que estivemos falando. Senhores, fazer uma pergunta é uma das coisas mais difíceis — o que não significa que quero impedir-vos de fazê-las. Fazer uma pergunta correta é mais difícil ainda, porque a maioria de nós só faz perguntas superficiais; e, quando as fazemos, esperamos pela resposta, que alguma autoridade nos esclareça, que algum técnico nos "conte toda a história". Assim, quando fazemos uma pergunta, contamos que alguém nos dê a resposta. Mas, fazer a pergunta correta, a pergunta fundamental, requer muita inteligência, porque significa que refletimos sobre o problema, examinamo-lo, compreendemos a sua urgência. Quando um homem vê sua casa em chamas, trata de agir; não fica a especular acerca dos meios e modos de apagar o incêndio ou sobre quem terá posto fogo à casa. Deste modo, fazer a pergunta correta não só é importante,

mas também necessário, porque indica que a pessoa está duvidando, contestando. Temos de contestar, de duvidar de tudo: dos deuses que o homem inventou e dos sacerdotes que os protegem; duvidar de toda a nossa estrutura psicológica, jamais aceitando a autoridade de ninguém (inclusive a deste orador). Esta é uma das coisas mais difíceis, porquanto não há autoridade de espécie nenhuma, a não ser a autoridade do policial, do governo, da lei. Assim, se estais dispostos, se não vos tirei a vontade de perguntar, poderemos conversar à vontade, sem a intervenção do tempo.

INTERROGANTE: Como pode livrar-se do medo da morte a pessoa que sofre de câncer?

KRISHNAMURTI: O interrogante deseja saber como pode uma pessoa que sofre de câncer libertar-se dessa doença e também do medo de morrer, de todas as dores e ansiedades que terá de atravessar. Foi esta a pergunta, senhor? Permitis-me dizer uma coisa? Se alguém faz uma pergunta — quem quer que seja — se refletimos sobre ela, podemos compreender muita coisa, mas se estamos ocupados com nossas próprias perguntas, então nem sequer ouvimos aquela interrogação. Em geral, estamos muito ocupados com nossos próprios problemas e, por essa razão, nunca vemos a vastidão dos problemas.

Se tenho câncer, que faço? Consulto um médico e, se o caso parece irremediável, que devo fazer? Aceitá-lo — o sofrimento, a agonia. Trata-se de um fato, e eu o aceito, tenho de aceitá-lo. Mas, outra coisa entra em cena: o medo. Medo, não só das dores, das noites ansiosas, dos dias intermináveis, mas também o medo da morte, do fim. Assim, se a moléstia é incurável, temos de conformar-nos. Mas o conformar-se requer muita inteligência, porquanto aquele sofrimento, aquela ansiedade, deformam a mente. Ela não pode ver as coisas claramente, torna-se amargurada, ou sentimental, ou medrosa. Mas, aceitar sãmente uma coisa que não é sã — isso é inteligência, faz parte da inteligência. E, quanto à questão do medo, à questão do morrer: esta é uma das coisas mais importantes e fundamentais, porque tememos morrer.

INTERROGANTE: Senhor, a respeito da questão de "estar em contato com o medo" — digamos que uma forte emoção de medo se apresenta repentinamente. Temos de atacar ou de fugir. Como se pode estar em contato com o medo?

KRISHNAMURTI: Vós sois da Califórnia? Lá deveis ter visto animais ferozes. Que fazeis, quando os vedes? Não tratais de persegui-los, porém, sim, de afastar-vos deles, não? Pois bem; ou vos afastais, por causa do medo, ou vos afastais porque sois inteligente. Prestai atenção, senhor! Se vos afastais por medo, existe o perigo de o animal vos atacar, porque os animais sentem o "cheiro de medo". O medo provoca certas atividades glandulares, transpiração, etc. — e o animal poderá atacar-vos. Mas, se vedes o animal e não sentis medo, porém dele vos afastais, como este que vos fala já o fez várias vezes, então a coisa é simples: o animal não vos ataca porque não estais com medo dele; se, entretanto, ataca, sabereis proteger-vos, não? Mas, há outras formas de medo: as formas psicológicas. O medo psicológico é muito mais significativo, e é bem mais importante compreendê-lo do que o medo físico. Psicologicamente, o medo é nossa eterna exigência de segurança. Uma pessoa necessita de segurança física: ter o dinheiro necessário, roupas, comida, teto; essa é uma óbvia necessidade humana. Mas, a necessidade psicológica é de segurança em todas as relações: com a esposa, o marido, etc. — ânsia de segurança. Entretanto, nunca indagamos se tal segurança existe — psicologicamente. E tal coisa não existe, nem nunca existiu: segurança psicológica. Só pode haver segurança psicológica entre duas coisas mortas; entre duas coisas vivas, que se movem — nunca! O que exigimos é a segurança das coisas mortas — porque nós mesmos estamos mortos quando buscamos a segurança.

INTERROGANTE: Sentimos medo; mas, como estar em contato com o medo?

KRISHNAMURTI: Acabo de explicar, senhor, como estar em contato com o medo. Repentinamente, sinto medo de alguma coisa: que alguém possa insultar-me, zangar-se comigo... medo! Ora, quando se apresenta o medo, olhai-o, sem a intervenção do mecanismo das lembranças, das associações; isso, em si, exige muita coisa, uma certa disciplina. Trataremos deste assunto noutra ocasião. Por hoje, já falamos suficientemente, não achais?

INTERROGANTE: Posso fazer só mais uma pergunta? Esse medo parece ser uma reação química. Não é possível, por meio daquela atenção de que falais, alterar tal reação química?

KRISHNAMURTI: Se tomais certos preparados químicos, por exemplo, L.S.D., não sentis medo. Na América, tem havido

casos de pessoas que, tendo tomado L.S.D. ou droga semelhante, julgam-se capazes de voar, saltam da janela e... se despenham; ou que se sentem tão cheias de vitalidade e de força, que se põem à frente de um ônibus em disparada, para fazê-lo parar. É claro que, quimicamente, biologicamente, obtêm-se efeitos; é um fato bem conhecido: uma pessoa toma uma certa pílula e se torna muito valente, fisicamente. Ou toma aguardente, no campo de batalha, e se atira à matança. Mas, não só a reação química de um estado físico atua sobre o estado psicológico, mas também o estado psicológico atua sobre o físico. É uma relação recíproca, um fato psicossomático; não é um simples estado físico. O medo físico atua sobre o estado psicológico, ou o medo psicológico atua sobre o físico; trata-se de uma constante relação recíproca. Ser é estar em relação; é impossível separar o medo físico do medo psicológico, porque estão intimamente relacionados entre si. Mas, examinando o medo psicológico, começamos a compreender o medo físico e podemos, assim, estabelecer uma correta relação entre ambos. Entretanto, se, sem compreendermos o medo psicológico, nos concentrarmos meramente no medo físico, químico, não chegaremos a parte alguma.

20 de maio de 1967.

COMPREENSÃO
(Amsterdam — II)

CONTINUEMOS com o assunto de que ontem estávamos tratando. A compreensão é um ato de instantânea percepção: compreensão imediata e, portanto, ação imediata. Não se trata de primeiro compreender e depois agir, porém, antes, que ao mesmo tempo que há compreensão total, há ação total, imediata. Quando dispensamos toda a atenção a uma coisa que desejamos compreender (e é o que fazemos quando se apresenta uma grande crise em nossa vida), há então compreensão instantânea, uma instantânea decisão e, por conseguinte, ação. Quando muito grande a crise, a compreensão e a ação são simultâneas; não compreendemos primeiro para agir mais tarde, porém a ação, o *fazer*, se torna sinônimo de compreensão. Ora, como se verifica a compreensão? Qual a natureza, a estrutura dessa compreensão? Quando é que compreendemos? Conheceis a definição do dicionário: "compreender: investigar, exercer a mente". Mas, quando observamos em nós mesmos o estado de compreensão, isto é, quando dizeis "compreendi", trata-se de uma compreensão intelectual, de uma reação emocional, ou de uma coisa sem nenhuma relação com as emoções e o intelecto? Quando as coisas se tornam muito sérias em nossa vida, quando uma grande crise nos exige ação imediata, como se verifica uma ação completa, isenta de atrito? A ação não calculada, não meditada e depois decidida, porém imediata — como vem ela? Qualquer um já deve ter notado, em sua vida particular, esse peculiar fenômeno da compreensão. A compreensão não vem meramente como resultado de uma conclusão ou de uma série de exames introspectivos, intelectuais, nem por meio da "ideação", das idéias.

Vede, por favor, que é muito importante *compreender*, porque o assunto que vamos considerar é o medo e tudo o que com ele se relaciona. Assim, a menos que compreendamos aquela palavra, sua estrutura e natureza, e também o quê é *ação* — que está implícita nessa compreensão — não poderemos investigar, como pretendemos fazer, a questão do medo — esse medo que, em diferentes graus, todos nós temos. Muito importa — assim me parece — compreender a *natureza* da compreensão.

A vida é ação; nossa própria vida é um movimento em ação. Não há viver sem ação. Viver é um estado de relação, não só com um indivíduo em particular, mas também com toda a estrutura social, externa e interna, já que nela se inclui a estrutura psicológica. Todo esse movimento do viver, que é um estado de relação, é movimento em ação. Não há nenhum estado mental sem ação, mesmo quando o indivíduo se isola completamente do mundo. Viver é um processo de relações, um movimento em ação. A vida, pois, é ação, e separar a vida e a ação como idéia, e agir partindo dessa idéia, produz atrito. Permiti-me encarecer a importância de compreender isso, o que, aliás, não é muito difícil, só requerendo atenção. Vamos, portanto, investigar, em primeiro lugar, o estado da mente que compreende. Mesmo quando se trata de problemas tecnológicos altamente complexos, que implica essa compreensão tecnológica — quando a mente diz "compreendi"? Nesse terreno, a pessoa acumulou uma grande abundância de conhecimentos, de saber e, relativamente, isto é, conforme o grau desse saber, a pessoa diz que compreendeu o problema tecnológico. Mas, um problema tecnológico é completamente diferente de um problema humano, e estamos tratando aqui dos problemas humanos, e não de como montar um motor ou como trabalhar com computadores. Embora uma grande parte de nós seja mecânica, estamos procurando esclarecer o problema da compreensão. Como vem essa compreensão? Quando se apresenta uma crise (a vida é sempre uma crise, se a observamos com muita atenção e sensibilidade: cada movimento é uma crise. Uma crise não é uma coisa que vem casualmente; está havendo crise a todas as horas, sendo "crise" um desafio que exige imediata "resposta"), quando se apresenta uma crise, que sucede? O indivíduo reage de acordo com o seu *fundo*, o seu condicionamento, suas tendências e inclinações. Tende a bondade de observar-vos enquanto vou falando; não fiqueis apenas a escutar palavras, porém, através

das palavras, observai vossa própria mente, vossa vida real, vosso viver de cada dia. Assim, quando se apresenta uma crise, um desafio, o indivíduo, em geral, reage consoante seu temperamento, seu condicionamento, sua inclinação, e tudo isso está contido na palavra "memória", o *fundo* (*background*) do indivíduo. Esse fundo traduz o desafio em conformidade com seu condicionamento. Não é verdade isso? Se a pessoa é nacionalista, reage de acordo com esse condicionamento, enquanto o desafio requer uma ação totalmente isenta de nacionalismo. A reação, por conseguinte, é inadequada ao desafio e, portanto, causa conflito. Este é um problema psicológico trivial. É isso, com efeito, que está sempre acontecendo. E nesse estado — quando a resposta ao desafio é inadequada, incompleta — nesse estado naturalmente não há compreensão. Assim, quando perguntamos "Que *é* essa compreensão, e como nasce ela?", queremos referir-nos à compreensão que não está separada da ação. Em presença de um grande perigo — um perigo real, iminente, imediato — há uma "resposta" completa. Não há pensar e atuar segundo uma fórmula; há ação imediata. A compreensão do perigo e a ação imediata são simultâneas.

Estamos, pois, investigando qual é o estado da mente que compreende. Dissemos que não há compreensão se agimos de acordo com uma fórmula, uma idéia; porque, quando a ação deriva de uma idéia, há um intervalo de tempo em que a ação é posta em conformidade com a fórmula, o padrão, a idéia. Por conseguinte, há divisão e, dessarte, conflito. Como é então que nasce essa compreensão que é ação imediata? Dissemos que ela não é intelectual, não é uma reação emocional, nem reação proveniente do *fundo* (*background*); conseqüentemente, qual é o estado da mente que diz "compreendo" e, portanto, atua *imediatamente*?

Se não compreendermos isso, o que vamos dizer mais adiante pouco significará; porque vamos examinar a questão do medo. Vamos investigar o medo, o qual existe não só no nível consciente, mas também nas camadas mais profundas da consciência total. Sem dúvida, a compreensão só pode verificar-se estando a mente quieta. Só se compreende quando não há esforço algum, nenhuma interferência de idéias, e quando não há reação proveniente do *fundo*. Pode-se, então, dizer "compreendi!" — e a ação é imediata. Podeis observar isso em vossa vida. Se desejais compreender vosso filho (espero que o desejais), observais essa criança sem nenhuma tendência a conde-

ná-la, a compará-la com seu irmão, com as outras crianças. Vós o observais quando brinca, quando chora, quando faz travessuras; estais meramente observando, e nisso não há avaliação de espécie alguma. A mente, por conseguinte, está sobremodo quieta — quieta no próprio ato de observar. Isso, com efeito, significa que a mente, estando em silêncio, se acha num estado de grande afeição. Não sei se já observastes que o amor não é "falador"; o amor não é prazer, não é desejo. O amor é silencioso. Nada tem que ver com a "ideação". A compreensão só é possível quando a mente está de todo quieta — não num estado de vacuidade, de abstração ou de identificação — porém num silêncio totalmente ativo. Só então se pode dizer "compreendi" e só então há ação completa. Conseqüentemente não há, nessa ação, conflito.

Se isto está mais ou menos claro, não verbal, porém realmente, podemos começar a investigar se é possível nos libertarmos *totalmente* do medo — não só do medo existente no nível consciente, mas também nas camadas mais profundas da consciência e, também, no chamado "inconsciente". Agora, pergunto-me se existe de fato um estado que se possa chamar "inconsciente"? Existe o inconsciente. Sei que é moda de os analistas freudianos e junguianos dizerem que o inconsciente constitui as camadas mais profundas da mente consciente. Estamos agora pondo em dúvida se existe de fato tal estado. Sei que a maioria de vós dirá que existe, mas, quando estamos examinando, temos de duvidar de *tudo,* não aceitar coisa alguma. Afinal de contas, estamos estudando um problema muito complexo: o ente humano, que vive há milhões de anos uma existência dolorosa, torturada, de aflição, violência, sofrimento. Estamos estudando o ente humano que quer investigar a possibilidade de uma revolução total; esse ente humano tem de investigar e de achar as respostas corretas, quer dizer, tem de ser muito *sério.*

Em primeiro lugar, devemos compreender o que é ação derivada de uma idéia. Em geral, temos primeiro uma idéia, uma fórmula, um padrão, do qual partimos para a ação. Por exemplo, é um fato que, por natureza, somos violentos. Temos a herança do animal e, portanto, há em nós uma considerável porção de violência. Isso é um fato. O que não é fato é a idéia de que devemos ser *não violentos.* Não sendo um fato, que sucede? Estamos sempre a esforçar-nos para sermos não violentos, enquanto, na realidade, somos violentos. Nossa ação, pois, deriva sempre do que *deveria ser,* e não do que É. Deveis

saber dessa peculiar ideologia da não violência, da qual se está usando na América, em relação ao problema do branco e do negro; essa idéia de "não violência" existe já há muitos séculos — a idéia, o ideal de não ser violento — o que *deveria ser*.

Todas as ideologias, por mais nobres que pareçam, são insensatas, porque sem validade alguma. O que tem validade é *o que é*. O *QUE É* é isto: nós somos entes humanos, espalhados pelo mundo, e, qualquer que seja a nossa cultura, somos violentos. Quando temos um ideal de "não violência" — e isso é meramente uma idéia — e atuamos de acordo com essa ideologia, estamos fugindo à questão central — a violência. Só podemos compreender a violência com o dispensar toda a nossa atenção à violência — e não quando a mente está dividida pelo ideal da não violência. Tende a bondade de prestar atenção! A compreensão só é possível quando deixam de existir as ideologias. Cada um pode então enfrentar, examinar o fato de que é violento, porque a esse fato dispensará toda a sua atenção. A atenção não fica então dividida entre O QUE É e o que *deveria ser*. Os ideologistas, por conseguinte, são entes nocivos, pois estão ocupados com irrealidades. No mesmo caso estão as religiões — as religiões organizadas. Elas, em todo o mundo, sempre disseram que devemos amar o nosso próximo, pois não se trata de uma doutrina puramente cristã. Mas, a sociedade está construída de maneira tal que cada um destrói o seu próximo. O fato é que estais destruindo o próximo, com vossa avidez, vossa inveja, vossa ganância, vosso desejo de posição, de poder, de prestígio. Em vez de tratarmos de resolver o problema central da violência, refugiamo-nos nas ideologias.

Em nossa vida predominam as idéias, e as idéias são pensamentos organizados, ou sejam conclusões, símbolos, imagens. São elas que predominam e em conformidade com elas agimos. Conseqüentemente, como já assinalei, há separação entre a ação e a idéia. Porque ter idéias a respeito da ação? Se compreendeis uma coisa imediatamente, não necessitais de nenhuma idéia, necessitais? Assim, as idéias e as ideologias vos impedem de dar toda a atenção ao problema e, por causa delas, não há compreensão. Mas, existe ação sem idéia — sem termos primeiro a fórmula, a idéia, para depois agirmos? Estamos perguntando se há uma ação *sem* idéia. *Há*, quando nossa vida está em crise; então cada movimento da atividade diária, cada ação é levada a cabo *imediatamente*. Descobrimos, pois, uma ação inteiramente independente das idéias. Com isso em mente,

podemos começar a investigar a questão do medo, tanto no nível consciente como no nível inconsciente.

Como ontem dissemos, o medo está sempre em relação com alguma coisa; não existe sozinho. Não é um fenômeno isolado; na vida não há fenômenos isolados: tudo está relacionado entre si. Conhecemos o medo no nível consciente — medo de perder o emprego, de não ter o suficiente para comer, de não nos preenchermos, de não realizarmos coisas, de não termos sucesso na vida, etc. O medo exterior pode ser descoberto inteligentemente, sem muita análise. E talvez possamos atender mais ou menos inteligentemente a esses fenômenos exteriores do medo, se nossa mente não for totalmente egocêntrica em suas atividades. Mas, nós vamos investigar o medo nos níveis mais profundos da consciência, porque é lá que ele tem suas raízes; é lá que se encontra o medo da morte, o medo de não ser, o medo de não ser amado, o medo de não preencher-se — enfim todas as modalidades do medo a que estão sujeitos os entes humanos. E, antes de começarmos a investigar o inconsciente (que tão prontamente aceitamos), estamos indagando se existe de fato um inconsciente. Que é a consciência? Esta não é uma pergunta séria demais, é? Espero que não, pois, se é, sinto muito, pois nós temos de ser *sérios*. A vida é só para os sérios, e não para os que se iludem com fantasias, os que buscam divertimentos, os que vivem enterrados nos livros. Só os homens sérios sabem o que é a vida; e nós temos de ser sérios. O mundo o exige. Não só o mundo exterior, mas também o mundo interior está a exigir homens sérios — não em conformidade com um determinado padrão de crença, ou determinada norma tecnológica, porém *totalmente* sérios. Só para esses homens há a vida — sua profundeza e plenitude e beleza. E, assim, estamos perguntando: Que é o inconsciente, e existe tal coisa?

Que é a consciência? Quando é que estais consciente? Não estamos investigando a questão da consciência segundo algum filósofo, analista ou psicólogo; estamo-la investigando como simples entes humanos, que o somos. Eu desejo saber, e vós desejais saber, o que é essa coisa extraordinária chamada "consciência". Como se torna ela existente? Há, nela, divisões e existe um nível mais profundo, chamado "o inconsciente"? Que é, pois, consciência, e quando é que percebeis que estais consciente? Quando é que dizeis "Estou consciente, atento"? Só vos tornais consciente quando há dor ou prazer, não é verdade? Quando

a dor é intensa, ficais plenamente consciente — sendo "dor" conflito, o impulso da ambição, o impulso sexual, a violência, etc. Então, estamos conscientes. Do contrário, estamos dormindo, a maior parte do tempo. Somos narcotizados pelas religiões, somos narcotizados pela sociedade, pela literatura, pela propaganda, pelo rádio, etc. Quase todos nós estamos semi-adormecidos, e só despertamos quando sobrevém uma crise tremenda, tal como a dor, um perigo, ou uma forte necessidade de prazer. Tende a bondade de observar isso em vós mesmos e, também, de não aceitar o que o orador está dizendo. Nós estamos em comunicação; estamos viajando para dentro de nós mesmos e, por conseguinte, não necessitamos de nenhum guia; estamos andando juntos. Descobrimos que só agimos com base nesses dois princípios e, só quando um desses dois princípios se torna plenamente ativo, nos tornamos conscientes. Do contrário, estamos mais ou menos adormecidos. Nesse estado de sono, várias atividades se verificam, pois não estamos realmente dormindo. Como dissemos, só nos tornamos conscientes quando esses dois princípios se movimentam. Portanto, o que nos interessa são essas duas coisas, o prazer e o desejo de evitar a dor, de fugir a um perigo súbito. Por favor, observai-vos, e vereis esse fato. Não estamos descrevendo uma coisa fora do comum. Esse princípio do prazer e da dor opera em todo o nosso ser, porque, como entes humanos, nós resultamos do passado. Vós sois o resultado dos últimos dois mil anos de cristianismo, com todas as ideologias, toda a propaganda que a Igreja vos vem inculcando há dois mil anos. Disseram-vos que sois isto ou aquilo — dúzias de coisas. Sois o resultado de dois mil anos de uma certa propaganda, e de toda a herança racial acumulada. Esse, o *fundo*. Do mesmo modo, na Índia, os indivíduos são o resultado de dez mil anos ou mais de sua particular propaganda. Assim, nessa consciência está o resíduo de dez mil anos de propaganda, tradição, herança racial, memórias, *motivos*, buscas — tanto ocultos, como patentes. Esse *todo* constitui a consciência, o que somos. Somos a totalidade, não importa se vivemos no Oriente, ou aqui, ou na América, somos a totalidade do esforço humano, da humana existência. Por conseguinte, não há nenhum "coletivo" separado do indivíduo. Examinai bem isso e vereis acontecer uma coisa extraordinária. Nós somos ao mesmo tempo o coletivo e o indivíduo; não há separação. E quem atribui total importância ao coletivo, ou ao indivíduo, é desequilibrado. Assim, na consciência total, na qual está em

função o princípio do prazer, está o medo; e nessa consciência total fez-se uma divisão: o consciente e o inconsciente. No tocante à maioria de nós, o inconsciente tem uma certa influência em nossa vida diária — nossos motivos, a maneira como fomos educados, se fomos espancados em criança. Ora, existe realmente separação? Existe separação entre o consciente e o inconsciente? Ou o que há é um movimento total, contínuo; um movimento total e não um movimento dividido?

Quando é que vedes uma coisa totalmente? Por certo, quando não há nenhuma divisão. Estando a mente dividida em intelecto, emoções, reações físicas e nervosas, etc., não podeis ver totalmente. Só vedes totalmente quando a mente não está dividida. Vedes o homem total, a humanidade, o ente humano, quando não estais dividido, quando não tendes nacionalidade, não sois cristão, não sois hinduísta. Vemos, em todo o mundo, o homem a lutar, às voltas com a aflição, o sofrimento, a dor, embora adore os ridículos deuses inventados por suas memórias e temores. E, quando é que vedes a totalidade do homem, que sois vós mesmo? Quando vos vedes totalmente? Quando não existe o observador e a coisa observada. Isto é, quando não existe um centro representado pelo EU, pelo observador, com todo o seu *fundo*, seu condicionamento, que faz a separação, só então podeis ver a totalidade do homem, a totalidade de vós mesmo. Assim, quando não há divisão em consciente e inconsciente, quando não há divisão em Ocidente e Oriente, entre várias culturas — quando não há essas coisas que causam a separação, há então compreensão total do homem, que sois vós. Só então é que podeis olhar-vos.

Não sei se alguma vez experimentastes, como ontem sugerimos, olhar uma árvore. A Holanda é rica de belas árvores, de prados encantadores, e a luz aqui é maravilhosa, porque o céu parece muito perto da terra. E — se já o experimentastes — ao olhardes uma árvore, a olhais realmente, ou olhais a imagem que tendes da árvore? Quando olhais vossa esposa ou marido, olhais para ela ou ele através da imagem?

Indubitavelmente, é isso o que fazeis; porque não tendes mais nada. O que temos são só as imagens formadas pelo medo, pelas necessidades, pelas memórias de dor e de prazer; e, através dessas imagens, nos olhamos uns aos outros. E são só essas imagens que estão em relação, e não vós e eu; nós não estamos em relação; só as imagens estão. Procuramos estabelecer nossas relações através das imagens, e por isso as relações se tornam

dolorosas. Observai bem isso e vereis como tudo se torna sobremodo simples. Vede se podeis viver sem imagens, sem a imagem relativa à árvore, à nuvem ou a imagem relativa a vossa esposa ou marido. Quando morrem as imagens, estais então realmente em relação direta, e essa relação é um fato muito diferente da relação das imagens. No estado de relação em que não existem imagens, não há conflito algum. Assim, só é possível ver a totalidade da consciência quando observamos esse processo inteiro (não partindo de um centro, na qualidade de observador — cristão, hinduísta, budista, americano), quando olhamos sem nenhuma divisão. Vereis então que não há, absolutamente, essa coisa chamada "inconsciente". Vereis então a consciência como um movimento total; e essa é uma maravilhosa compreensão.

Dissemos que na consciência existe o prazer e a dor; e o fato de evitarmos a dor e buscarmos o prazer, em diferentes níveis, com diferentes pretensões, gera não só sofrimento, mas também medo. A mente que está sempre a buscar o prazer em diferentes formas — corporalmente, sensualmente, sexualmente — o prazer do preenchimento, o prazer de ter sucesso, o prazer de encontrar alguma segurança e a ela se apegar — essa mente que busca o prazer atrairá, inevitavelmente, o seu oposto — a dor. São duas coisas que sempre andam juntas. Só ficam separadas quando não vemos a totalidade do prazer. Esse processo é contínuo em nossa vida: a busca do prazer, em todas as circunstâncias — o prazer de estar em perfeita segurança; é isso o que estamos sempre procurando, em nossas relações. Essa exigência de segurança, de proteção, nas relações, traz, inevitavelmente, a dor, porque não existe segurança psicológica. Dissemos que é necessária a segurança quando se trata de termos comida e morada, mas, psicologicamente, não há segurança alguma. Essa é uma coisa extraordinária que precisa ser compreendida. Não significa que a vida é sem segurança, porém, sim, que psicologicamente estamos buscando a segurança e, portanto, atraindo a insegurança. Percebemos que há insegurança, e, quando esta se torna cada vez mais aguda, acabamos psicopatas e somos internados no hospício. Mas, quando compreendemos que onde há prazer, aí está a sombra da dor, e quando vemos a coisa total — assim como quando vemos a árvore totalmente, sem termos a sua imagem — vemos que então o medo psicológico termina.

Porém, não podeis ver-vos totalmente quando fazeis esforço. Somos educados desde a infância para o empenho, a luta,

para batermos nos outros e batermo-nos uns com os outros. É luta, luta, luta, até morrermos — na escola, no colégio, na vida, no emprego, no lar, na família: uma luta perene. E aceitamos a luta, o conflito e a confusão como norma da vida. A mente em conflito não é, em absoluto, uma mente religiosa. Quando os sacerdotes, em todo o mundo, se retiram para trás de muralhas claustrais, pensando ter evitado o conflito com o mundo, essa fuga não é o fim do conflito. Eles estão meramente seguindo, às cegas, ou inteligentemente (como se costuma dizer), o padrão estabelecido, e não ousam sair desse padrão, por causa da insegurança. Sua segurança consiste em seguir o padrão e, por essa razão, eles estão em total insegurança. A mente está sempre a buscar a segurança e, por conseguinte, teme a insegurança; e a busca de segurança produz medo.

Ora, pode a mente viver sem nenhuma idéia de segurança? Isso não significa tornar-se pessimista, amargurado, etc. A mente pode libertar-se da idéia de segurança ao perceber que tal idéia gera a insegurança e o temor. E só se pode ver a totalidade de uma coisa quando o observador é o objeto observado. Por conseguinte, o medo só pode cessar quando o observador *é* a entidade que ele observa, à qual chama "medo"; nesse estado não existe conflito de espécie alguma. A mente que não está sendo torturada, que não está em conflito, que observa a totalidade da existência, sem nenhuma divisão — só essa é uma mente religiosa e, portanto, capaz de ver a Verdade — e não a mente torturada, sujeita a disciplina, a coerção, a mente que luta, a mente derrotada, pessimista, amargurada, ou ocupada com obras sociais. Sem essa mente religiosa, não é possível a paz no mundo.

Podemos agora fazer perguntas? Como ontem dissemos, muito importa fazer uma pergunta, porém mais importante ainda é fazer a pergunta correta. Só a pergunta correta recebe resposta correta; e quando formulamos a pergunta correta já temos a resposta e não há necessidade de perguntar a outro (*risos*). Não, não riais; eu não disse nada de extraordinário; mostrei apenas o fato. Mas, nós nunca fazemos perguntas fundamentais, perguntas corretas, porque não sabemos perguntar. Ou, se sabemos, temos muito medo de fazê-las, porque na própria pergunta podemos encontrar o que é verdadeiro, e a verdade é a coisa mais mortal e perigosa que há. Assim, não perguntamos nada e ficamos esperando que alguém nos dê a resposta.

INTERROGANTE: Se um homem ama o seu filho, a atenção que lhe dispensa é mais ou menos completa; mas, se esse homem é professor, não pode dispensar atenção a todas as crianças.

KRISHNAMURTI: Uma pessoa pode observar o seu próprio filho, diz o interrogante, com grande afeição, mas isso é impossível a um professor. O problema, pois, é este: Como deve observar aquele que deseja ser um bom professor? Não é isso? Ora, que é um professor? Na escola, o professor sabe mais do que o aluno, a quem ministra instrução. Deseja que o aluno aprenda, adquira conhecimentos; deseja não só que ele conheça as coisas do mundo, tecnologicamente, exteriormente, mas também deseja ajudá-lo a compreender sua própria estrutura psicológica. O professor ensina, é o instrutor, o guia, o ajudante do aluno. E dizeis que nesse estado não é possível o amor. Não é isso?

INTERROGANTE: Não é bem isso. A dificuldade é que as atividades do professor têm de ser limitadas, por causa dos pais dos alunos.

KRISHNAMURTI: Dizeis que as atividades do professor são limitadas por causa dos pais dos alunos, por causa da sociedade. Podeis amar o vosso filho, podeis ser um bom professor e amar vossos alunos, mas dizeis que vossa ajuda à criança é condicionada pela sociedade e pelos pais. Que se pode fazer então? Não podeis dar "piparotes" nos pais, é claro! E não podeis deitar abaixo a sociedade. Seria bom se o pudésseis, mas não podeis. Que se pode fazer? Isso significa o quê? Que não só se precisa educar os pais, mas também educar o educador. Certo? Precisa-se educar os pais e precisa-se educar o próprio educador. Não é uma coisa unilateral. Mais uma vez, trata-se do fenômeno total da sociedade. Aos pais, de todo o mundo, só interessa que os filhos vivam bem, casem-se bem, ponham-se em segurança, adotem a ordem social, sem se revoltarem. É o que se observa na Rússia — a criança, o estudante não pode criticar, porém tem de aceitar a estrutura social do comunismo. E a mesma coisa se observa aqui, de maneira ligeiramente diferente. Todo pai quer que o filho tenha um emprego garantido, um lar confortável e — adeus! Em tais condições, não pode haver nenhuma afeição. O amor é uma coisa de todo diferente. Se os pais amassem os filhos, não haveria guerras (direis que os americanos amam os seus filhos, que estão sendo mutilados no Vietname, e os vietnamitas idem, idem? Achais que se eles os amassem, isso sucederia, esse fenômeno?) Estamos educando

erradamente os nossos filhos, porque só nos interessa dar-lhes eficiência tecnológica. Não nos interessa a sua estrutura psicológica, seu ser interior, porque não desejamos nenhuma revolução psicológica, que poderia redundar na total destruição da estrutura social. E nós não queremos perturbações. Ninguém quer ser perturbado. Os comunistas, quando ascendem ao poder, não querem perturbações, e tampouco as quer este ou aquele partido democrático que ascende ao poder. Como entes humanos, não queremos ser perturbados e, por isso, criamos uma sociedade na qual esperamos viver livres de perturbações. Mas, a vida é um movimento em que tanto há perturbação como paz. Quando se compreende a totalidade desse movimento, não existe então nem a chamada "paz entre duas guerras", nem o medo à perturbação; há um movimento completamente diferente. E esse movimento não será compreendido nem pelo mais competente educador, se ele próprio não faz parte do movimento total da vida.

INTERROGANTE: Quando nos vemos num estado de medo e nos pomos naquele estado de quietação mental, de silêncio, a que vos referis, pode-se então descobrir a fonte daquele medo?

KRISHNAMURTI: Quando vos achais num "estado de medo" podeis descobrir de onde ele provém? É esta a pergunta?

INTERROGANTE: Primeiro, é preciso entrar num estado de completo silêncio...

KRISHNAMURTI: Minha senhora, eu não disse que primeiro é preciso entrar num estado de silêncio; isso redunda numa outra espécie de ideologia. Eu expliquei minuciosamente o estado da mente que compreende. Só se pode compreender quando a mente está muito quieta. Só isso e nada mais. E vós perguntais se a pessoa, quando está quieta, terá a possibilidade de descobrir a fonte do medo. Estais vendo o que perguntastes? Primeiro, supondes alcançar o estado...

INTERROGANTE: Eu espero alcançá-lo.

KRISHNAMURTI: Se esperais alcançá-lo, nunca o alcançareis. Ele vem por si; não podemos sair atrás dele. Estais perguntando se, quando ele ocorre, tereis a possibilidade de descobrir a causa do medo. Naquele estado já não há medo. Expliquei, cuidadosa e minuciosamente, que a mente que está ocupada com suas próprias ideologias, e pensa dever tornar-se silenciosa

e luta para conseguir esse silêncio, essa quietação — expliquei que essa mente jamais conhecerá o silêncio. Se acaso ela se torna silenciosa, então já não há medo. Não será mais necessário descobrir a fonte do medo, porque ela já foi encontrada. Vede, vós estais especulando. Se um homem sente fome, a mera descrição da comida não o satisfará. Ele quer *a comida.* O que a maioria de nós está fazendo é que estamos imaginando que precisamos de comida e a descrever a comida. Não estamos realmente com fome, isto é, com vontade de descobrir, de enfrentar todo esse fenômeno, que requer compreensão: *não* aceitação ou obediência. Infelizmente, em regra nos satisfazemos com meras definições, com ideologias, e, por conseguinte, saímos deste salão de mãos vazias.

INTERROGANTE: Dissestes que os ideais impedem a ação. Podeis tornar a explicar isso?

KRISHNAMURTI: Eu disse que os ideais detêm a ação, impedem a ação. Isto é, quando sou violento, tenho uma ideologia da não violência e fico cultivando a não violência como ideal e semeando os germes da violência. Mas, se não tenho ideologia nenhuma, vejo-me então frente a frente com o fato — a violência. Posso então enfrentá-lo diretamente, e não através de uma idéia. Quando temos uma idéia sobre como enfrentar a violência, a idéia se torna uma fuga ao fato, e, por conseguinte, estamos adiando a ação. É isso o que todos fazemos. Mas, se cada um de nós desejasse a paz, neste mundo, tê-la-íamos. Não a desejamos. Somos holandeses, franceses, ingleses, alemães, com nossos governos soberanos separados, nossas religiões separadas, nossos sentimentos e pensamentos separados, e estamos de contínuo a criar guerra, psicologicamente. Não desejamos paz, o que significa viver todos os dias pacificamente, sem competição, sem comparação, sem condenação. Então, viveríamos de maneira pacífica e, por conseguinte, haveria paz no mundo. Mas nós não desejamos a paz. Só queremos paz para podermos perseguir os nossos fins, e tal é a paz que acarreta a destruição.

21 de maio de 1967.

DO PENSAMENTO
(Amsterdam — III)

Estivemos falando sobre o medo, como enfrentá-lo e ultrapassá-lo totalmente. Devemos também considerar um problema mais amplo e mais profundo, ou seja, se é possível renovar de todo a mente — a mente que vive há quarenta milhões de anos e durante este tempo esteve acumulando experiências de toda espécie e a condicionar a si própria — se é possível essa mente tornar-se nova, juvenil. Este me parece um problema importante, que devemos examinar juntos. Porque, como se pode observar, por causa da repetição, da imitação, do ajustamento, a mente começa a deteriorar-se, a enfraquecer-se, e já não tem o mesmo vigor e clareza de antes. Está a tornar-se mais confusa; há conflitos em número cada vez maior; e desse modo a mente perde a sua elasticidade, seu frescor, sua juvenil capacidade de decisão. A questão é se há possibilidade de a mente renovar-se. Talvez muitos de nós ainda não fizeram tal pergunta, e penso que, nesta tarde, devemos examinar esta questão.

Para nós, o pensamento, todo o mecanismo do pensamento, tem enorme importância. E é bem possível que o próprio ato de pensar seja a causa da deterioração, a causa da perda da capacidade da mente para ver com clareza, atuar diretamente, e chegar, talvez, a compreender a natureza do amor. Assim, antes de começarmos a investigar esta questão do fator da deterioração da mente (o qual pode ser o próprio mecanismo do pensar), devemos considerar não só a natureza da mente, mas também o cérebro. E ver se é possível as células cerebrais funcionarem sem a finalidade de proteger o EU, sem ação egocêntrica, porém com a capacidade de enfrentar problemas muito mais amplos e profundos.

Temos, pois, de indagar o que é "pensar". Porque, no meu sentir, o pensamento é sempre velho, nunca novo; o pen-

samento jamais é livre. O pensamento jamais terá a possibilidade de promover uma revolução radical na estrutura, na natureza da mente. Temos de examinar muito atentamente a natureza do pensar. E, como outro dia dissemos, estamos explorando juntos, viajando juntos, e, por conseguinte, não há autoridade alguma. Não há seguidor e não há instrutor. Cada um de nós tem de ser ao mesmo tempo instrutor e seguidor, isto é, tem de aprender, não dos livros, nem de outra pessoa, porém pela compreensão de seu próprio processo pensante. E, para compreendê-lo profundamente, descobrir a verdade respectiva, temos de rejeitar toda espécie de autoridade e de concordância ou discordância; porque, quando estamos examinando uma coisa, não pode haver opiniões a seu respeito, baseadas na concordância ou na discordância. Estamos tratando de fatos, e não de opiniões, que só levam a debates dialéticos, sem valor nenhum. Temos de compreender como é que pensamos e qual é a natureza do pensar. Porque, como disse, o pensamento é sempre velho, o pensamento nunca pode ser livre, é sempre limitado e sempre provém do passado.

Compreendendo o pensamento, talvez compreendamos a natureza do tempo e alcancemos aquele estado de amor e de beleza. Porque, sem o amor e a beleza, não existe verdade. Mas, para compreendermos o que é o amor, o que é a beleza, temos de examinar a questão do pensamento. Que é pensar? Quando se pergunta "que é pensar" — que acontece? Ou a pessoa reage imediatamente, dando uma resposta; ou há um intervalo entre a pergunta e a resposta. Nesse intervalo, a pessoa está à procura de uma resposta, rebuscando o seu depósito de conhecimentos, para ver se descobre a resposta adequada. Há, pois, entre a pergunta e a resposta um intervalo de tempo e, durante esse intervalo, estamos a buscar, a indagar, a examinar, esperando achar a resposta. Quando vos fazem uma pergunta que vos é familiar, a resposta é imediata. Ao vos fazerem uma pergunta um pouco mais difícil, há intervalo de tempo. E, se se faz uma pergunta que não pode ser respondida verbalmente, cuja resposta não pode ser encontrada entre os conhecimentos adquiridos, dizemos então: "Não sei." Espero que, enquanto ouvis essas coisas, não estejais apenas escutando as palavras, mas também percorrendo todo o "processo" de descobrimento por vós mesmos; pois não se pode descobrir nada através de outrem. Temos de descobrir por nós mesmos, porque, então, o descobrimento será autêntico, real. Há uma enorme diferença entre aprender e acumular conhecimentos. É relativamente fácil acu-

mular conhecimentos; a pessoa se aplica a esse trabalho, repete e, pela constante repetição e associação, acumula os conhecimentos que lhe servem de base para agir. Temos de aprender sem a preocupação de acumular. O que em geral se faz é acumular e depois agir; quer dizer, ter primeiro a idéia e depois agir segundo essa idéia. O aprender, entretanto, está na própria ação. A pessoa não aprendeu primeiro para depois agir, porém no próprio movimento da ação está o aprender. Por conseguinte, está-se aprendendo a todas as horas, porque a vida é ação, a vida são relações em ação. Quando a pessoa acumulou conhecimentos e atua depois de aprender, altera-se então completamente a natureza do aprender.

Assim, escutar é uma verdadeira arte, como dissemos outro dia. Costumamos escutar as opiniões que temos acumulado, interpretar o que se diz, de acordo com nossa memória, com nossas simpatias e antipatias, nossas inclinações e tendências. Tudo isso impede o verdadeiro escutar.

Para descobrirmos o que é "pensar" — não em conformidade com um certo filósofo, nem em conformidade com os antigos, porém descobri-lo realmente por nós mesmos, temos de observar como nasce o pensamento. Vede, por favor, que é importante compreender isso, porque não só vamos investigar a questão do tempo, do amor e da beleza, mas também desejamos descobrir a verdade relativa à morte. É bem complexo o que vamos tentar nesta tarde. A menos que compreendamos todo o mecanismo do pensar, quando estivermos tratando da questão do tempo poderemos desentender-nos. Mas, se observamos com muita atenção, vemos que o pensamento é a reação do passado, a reação da memória (sendo "memória" a acumulação de experiência, de conhecimentos adquiridos, herdados, condicionados); e esse *fundo*, essa memória, quando desafiado, reage como pensamento. Isso é bastante simples, óbvio. Mas, porque estamos sempre "respondendo" do passado (do passado como pensamento e ação), a mente é incapaz de renovar-se; nós vivemos, funcionamos e agimos com base no passado. Vosso pensar, vosso sentir é o resultado dessa memória acumulada e, por isso, nunca sabemos realmente o que é o momento presente. Só na totalidade do movimento do presente pode haver a renovação da mente. Mas, quando a mente está funcionando, atuando, vivendo por meio da imaginação, do pensamento, de várias formas de retrocesso ao passado, ela é incapaz de viver naquela plenitude do presente. Só nesse presente há renovação. Observamos, pois,

que o pensamento *tem* de estar sempre no passado, de ser sempre "o velho", e quando "o velho" controla e molda a ação, então, nessa ação, nunca haverá nada de novo.

Compreendeis o que está acontecendo no mundo; a geração mais nova está em revolta, de várias maneiras, contra a velha ordem. Essa revolta assume diferentes formas na América, na Inglaterra, na Europa. Essa revolta é contra a ordem estabelecida e, com ela, esperam encontrar uma nova maneira de viver. Mas, enquanto o pensamento está funcionando, por mais que ele se revolte haverá sempre o mesmo padrão, num nível diferente. O pensamento, por conseguinte, não é o meio de promover a ordem — ordem no ente humano e na sociedade. A sociedade atual está em desordem, é anárquica, porque cria guerras, divide-se em nacionalidades, em classes, em várias formas de religião — e tudo isso é causa de desordem. A estrutura social é construída pelo homem, por esse próprio homem que está em desordem, que está em conflito, cuja vida é um campo de batalha. E ele pensa que a ordem só pode ser estabelecida pelo pensamento, o intelecto, a razão — sendo "razão" a clareza com que pensamos com lógica. Mas, o pensamento, em si, é sempre "o velho". Por conseguinte, o pensamento nenhuma possibilidade tem de estabelecer uma nova ordem. Acho muito importante compreender isso, não apenas porque o orador o está dizendo; o orador não vale nada, o que vale é a verdade daquilo que ele está dizendo.

O pensamento criou o tempo, não o tempo medido pelo relógio, o tempo cronológico, porém o tempo psicológico. O pensamento criou o tempo, o futuro, o amanhã, "Eu serei", "Eu devo ser". Tende a bondade de servir-vos das palavras do orador como um espelho, para observardes a vós mesmo. Há não só o tempo como passado, psicologicamente, mas há também o tempo como o presente e o tempo como o amanhã: passado, presente e futuro. Trata-se de um movimento, dividido pelo pensamento como *ontem,* com toda a acumulação de um milhão de "ontens", que passa para o presente, constituindo o *hoje,* encontrando diferentes condições, diferentes experiências e atravessando o presente para o *amanhã,* o futuro.

Esse movimento do tempo, psicologicamente, é o movimento do pensamento. Ontem fui feliz, hoje me sinto um tanto infeliz e espero que amanhã tornarei a ser feliz. Tive uma experiência maravilhosa, assistindo a um crepúsculo, a luz refletida na água, as árvores cheias de passarinhos cantando; essa experiência permanece como memória em minha mente, e

amanhã desejo a sua repetição. Assim o pensamento, por meio do prazer, cria o passado, o presente e o futuro. Cada um pode observar isso pessoalmente, de maneira muito simples: os deleites da juventude, os prazeres que fruiu, a repetição desses prazeres no presente, e o desejo dessa repetição no futuro — tudo isso com base no pensamento. O pensamento cria, gera, constrói a estrutura psicológica do tempo. E, portanto, o pensamento gera sofrimento; porque está sempre a buscar o prazer e a evitar a dor. O pensamento não só cria o sofrimento, mas também o sustenta. Vemos, pois, que o pensamento é tempo e sofrimento. Quando sofremos, dizemos para nós mesmos que precisamos encontrar uma saída desse estado, quer dizer, pomos mais uma vez em funcionamento todo o processo do pensar.

Não sei se já tivestes ocasião de considerar a natureza do prazer. Ontem tive uma experiência deleitável; penso nela e o pensamento fortalece aquele deleite, dando-lhe nutrição e continunidade. É o que o pensamento está fazendo continuamente. Assim, o pensamento não só cria o tempo psicológico, mas também o sofrimento. E o homem vive com o sofrimento — tal como vive com a violência — há milhões de anos, e sempre buscou um meio de livrar-se dele, seja fugindo do mundo e recolhendo-se a mosteiros, seja identificando-se com aquilo a que chama Deus, o Salvador, ideais, etc.; mas nunca conseguiu livrar-se dele, ultrapassá-lo, porque está sempre funcionando entre os limites do pensamento. Assim sendo, perguntamos a nós mesmos se o pensamento pode terminar. Num certo nível, é claro, o pensamento tem de funcionar. Tecnicamente, ele tem de funcionar quando ouvis pronunciar palavras em inglês; trata-se da acumulação de conhecimentos da língua inglesa, e tendes a repetir o que aprendestes. Tendes de saber o caminho de vossa casa, de vosso escritório, etc.; aí, o pensamento tem de funcionar racional, sã, logicamente. Mas esse pensamento lógico é pervertido pela atividade egocêntrica. E queremos saber se o pensamento tem alguma possibilidade de funcionar num outro nível, completamente diferente. Há, na mente humana, o velho cérebro e o cérebro novo. O velho cérebro se desenvolveu através de milhões de anos, ou seja o cérebro animal, que sempre funciona para a autoproteção, que está sempre na defensiva. É possível esse velho cérebro quietar-se, permitir um intervalo entre o velho e o novo? Esse intervalo é o "atemporal", e nele o pensamento não pode ingressar.

A questão que nos interessa é (porém não exclusivamente) o viver diário — com todas as suas aflições, confusão, ansieda-

des, incertezas, sentimento de culpa, desespero — essa vã batalha, sem significado algum, que chamamos a vida. Que significação tem freqüentar um escritório todos os dias, durante quarenta anos, e o tédio insuportável, a solidão da existência, sua natureza "repetitiva"? Os intelectuais inventam um significado da vida, e quanto mais hábeis, tanto mais esplêndido esse significado. E eis o que chamamos "vida": um campo de batalha. E há a morte, o desconhecido, uma coisa de que nada sabemos, mas que tememos. Agarramo-nos à vida, como "o conhecido", e tememos o desconhecido. Porque temos medo, inventamos várias teorias, crenças. Todo o Oriente crê na reencarnação, no renascer para a próxima vida; essa crença lhes dá esperança. E no mundo cristão crê-se na ressurreição — outra esperança! Quer dizer, entre o viver e o morrer, o tempo: o tempo, esse intervalo entre a realidade presente e aquilo que chamamos a morte, a qual tememos. Esse intervalo entre a vida e a morte é criado pelo pensamento. Naturalmente, morre-se realmente: o organismo físico, por motivo de doença, acidente, do desgaste a que está sujeito, perece. Mas, existe o medo da morte e o sofrimento que ela causa, como findar psicológico. Há, portanto, não só o medo da morte física, mas também o medo de perdermos tudo o que aprendemos, nossas lembrancas, experiências, afeições, família, esperanças, obras, caráter, enfim tudo o que desenvolvemos, cultivamos, nutrimos com carinho — o medo do acabar de tudo isso. Apegamo-nos à vida, essa vida que é uma batalha tremenda desde o momento de nascermos até o momento de morrermos. É só isso o que conhecemos da vida, na qual há também momentos de grande alegria, mas essa alegria só vem em raros intervalos e se converte em memória. Assim, em nossa vida, como a estamos vivendo, só há desordem total. Todas as nossas relações, humanas ou de outra natureza, constituem um conflito. E é só isso que sabemos da vida. A ela nos apegamos com todas as forças. E tememos aquela coisa que chamamos "a morte", da qual nada sabemos.

Pode-se descobrir o que realmente significa morrer, não no sentido biológico ou fisiológico, mas psicologicamente, o que constitui uma questão muito mais profunda? Porque é só no morrer que pode haver uma renovação, e não uma continuidade. O que tem continuidade é "repetitivo", é do tempo. É só quando acaba o tempo, que pode verificar-se alguma coisa nova. A questão, pois, é esta: Pode a vida que conhecemos, a qual é confusão, desordem, anarquia, acabar totalmente? Pois é isso que chamamos "morte", acabar. Pode haver um morrer

para todas as nossas lembranças, não só as lembranças desagradáveis, mas também aquelas que nos são caras e que conservamos bem guardadas? Morrer todos os dias, para todos os problemas, todos os prazeres, nunca se levando para amanhã problema nenhum, de modo que a mente permaneça sempre sobremodo atenta, ativa, lúcida. Isso só é possível ao morrermos diariamente para todas as acumulações psicológicas.

Não sei se já experimentastes morrer para um prazer, sem argumentação, sem nenhum sentimento de sacrifício — largá-lo simplesmente de mão. Se já o fizestes, então deveis saber o que é morrer, o que é terminar um prazer antes de começar o próximo prazer. Nesse intervalo entre a morte do "velho" e o começo do pensamento, a exigência de um prazer diferente, nesse intervalo está a renovação da mente. E muito importa compreender isso, porque a sociedade, como constituída, está sempre em desintegração. Na sociedade não há ordem, não há virtude, sua moralidade é condicional, mutável, e nós, entes humanos, criamos essa ordem social que é desordem, porque, em nós mesmos, estamos em desordem. A ordem não pode ser criada pelo pensamento, através do tempo, mediante um processo gradual. A virtude não é uma coisa cultivável, não é um hábito. Tal virtude é produto do tempo, produto do pensamento e, por conseguinte, não é virtude, porém mero cultivo de um hábito, como meio de defesa. Mas, quando se compreende a natureza do pensamento e do tempo, surge daí a virtude com sua disciplina própria. Porque disciplina é ordem, mas não a disciplina de imitação, de ajustamento, de obediência a certas sanções da sociedade, ou ao sacerdote. Vem a disciplina ao ser compreendido o pensamento. Há uma espécie de disciplina quando fazemos uma coisa pelo gosto de fazê-la. Mas a disciplina que é mero ajustamento a um padrão, nobre ou ignóbil, não é a vardadeira disciplina, pois só gera desordem, caos. Mas, para compreender a ordem, que é virtude, precisa-se compreender a natureza do pensar. E a compreensão do pensar exige disciplina. Observar qualquer coisa bem de perto, observar, prestar atenção a uma ave, um inseto, uma folha esvoaçando ao vento — esse observar que só dura um instante exige enorme disciplina, porque, do contrário, sois incapaz de olhar.

Estamos vendo, pois, que a ordem interior, a ordem na mente, em nosso ser, nunca pode ser produto do pensamento. O pensamento pode criar hábitos, ajustamento, obediência, e isso, é bem de ver, só leva a uma desordem maior, a maior confusão e angústia. É necessário compreender todo esse processo

do pensamento: como pensamos, porque pensamos, observando-o simplesmente. Se a ele dispensais atenção, não apenas intelectual ou emocionalmente, porém totalmente, nessa atenção total há imediata compreensão e, por conseguinte, ação imediata. E quando se compreende a natureza do pensamento, começa-se a descobrir o que é o amor. O amor não é desejo ou prazer. Mas, para nós, para quase todo o mundo, o amor é prazer e desejo. Assim, qual é a verdade a respeito do amor? Que significa ele? Evidentemente, a palavra não é a coisa. A palavra "microfone" não é o microfone. Mas, nós estamos enredados na palavra, no símbolo, na imaginação daquilo que pensamos ou que nos dizem ser o amor. Portanto, temos de livrar-nos da palavra, do símbolo, a fim de descobrirmos a natureza dessa coisa extraordinária que chamamos amor. Visto que o amor não é desejo nem prazer, como podemos conhecê-lo? Evidentemente, nós não podemos cultivá-lo, pois isso é uma infantilidade: identificar-se a pessoa com uma imagem que dizem ser o amor, como o fazem os cristãos ou como fazem no Oriente, à moda deles. Como então conhecer essa coisa? Para conhecê-la, temos de descobrir o que é a beleza.

Que é a beleza? A beleza está no objeto, na arquitetura, na árvore, no rosto formoso de uma pessoa, na luz refletida na água? Encontra-se ela no exterior, ou será uma coisa não dependente do observador e do objeto observado? E como pode verificar-se uma coisa em que não existe observador nem objeto observado? Não sei se já olhastes uma montanha, ou uma árvore na primavera, ou as águas que correm. Já deveis ter observado uma dessas coisas e dito "Que belo!" — assim dizendo, pensamos ter compreendido a beleza! Ora, por certo, a beleza se torna existente quando há o total abandono de "nós mesmos". Ao observar-se, por exemplo, uma montanha com seu manto de neve, sua luminosidade, sua profundeza, beleza e majestade, essa própria coisa expulsa momentaneamente todos os pensamentos; por um segundo ficais atordoado ante tal espetáculo e vossa mente se torna de todo quieta. Nesse estado sente-se uma certa coisa que não pode ser expressa em palavras, mas que é da natureza da beleza. Então a montanha, o rio ou a flor à beira do caminho expulsa, por um segundo, todos os vossos pensamentos, inquietações, impressões. E pode uma pessoa morrer para tudo quanto pensou a respeito de si própria, para todos os seus prazeres e preocupações, no instante do total abandono de si própria? Isso exige muita austeridade, não a austeridade do sacerdote, do monge ou do santo; a austeridade destes é

rude, sem sentido, uma coisa feia. Não é dessa austeridade que estamos falando. Só se manifesta a austeridade quando a mente compreende a natureza daquele intervalo entre o observador e a coisa observada e já não nutre o observador por meio do pensamento. Isso produz uma sensibilidade de extraordinária natureza. E a mente que não é sensível, atenta, jamais saberá o que é o amor.

E existe um momento em que a morte deixa de causar medo e a vida já não seja uma batalha? E pode haver um tal momento de parada do tempo e total suspensão do pensamento? Esse momento existe: é o amor. Sem o amor, não importa o que se faça — podeis construir maravilhosos edifícios, ir à Lua, extinguir a pobreza, acabar com as guerras porque não são lucrativas — não importa o que se faça, sem o amor não pode haver a ordem. Mas nós não desejamos a ordem. Já vivemos tantos séculos *nesta* desordem que tememos a ordem. Se desejamos a ordem, que é a paz, temos de viver pacificamente. Isso significa não ter nacionalidade, nem crença, nem dogma, nem competição, nem divisões entre os seres humanos. Mas nós não desejamos nada disso, porque já estamos muito acostumados a viver batalhando. E dizemos que, sem luta, não podemos progredir, não podemos manter-nos ativos. Preferimos ficar agarrados ao "conhecido", ainda que gerador de desordem, de caos, de aflição, a promover a ordem e a paz.

Talvez alguns dentre vós desejem fazer perguntas. Para descobrirdes a resposta correta, deveis saber porque fazeis uma pergunta. Porque fazeis perguntas? Que espécie de resposta desejais? Se a resposta for muito perturbadora, nós a rejeitaremos; uma resposta que se atravesse no caminho de nossa vida, ninguém quer. Queremos uma resposta que nos conforte, satisfaça a nossa "autocompaixão" (*self-pity*) (no sofrimento, há uma grande dose de autocompaixão). Assim, quando fazemos uma pergunta, devemos verificar a sua procedência. E nós DEVEMOS fazer perguntas, devemos duvidar de tudo. Não podemos, de modo nenhum, aceitar, obedecer (não estou dizendo que não se obedeça ao agente de polícia), mas o fato é que, psicologicamente, nós aceitamos, seguimos, obedecemos, e por isso nunca pudemos descobrir o que é a verdade. A verdade só pode ser achada quando se faz a pergunta correta, não a pergunta de outrem, porém nossa própria pergunta. Se fizerdes a pergunta correta, nela mesma encontrareis a resposta.

INTERROGANTE: Senhor, o senso de responsabilidade faz parte da ordem, da disciplina de que falastes?

KRISHNAMURTI: O senso de responsabilidade, de uma certa pessoa, faz parte da ordem de que estivemos falando nesta reunião? Pode fazer? Que será que entendemos pela palavra "responsável"? Para mim, é uma palavra muito feia. Mas, que é que entendemos pela palavra "responsável"? Responsável para com meu marido, meus filhos, para com a Pátria, o Governo, para com o Deus que o homem inventou. Pergunto-me porque se faz uso de tal palavra. Sois "responsável" quando amais? Ou só sois "responsável" quando só tendes vosso dever e não tendes mais amor? Quando é que empregamos essa palavra? Investigai o seu significado. Sou "responsável" perante minha mulher, meu marido, minha pátria — fiquemos nesses três. Que significa tal palavra quando digo "sou responsável"?

INTERROGANTE: Senhor, não compreendo porque não despertais sentimentos de antagonismo nas pessoas; porque, quando eu digo as coisas que dizeis, isso sempre acontece. Só posso supor que o aparato de respeitabilidade que vos cerca lhe impõe reverência...

KRISHNAMURTI: Mas, senhor, temos de acabar de responder à pergunta daquela senhora.

INTERROGANTE: Ah! pensei que a pergunta já estivesse esquecida.

KRISHNAMURTI: Não, senhor, sinto muito, mas ainda não acabei de responder a ela. Senhor, para aquela senhora a pergunta é importante. Pergunta ela: que é responsabilidade; ela produz a ordem, faz parte da ordem que estivemos considerando? Responderemos depois à vossa pergunta, senhor.

Dissemos que a responsabilidade faz parte da respeitabilidade, à qual rendemos culto. E parece-me que, onde há responsabilidade, não há ordem e só temos a preocupação de ser perfeitos burgueses. Dizei, senhor, o amor conhece responsabilidade e pode fazer uso dessa palavra? Quando dizeis "Sou responsável perante Deus" (o que quer que isso signifique), esse Deus é a "projeção" de vossa própria imaginação, uma projeção de vós mesmo, identificada, revestida de certas formas de respeitabilidade, do que considerais sagrado. Mas é sempre vossa "projeção". E vós sois responsável perante esse Deus, quer dizer, perante vós mesmo, que "projetastes". E nessa respeitabilidade, nessa responsabilidade, pode haver afeição? Ao fazerdes uma coisa por dever, há nisso amor? Quando um soldado é mandado a outras terras para matar, por causa de sua responsabilidade

para com a pátria, existe amor? Assim, a ordem só é possível havendo amor, havendo afeição real, compaixão.

Vossa pergunta, senhor, se a entendi corretamente, foi esta: "Por que as pessoas se zangam comigo?"

INTERROGANTE: Não, senhor. Eu perguntei porque é que as pessoas NÃO se zangam convosco. Isso é bem diferente do que dissestes.

KRISHNAMURTI: Está bem. Vou repetir a pergunta...

INTERROGANTE: Embora eu apenas tenha feito uma pergunta, já causei raiva a uma senhora aqui presente, e a outras pessoas atrás de mim.

KRISHNAMURTI: Está bem, senhor, mas...

INTERROGANTE: Eu causo mais raiva às pessoas, do que vós causais...

KRISHNAMURTI: Sim, senhor; porque é que vós que me ouvis não ficais com raiva de mim por causa do que digo? Isso também me surpreende (*risos*). Por favor! Senhor, quando certas pessoas ouvem dizer que seus deuses são falsos, porque não se irritam com o orador? Quando o orador diz que o pensamento é uma coisa velhíssima e que não tem sentido depender do pensamento, porque não vos irritais? Porque continuais a escutar-me? Pois o que dizemos é a negação de tudo o que o homem tem criado, ataca as próprias raízes da ordem social que veneramos e a que estamos apegados. Talvez, ao ouvirdes o que se está dizendo (porque estais sentados e quietos, e não porque respeitais o orador, que não entra em linha de conta), talvez percebais a verdade contida em tais palavras. E a gente não pode ficar com raiva da Verdade — *ela é* ASSIM! Está chovendo, e não podeis ter raiva da chuva. Da mesma maneira, quando, escutando, percebeis que é verdadeiro o que o orador está dizendo, não há motivo para vos enraivecerdes — o fato é ESTE. Só quando entram em cena insultos pessoais, incivilidades, pode uma pessoa irritar-se. Mas, se há um certo elemento de compaixão, de atenção, solicitude, não vejo porque devamos irritar-nos com o que quer que seja.

24 de maio de 1967.

PORQUE BUSCAMOS NOVAS EXPERIÊNCIAS
(Amsterdam — IV)

Estivemos considerando juntos vários assuntos que me parecem verdadeiramente importantes. Há mais uma questão que também merece ser considerada, ou seja, a da mente que exige experiências. Se não compreendermos esse problema, não poderemos compreender a questão imediata, que mais adiante consideraremos: se a mente pode alcançar o atributo da inocência. A inocência é bem mais importante do que a imortalidade. E, para podermos penetrar fundo nessa questão, temos em primeiro lugar de compreender, não intelectualmente, é claro, a mente que exige experiências. A mente vulgar, estreita, superficial, está sempre a buscar mais e mais experiências. Por "mente vulgar" entendo aquela que está sempre e só interessada em si própria, em suas atividades egocêntricas, a mente pouco profunda. Essa mente vulgar pode ser muito engenhosa, erudita, possuir uma grande capacidade técnica e analítica, entretanto permanece vulgar, superficial, desprezível, quer dizer, essencialmente "burguesa". Não estamos empregando a palavra "burguesa" em sentido depreciativo. Essa mente — a mente da maioria de nós — com sua pesada carga de condicionamento, é um tanto limitada, achando-se bem firmada na tradição, na experiência, no ajustamento às diárias exigências de uma vida monótona, laboriosa e mais ou menos inútil. Essa mente, limitada como é, anda sempre à procura de experiências mais amplas e profundas. Exige ela não só as experiências biológicas, fisiológicas, do sexo, etc., mas também experiências mais amplas no campo da consciência.

Nossa vida de cada dia, tal como a conhecemos, a vida que levamos, é bastante monótona, vazia. E, obedecendo a uma

rotina de hábitos e tradições bem firmados, estabelece-se a norma que a mente fica seguindo até morrer, até o fim. Essa mente, que por ora chamaremos estreita, limitada, vulgar, superficial, exige muitas experiências. Tem tido experiências físicas, como a satisfação do sexo e de outros apetites sensoriais, e, entretanto, exige experiências mais amplas ainda. Por essa razão se observa atualmente em todo o mundo a mania de tomar drogas, como L.S.D., esperando-se, por meio delas, expandir a consciência e ter experiências maiores, mais amplas e significativas. Penso que devemos compreender essa ânsia de experiência.

Que é uma experiência, que implica uma experiência? Quando desejamos a experiência mais maravilhosa possível, que subentende isso? Que visamos com esse experimentar? Trata-se de uma exigência legítima; é possível ter-se uma experiência totalmente nova? Por experiência entendemos "passar por um certo estado"; tal é a definição léxica da palavra: passar por uma experiência, passar pela "reação" a um desafio, do começo ao fim. Nesse processo de experimentar são necessárias várias coisas. (E, no observar de si mesmo, espero que cada um dos ouvintes desta palestra matinal não esteja apenas ouvindo palavras, a concordar ou a discordar, porém de fato examinando a si próprio, servindo-se das palavras do orador como um espelho.)

Para compreender profundamente esta questão, tendes de observar vossa mente em funcionamento. Porque desejamos experiências? Que envolve esse experimentar? Evidentemente, nós o exigimos porque nossa vida é vazia, superficial, vulgar, já estamos fartos da rotina diária e desejamos uma coisa mais ampla, mais profunda, mais duradoura. E, assim, buscamos experiências. Naturalmente, há a suprema experiência da mente religiosa (que não é realmente uma mente religiosa, porém se acha presa nas armadilhas das organizações religiosas, as quais representam meramente a continuidade de uma certa propaganda e não são, em absoluto, religião). Uma mente dessa qualidade deseja a experiência máxima de um certo estado místico, da Realidade, de Deus — da projeção de seu próprio condicionamento. Se sois cristão, tereis a experiência para que fostes condicionado; um indiano, um asiático, são condicionados à sua particular psicologia e cultura. Nesse processo de experimentar (se, como espero, observardes a vós mesmo) há realmente alguma coisa nova? Ou há apenas a continuidade do que *foi*, modificado, ampliado, e revestido de uma significação diferente?

Em relação a essa exigência de experiência, que é natural, tem-se de investigar o que é uma experiência, qual a sua natureza, e se é possível haver uma experiência nova. Insatisfeitos com as coisas tais como são, em nossa vida, esperamos que, expandindo a nossa consciência, alcançaremos uma certa experiência nova, fundamental, original, inédita. E não compreendemos perfeitamente o que nisso está implicado. Toda experiência é reação a uma certa condição. Há sempre desafios quando estamos verdadeiramente despertos, aos quais "respondemos" adequada ou inadequadamente, total ou parcialmente. Essa reação ao desafio constitui o experimentar — pois, do contrário, não há experiência nenhuma. E quando exigimos experiências mais profundas, mais amplas e significativas, isso implica um "processo" de reconhecimento, não é verdade? Se não reconheço uma nova experiência, não há experiência nenhuma. Se há uma experiência, se alguma coisa ocorre na consciência e eu não reconheço a sua natureza, aquilo deixa de ser uma experiência.

Assim, para ter uma experiência, eu tenho de reconhecê-la. E, para reconhecê-la, já devo tê-la tido antes, senão não posso reconhecê-la. Peço-vos seguir-me, passo a passo. O reconhecimento é necessário no experimentar, senão não há experiência. E o ato de reconhecer é uma reação da memória. Por conseguinte, toda experiência reconhecível é sempre velha. Dessarte, a mente que busca uma experiência mais ampla e mais profunda, e é capaz de reconhecê-la, nunca achará o novo, por mais que exija uma experiência nova. Eis porque temos de verificar se há possibilidade de ficarmos totalmente livres de toda a estrutura da memória.

Não estou dizendo que não se deve ter memória, o que seria um absurdo. Nós necessitamos da memória — da memória tecnológica — pois, do contrário, não teríamos nenhuma possibilidade de viver. Mas não precisamos da memória da mente que está sempre a buscar o novo e a traduzir o que acha em termos do velho. Afinal de contas, uma pessoa que já tomou L.S.D., por exemplo, sabe que esse produto químico exalta a sensibilidade e a percepção, e pode-se ver com muito mais clareza e muito mais diretamente, porque, então, não existe o intervalo entre o observador e a coisa observada. Há uma alteração química em todo o metabolismo do corpo. Nesse estado, a pessoa "experimenta" e a experiência é obviamente reconhecível, porque, de outro modo, a pessoa estaria vazia.

Assim, no processo de reconhecimento há a projeção do passado. A mente está sempre funcionando no campo do tempo, que se relaciona com a memória. E pode a mente ultrapassá-lo? A verdade não é reconhecível e, por conseguinte, é sempre nova. A mente que busca a Verdade nunca a encontrará, porque a Verdade não pode ser procurada. A mente condicionada que indaga o que é a Verdade, que deseja encontrá-la, nunca a encontrará, pelo fato de estar condicionada. Nunca achará aquela coisa imensa, imensurável. Mas, se não podemos encontrá-la, a vida se torna monótona, estúpida, insípida, sem significação nenhuma. Assim, tem a mente a possibilidade de encontrar essa coisa que o homem sempre esteve buscando?... um estado de inocência, de juvenilidade, que se renova constantemente? Há tal possibilidade? É o que vamos investigar nesta manhã.

Como dissemos outro dia, a palavra, o símbolo, não é a realidade. A palavra "porta" não é a porta. Assim, devemos ter muito cuidado para não nos enredarmos nas palavras. Embora tenhamos de servir-nos de palavras para nos comunicar, as palavras se tornam um terrível obstáculo, porque pensamos que, compreendendo a palavra, definindo a palavra, ou percebendo, mediante explicação, o significado e a estrutura de uma sentença, compreendemos a "coisa total". Vamos, pois, investigar se a mente, que está tão fortemente condicionada, pode libertar-se totalmente, ingressar num estado de liberdade em que o novo seja encontrado. A alegria, o êxtase, não podem ser buscados. Podemos procurar o prazer, excitações, sensações, meios e modos de entreter-nos; mas alegria é uma coisa que não pode de modo nenhum ser procurada ou criada pelo pensamento. E essa alegria não está em nenhuma relação com o prazer ou o desejo. Portanto, releva compreender a natureza do prazer e do desejo.

Sabeis que, no mundo inteiro, as pessoas pertencentes a qualquer religião organizada sempre disseram que uma pessoa, para poder achar a realidade, não deve ter desejo. É por isso que existem tantos monges e tantas maneiras de renunciar ao mundo, de rejeitar o prazer e o desejo. Os mosteiros estão cheios. E pela rejeição do prazer e do desejo esperam eles achar algo de transcendental. Que é prazer e que é desejo? Precisamos compreender isso bem claramente, porque, de outro modo, a mente se verá sempre empenhada na busca ou fuga do prazer, ou no controle do desejo, e, portanto, sempre torturada. Tanto

a satisfação como a repressão do desejo de prazer deterioram a mente. Portanto, impende compreender tanto o desejo como o prazer, não intelectualmente, não "conceptualmente", porém realmente. A compreensão através de um conceito, de uma fórmula, não é compreensão, absolutamente. Isto é, temos uma idéia sobre o que é o prazer e tentamos compreender a estrutura do prazer através dessa idéia. Primeiro, concebemos, formulamos uma idéia e nos servimos dessa idéia, desse conceito para compreender. Por "compreensão" entendemos direta percepção e ação, sem o intervalo, sem a interferência do pensamento e dos conceitos. Só então pode haver compreensão e, por conseguinte, ação imediata.

Pode-se ver como nasce o desejo. Não é uma coisa muito complexa. Primeiro, percebe-se diretamente com os olhos; daí vem um certo prazer, se a coisa é bela. Há primeiro a percepção, em seguida a sensação, depois o contato e, como resultado desse contato, o desejo. Vedes um belo carro — essa é a percepção, o ver, e vem em seguida a sensação, o contato e o desejo. Começa então o pensamento a nutrir, a sustentar e a dar continuidade a esse desejo. E o desejo se torna então prazer. Tudo isso ocorre instantaneamente. Vejo um belo rosto, uma bela árvore, toco esse rosto ou essa árvore e vem daí o desejo, o qual é sustentado pelo pensamento, tornando-se prazer. Podeis, se vos mantiverdes vigilante, atento, observar isso em vós mesmo. Percebendo-o, perguntamos então se é possível não deixar o pensamento interferir. Entendeis? Pode-se ver muito bem como nasce o desejo; vem então o pensamento e me faz dizer: Eu o quero. Quero possuí-lo, quero que isso continue. Assim, o pensamento não só dá nutrição, sustento, ao desejo, mas também, pelo pensar repetidamente nele, lhe dá continuidade. É o que se observa quando se tem uma experiência sexual ou qualquer experiência profunda.

Vede, por favor, o que ocorre. O pensamento, no ato de experimentar, é o presente, olhando um carro; há a percepção direta e, em seguida, o pensamento intervém — o pensamento, que é o velho — e dá continuidade a esse desejo com o pensar nele, o que já é prazer. Tudo isso, como dissemos, é instantâneo. E é possível não deixar o pensamento interferir? Pois não podemos fechar os olhos ou os ouvidos. Nós ouvimos, sentimos um sabor, ou vemos um belo pôr de Sol, uma árvore, uma linda paisagem, com lagos e montanhas, e é claro que não podemos fechar os olhos a essas coisas. Vem então o pensa-

mento, dando ao novo (que é a percepção visual direta) uma continuidade, que se torna memória. Tivemos hoje uma bela alvorada, olhamo-la, era uma coisa realmente bela e o pensamento a prendeu e quer que esse prazer seja repetido amanhã. O "velho" prendeu a beleza momentânea do poente, da alvorada, e por isso o pensamento nunca pode achar o novo, experimentar algo novo. E como é possível, sem controle, sem subjugação, sem rejeição, fazer o pensamento abster-se de interferir? Compreendeis esta pergunta? Espero que o problema esteja claro. Porque já vivemos tanto tempo — mais de dois milhões de anos — como entes humanos, acumulamos tanta coisa, tantos milhares de experiências, que nossa inocência já não existe. Nada de novo há no homem e, quando vigilante e desperto, ele está sempre a exigir o novo. E a entidade que está a buscar o novo é sempre o pensamento. Esse pensamento é sempre velho, porque é a reação de memórias acumuladas, do conhecimento adquirido pela experiência. E é possível o pensamento não interferir em circunstância alguma?

Vamos verificar isso agora, descobrir por nós mesmos se tal coisa é possível. Mas, se dizeis que não há possibilidade, já fechastes o caminho. Ou, dizendo que há, também fechais o caminho. A esse respeito, tanto o concordar como o discordar vos impedem de ir mais longe, como é talvez o vosso desejo. Mas, se desejamos penetrar fundo nesta matéria, não deve haver aceitação nem negação, porém exame. E, para o exame, necessita-se de liberdade; temos de estar livres da opinião, da conclusão. Quer dizer, o pensamento, que é sempre velho, sempre condicionado, nunca livre — embora fale interminavelmente de liberdade, de paz e de amor — nunca descobrirá o novo. Toda a nossa vida se baseia no pensamento; do despertar, pela manhã, até à hora de dormir, nosso pensamento está a funcionar — com sua sagacidade, seu desespero, suas esperanças, sua busca de prazer e rejeição do sofrimento, etc. etc., infinitamente. Por conseguinte, estamos sempre vivendo no passado — sempre! Assim, quando perguntamos se o pensamento pode deter-se, se o pensamento, que está no tempo, pode ter fim, estamos fazendo uma pergunta fundamental. Uma pergunta fundamental não pode ser respondida por outra pessoa. Quando fazeis uma pergunta fundamental, acabou-se toda e qualquer autoridade. Por conseguinte, quando a autoridade, de qualquer espécie, é posta de lado, rejeitada, estais apto a descobrir por vós mesmo. Estamos fazendo uma pergunta que exige atenção. Estamos perguntando se o pensamento pode deter-se

(embora ele seja necessário em certos níveis), se o pensamento pode terminar e não mais interferir. Ao olhardes o pôr do Sol, uma árvore, um pássaro a voar, ao verdes um rosto familiar — olhá-lo como se fosse pela primeira vez! Embora passeis pelo mesmo caminho, pela mesma estrada, olhai tudo como se nunca houvesse acontecido antes! Isso é importante, porque daí decorre o descobrimento de alguma coisa inteiramente diferente. Assim, é possível deter-se o pensamento? Como sabeis, isso se tem tentado de diversas maneiras, por meio de drogas, de controle, da meditação, da busca do estado em que se recebe a Graça. Ou pelo identificar-se, pelo absorver-se inteiramente numa coisa na Pátria (que é uma idéia), no patriotismo (outra idéia), numa projeção a que chamamos "Deus" (mais um conceito, uma imagem, um símbolo). Tem o homem tentado esquecer-se de si próprio por todos os meios: o controle, a repressão, a identificação com algo a que chama "maior", o sexo, uma certa atividade a que se ligou — tal o comunista que, ligado a uma ideologia e com ela identificado, trabalha incansavelmente para essa ideologia e, sem embargo, está a identificar-se com uma idéia, trabalhando para si próprio e chamando isso "trabalhar para a coletividade", etc. Mas, é possível a mente ficar totalmente vazia, totalmente nova e inocente, embora já tenha vivido mil anos?

Para se descobrir isso é necessário investigar o que é percebimento. E, também, cumpre descobrir o que é "estar atento"; estar cônscio das luzes, da forma do salão, do teto, do tapete, da cor; estar simplesmente cônscio de tudo sem qualquer escolha, sem comparação, sem condenação; observar, simplesmente. Não sei se alguma vez já experimentastes isso. Se o fizestes e se estais vigilante, podeis então ver como julgais, condenais, aprovais: "Gosto", "não gosto", "isto é feio", "isto é belo", "não gosto desta cor, é desagradável", "aquela cor é muito atraente". Tais manifestações impedem aquele percebimento, que significa estar cônscio sem escolha — e é só então que se pode observar, ver. Quando se está completamente atento, nesse estado vê-se; só o amor vê, e nada mais — nem o pensamento, nem a mente, nem o intelecto. Portanto, temos de aprender a olhar, a ouvir. Como dissemos outro dia, aprender não é acumular, o aprender é sempre o presente ativo. Não significa que, tendo-se aprendido, observa-se; só se vê no instante presente. E, assim consciente, começais a descobrir por vós mesmo, sem a ajuda de nenhum pregador, nenhum instrutor, nenhum livro, nenhuma filosofia, nenhum teólogo, sacerdote ou psicólogo — começais

a descobrir a natureza e a estrutura de vosso próprio EU: como olhais, como sentis, o que pensais, quais são os vossos *motivos*; estais cônscio de vós mesmo instantaneamente. E desse percebimento vem o estado de atenção. Em geral, somos desatentos — é nosso hábito. Nunca estamos atentos. Atenção significa atenção completa, não atenção intelectual, emocional, porém a atenção total que prestamos quando nos vemos diante de um perigo, ou de uma crise. Essa atenção é virtude. Só nessa atenção pode a virtude florescer. E, havendo essa atenção, descobrireis que dela resulta a solidão completa. Não sei se já experimentastes o que é solidão. Creio que sim. Estar só, isto é, sentir-se isolado, sem estar em relação com coisa alguma — nesse estado de solidão há desespero, há desânimo; conhecemos bem tal estado de solidão e dele fugimos ligando o rádio, lendo um livro, por meio do sexo e de uma dezena de diferentes atividades. Essa solidão é a essência mesma da consciência do EU. E quando a transcendemos, apresenta-se o estado de atenção em que há a solidão completa, que não é isolamento, não é separação, não é retirada. Porque é só nessa solidão que a mente já não é um joguete do pensamento, pois o pensamento foi compreendido totalmente, originando-se então o estado de solidão. Esse é o estado de inocência, essa inocência não sujeita à mortalidade. Só essa inocência pode descobrir o novo, aquilo que é sempre novo, atemporal. Esse "processo", o homem o tem buscado por meio da meditação. Talvez desconheçais essa palavra. Toda a Ásia conhece o significado dessa palavra. Aqui pode ser que se empregue uma palavra diferente. Tem o homem tentado, por meio da meditação, do controle, do seguir um sistema, um método, encontrar essa inocência, essa juvenilidade, essa realidade que não é do tempo. Ela só pode ser encontrada quando se compreendeu o que significa experimentar, o que significa prazer e desejo, e também a natureza do percebimento e da atenção. Então, dessa compreensão total vem a solidão que nos abre a porta. E nada, nem ninguém — nenhuma droga, nenhum sacerdote, nenhum Deus, nenhuma religião — pode dar-nos a energia de que necessitamos para abrir aquela porta.

Se o desejardes, podemos agora, por meio de perguntas, "discutir" o que estivemos dizendo nesta manhã ou em reuniões precedentes. Espera o orador não vos ter tirado a vontade de fazer perguntas, ao dizer que quando se faz a pergunta correta, a resposta está contida na própria pergunta. Para fazer a pergunta correta, a mente deve ser muito penetrante, muito clara, e é necessária aquela solicitude que é afeição; do contrário, se

fazeis uma pergunta porque sentis amargor, irritação, desespero, ela se torna sem significação.

INTERROGANTE: Senhor, podeis mostrar a distinção entre o que entendeis pela palavra "reconhecimento", e "estar cônscio"?

KRISHNAMURTI: Eu vos reconheço porque vos encontrei antes e conheço vossas maneiras de falar, etc. Nisso há reconhecimento, não? Eu vos reconheço. Se fomos amigos ou vivemos juntos, então vós tendes uma imagem de mim, e eu tenho uma imagem de vós. Isso é óbvio. E se não estamos cônscios dessas imagens, da imagem que tendes de mim, e (se a tenho) da imagem que tenho de vós, se não estamos cônscios dessas imagens, podemos ficar falando toda a vida a respeito de percebimento. Temos, pois, de compreender como se formam as imagens. Então, quando não há formação de imagem alguma, o reconhecimento é um fator muito simples, um fator necessário, mas, por meio desse reconhecimento, em que não há imagem alguma, há uma relação direta, uma comunicação direta, uma direta comunhão entre nós dois. Está respondida vossa pergunta, senhor?

INTERROGANTE: Está.

INTERROGANTE: Visto que dizeis que não se pode reconhecer a experiência...

KRISHNAMURTI: Não, minha senhora, sinto muito, eu não disse que não se pode reconhecer a experiência. É só quando reconhecemos que há experiência.

INTERROGANTE: Logo que reconheceis, exclamais Oh!

KRISHNAMURTI: Exatamente.

INTERROGANTE: Que é então que vos faz vir aqui?

KRISHNAMURTI: Ah! Pergunta essa senhora o que me faz vir aqui, à Holanda, a este lugar, para falar. Que relação tem esta pergunta com o que estamos tratando?

INTERROGANTE: Deveis ter um certo sentimento... de compaixão por nós.

KRISHNAMURTI: A pergunta então é: Vindes aqui porque tendes compaixão? Eis a pergunta. Ora, que valor tem isso? Que valor tem se o orador disser: "Sim, venho porque sinto compaixão." Que significa isso? Em que ficais?

INTERROGANTE: Que é que vos impulsiona?

KRISHNAMURTI: O que me impulsiona a vir aqui? Vede, minha senhora, isso é de tão pouca importância. Prestai-me atenção, por favor. Que importa saber porque este orador vem cá? O que tem importância, imensa importância, é a maneira como o escutais, o que fazeis com o que escutastes — só isso releva. Como escutastes e o que ides fazer com o que escutastes. A outra pergunta — porque o orador veio, se veio por compaixão, por isto ou por aquilo — é completamente sem significação, porque, se ele fala porque sente afeição, vós o sabeis e não necessitais de confirmação. E quer ele confirme, quer negue, isso é sem relevância. Não podeis perguntar à beleza de um poente ou de uma nuvem: "Porque sois assim?" Vós a vedes tal como ela é, e, quando a olhais, o importante é como a olhais e o que fazeis com aquilo que vistes.

INTERROGANTE: Como podemos quebrar um conceito que formamos com todo o cuidado?

KRISHNAMURTI: Que significa a palavra "conceito"? Conceber uma ideologia, formular uma idéia — entendeis? Há a ideologia comunista, a ideologia católica, a ideologia hinduísta, a budista, etc. Porque é que formulamos idéias? Quando é que descobrimos uma coisa nova? Não é quando estais enredado em ideologias, decerto que não. O homem que inventou a propulsão a jato, como a descobriu? Ele sabia tudo a respeito do pistão, da estrutura do motor de pistão, com propulsor (hélice), etc.; e só descobriu o "jato" quando havia um intervalo entre o que ele sabia e aquilo que ele ia achar, isto é, quando a mente estava completamente em silêncio entre o velho e o novo. Isso acontece com todos nós, muitas vezes; não é nada de misterioso. O mal é que dizemos: "Quero manter-me naquele estado em que se descobrem coisas novas. Quero que ele continue." Por conseguinte, o pensamento intervém e o torna velho, o destrói. Formulamos ou concebemos idéias por ser perigoso viver sem idéias e sem conceitos, fórmulas; pois, sem elas, temos de viver muito intensamente no presente. E viver completamente no presente é uma coisa perigosa. Assim, as fórmulas e as crenças servem-nos de proteção. E a mente que se protege deixa de ser *mente*. Assim, quando percebemos o "processo" de formação do conceito, quando o percebemos sem pensar em como livrar-nos dele, como detê-lo, como ultrapassá-lo; quando simplesmente o percebemos, isto é, conhecemos-lhe a natureza, então — se o olhamos real-

mente com toda a atenção, zelo, afeição — veremos que a mente dele se livrará, o ultrapassará. Ora, essa atenção completa requer tremenda intensidade, energia, urgência. Mas nós não temos nem essa energia, nem essa intensidade, nem essa urgência.

INTERROGANTE: Pensais que a solidão é uma forma de projeção de nós mesmos?

KRISHNAMURTI: Não precisais projetar o que sois; a solidão é uma coisa que acontece, que se faz sentir. Porque será — se me permitis perguntá-lo — porque será que fazemos perguntas? Porque perguntamos — não só ao orador? Nós temos de perguntar, temos de duvidar, de contestar tudo, desde as próprias bases, e até o fim de nossa vida. Temos de questionar, de duvidar, e de não ter fé — porque os que têm fé sempre foram levados a grandes aflições: fé nos líderes, no guia político ou religioso. Estes sempre causaram a destruição, a anarquia. Portanto, temos de contestar, de duvidar, de indagar. Mas, porque indagamos, e quem irá responder-nos? Prestai atenção: Quem irá responder-nos? Se alguém se mostra disposto a responder-nos, essa pessoa se torna nossa autoridade e vemo-nos de novo aprisionados na mesma e velha armadilha. Temos, pois, de descobrir porque fazemos perguntas. Em primeiro lugar, qual o *motivo*, o *fundo*, a intensidade, a clareza, o impulso que nos induz a perguntar? Ou é uma coisa superficial, esse perguntar, como quando estamos confortavelmente sentados, depois de um bom jantar. Ou fazemos a pergunta porque estamos insatisfeitos e, por conseguinte, desejamos achar satisfação, na resposta? Ou perguntamos a fim de dar clareza a nós mesmos, a fim de, no ato de perguntar, começarmos a ver muito claramente? E uma pessoa também faz perguntas porque está confusa; a mente que está confusa só pode receber respostas confusas, nunca respostas claras, já que está confusa. Tendes, pois, de verificar se fazeis perguntas porque vos achais em confusão, ou se as fazeis porque tendes clareza. Se tendes clareza, nunca fareis uma pergunta. Só a mente confusa faz perguntas e, depois de fazê-las, já que não pode receber a resposta correta, permanece na confusão. Por conseguinte, o perguntar vos revela o estado de vossa própria mente — se está ou não está confusa. É por isso que temos de fazer perguntas, pois há uma grande beleza no descobrimento do que realmente somos.

28 de maio de 1967.

O DESCOBRIMENTO DA VERDADE
(Amsterdam — V)

Esta é a última palestra. Estivemos examinando vários problemas da vida e julgo necessário investigarmos também o problema da mente religiosa. Falamos a respeito do medo, da morte e investigamos também a questão do amor. Nesta tarde, poderíamos considerar o estado da mente capaz de perceber o que é a verdade. Porque o homem, tanto no Ocidente como no Oriente, sempre andou a buscar, a tatear, na ânsia de descobrir o que é a Verdade e o que é Deus: se existe Deus, a Verdade. Em todas as culturas e civilizações do mundo inteiro, os entes humanos sempre fizeram essa interrogação. E, a meu ver, não só devemos fazê-la seriamente, mas também descobrir, por nós mesmos, não teoricamente, não como vaga crença num conceito, numa idéia, se de fato existe ou não existe Deus. Há muitos que negam a própria idéia de Deus. É uma idéia que lhes cheira mal. Rejeitam-na, porque tantos crimes já se cometeram em nome da religião, tantas guerras se travaram e tantas torturas se infligiram — como nos tempos da Inquisição — em nome de Deus e da paz. Outros afirmam que Ele existe. E, a meu ver, o pertencer a um ou a outro campo — à facção dos crentes ou à dos não crentes — denota absoluta falta de maturidade; porque ambas estão condicionadas para não crer. Desde a meninice, um indivíduo é educado para crer que existe Deus, que existe uma verdade, a qual tem de ser alcançada, e que só um certo salvador pode mostrar o caminho, ajudar a alcançá-la. E há também o mundo comunista que não crê em nada, onde, desde a infância, se é condicionado para *não* crer.

Não há, pois, muita diferença entre o crente e o não crente, porquanto um e outro estão condicionados para crer ou para

não crer. E, parece-me, para se descobrir se tal realidade existe, se alguma coisa existe que ultrapassa os limites da mente humana, temos de rejeitar totalmente a crença e a não crença; e isso requer abundante energia. Porque tanto se pode rejeitar como aceitar, mas nós cremos porque temos medo; nossa vida é tão incerta, tão insignificativa, que aspiramos a uma certa coisa que lhe dê sentido, finalidade. E, assim, nessa profunda solidão, aflição, incerteza, criamos ou formamos uma idéia chamada Deus ou Verdade, enquanto outros negam decididamente uma tal entidade, afirmando que só existe a vida presente, a qual temos de viver penosamente, sem nenhuma esperança, nenhuma finalidade, dela tirando o melhor proveito possível, vivendo o mais honrada e pacificamente possível.

Cumpre-nos, pois, investigar esta questão não intelectualmente, porquanto o intelecto é incapaz de resolvê-la; será capaz de argumentar, de, dialeticamente, destroçar uma opinião ou inventar uma teoria, mas, com toda a sua sagacidade, jamais descobrirá coisa alguma. Quanto mais investiga, tanto mais se inclina a crer. Pode-se observar, em todo o mundo, que os intelectuais ou se tornam crentes ou aderem às fileiras dos não crentes. Mas se, séria e decididamente, nos compenetrarmos da absoluta necessidade de descobrir a verdade — não como coisa que dará sentido à vida, que nos dará segurança e conforto — temos de acabar com a crença. A crença dá esperança, e nós necessitamos de esperança porque esta nossa vida, de diária aflição, conflito, ansiedade, sem se encontrar solução alguma — torna necessária a crença. Assim, conforme a cultura, o clima, os temperamentos e inclinações — artísticas, materialistas, etc. — a mente inventa, e naquilo que inventou assenta a sua esperança.

Mas o homem que deseja investigar e encontrar essa realidade, descobrir se ela existe, deve não só rejeitar todas as formas de crença (o que não significa tornar-se ateu, incréu), mas deve igualmente rejeitar todas as formas de esperança, porque a esperança nasce da crença. Mais uma vez, isso não significa que a pessoa se tornará pessimista, acrimoniosa, materialista, insensível, indiferente. Esta é uma questão imensa, e não uma simples questão de crença, de palavras, de conceitos. Há muito tempo vive o homem de palavras e de conceitos, de crença e de esperança, porém jamais alcançou realmente aquele estado em que a mente percebe, de fato, *o que é*. E, quando se investiga esta questão, há sempre o perigo de cair na armadi-

lha da superficialidade; quer dizer, quando não há mais esperança (e isso exige enorme compreensão, e não simples rejeição), quando essas coisas foram postas de parte, há o perigo de a pessoa tornar-se materialista, não no sentido de possuir riquezas, casas, etc., porém no sentido de devotar-se a alguma ideologia política. Sabeis o que está acontecendo no mundo: por um lado, nega-se a Deus e, por outro lado, cria-se outra espécie de Deus — a ideologia comunista. Pode uma pessoa negar as ideologias das religiões, contudo é necessária muita vigilância para não se deixar atrair pelas ideologias políticas, como se fossem de suprema importância, não se entregar de corpo e alma ao serviço do Estado, da humanidade, à assistência ao homem — pois tais atividades são de natureza materialista. Isso naturalmente não significa que não se deva dar ajuda ao homem, porém, sim, que, quando se deseja investigar se existe uma outra dimensão, uma dimensão totalmente diferente, não inventada pelo pensamento, é necessária extrema vigilância para não se criarem ilusões, fantasias, mitos. A ilusão só existe quando existe a capacidade de medir, isto é, de comparar. Porque, não havendo comparação de espécie alguma, não há nenhuma possibilidade de ilusão. Importa compreender isso, na investigação deste formidável problema.

Outra coisa que requer atenção é esta: que na própria rejeição ou negação se encontra o "positivo"; na própria negação está a energia positiva. Isto é, no negar a guerra (não apenas no campo de batalha, mas também a guerra que se trava em nosso interior), nesse próprio processo de negação se encontra a energia não contaminável pelo "negativo". Ou seja, a maioria de nós só sabe dizer "sim". Aceitamos sempre, nunca dizemos "Não!" E, quando dizemos "Não" (se não se trata de revolta, que é simples falta de maturidade, coisa semelhante ao comportamento da criança que diz "não" aos pais e que nenhuma significação tem), quando negamos, esse próprio ato de dizer "não" nasce da compreensão. Nesse "Não" está o "positivo", e esse positivo, que é energia total, é livre do conflito da dualidade.

Só existe conflito quando há duas coisas opostas: o medo e o estado de "não medo"; a violência e o seu oposto, a não violência. Quando em nosso interior existem esses opostos, há conflito; pois todo conflito nasce da contradição: "Quero isto" e "Não quero aquilo". Mas, quando negamos o fato real — a violência (e não a não violência, que não tem realidade alguma,

sendo mera idéia), quando negamos a violência existente em nós mesmos, nessa própria negação está a energia não contaminada pelo seu oposto.

Senhores, vou expressar-me de outra maneira. Se negais o ódio, a inveja (se *negais*, isto é, não tratais de resistir, de fugir, de aceitar), se negais o ódio ou a violência, geradora de tanta animosidade (e só podeis negá-los quando, não intelectualmente, porém realmente compreendeis a sua natureza, tudo o que implicam), então, nessa própria negação está o "positivo", que é o amor, no qual não existe ódio. O amor não é o oposto do ódio. Assim, quando negamos todas as formas de crença, crença em Deus, ou *crença* em que não há Deus — quando negamos ambas essas formas de crença (e isso significa compreender porque os entes humanos precisam de crer: porque a crença dá esperança, e nós "projetamos" a esperança porque temos medo, por causa de nossa insegurança, ansiedade, desespero), quando tudo isso negamos, então, essa própria negação contém uma energia positiva livre de todo e qualquer conflito.

Está bem compreendido que na negação total dessa estrutura construída pelo homem — relativa àquilo que ele chama Deus ou não-Deus — está bem compreendido que nessa negação se encontra um estado mental de todo em todo *positivo,* sem contradição de espécie alguma? Esse estado mental é necessário, para que se possa investigar se existe um Deus, uma Verdade; isto é, necessita-se de uma mente que nem sinta medo nem aceite o mundo simplesmente como é. O mundo, em seu estado atual, necessita de uma tremenda revolução — não econômica ou social, porém uma revolução psicológica, profunda, revolução não nascida de idéias, não concebida segundo Marx, Freud ou Jung ou qualquer dos campos opostos: uma revolução nas profundezas da psique. Só uma tal revolução criará um mundo inteiramente diferente.

Investiguemos juntos. Sabeis que, quando um homem sente fome, não se satisfaz com uma descrição da comida: ele quer a comida. Do mesmo modo, juntamente com este orador, ides investigar esta questão. Mas, como dissemos, para investigar precisamos estar livres de todas as formas de crença; do contrário, estaremos presos, tal como um animal amarrado a uma estaca, que pode afastar-se até onde o permite o comprimento da corda, mas não é livre.

Por conseguinte, para investigar, o primeiro requisito essencial é que nos livremos da crença, sem nos tornarmos pessi-

mistas, acrimoniosos, superficiais, ou nos pormos a inventar teorias meramente intelectuais e a viver de acordo com tais teorias.

Isto é, para investigar, toda busca tem de cessar. Ora, através das idades, o homem sempre andou a buscar, incansavelmente, aquela certa coisa imensurável. Alguns dizem ter tido a experiência dessa coisa e tratam de comunicar a outros essa experiência. E como esses outros também a desejam, se empenham em alcançá-la. Mas essa coisa não pode ser experimentada: se se experimenta, já não é ela. Se dizeis que sabeis o que ela é, não o sabeis. Por conseguinte, cumpre compreender esse constante buscar, porque ele resulta do descontentamento. A maioria dos entes humanos se vê descontente com coisas superficiais, e também num nível mais profundo. Há descontentamento fácil de satisfazer, e quando estamos descontentes desejamos achar alguma coisa que nos satisfaça totalmente. Saímos, assim, em busca desse contentamento, a pedir, a rogar, a rezar, a indagar. O homem sempre fez isso através das idades. Pergunta ele: "Que é a Verdade?" ou "Que é Deus?", diz: "Tenho de procurá-lo, de descobri-lo." E, quando procuramos, é óbvio que achamos aquilo que "projetamos". Compreendei isso, por favor! Quando buscamos Deus, a Verdade, só podemos achá-lo se já o conhecemos; isto é, devemos ser capazes de reconhecê-lo, e para o reconhecermos já devemos conhecê-lo. É um círculo vicioso, em que nos vemos presos como numa armadilha — pois todos nós andamos a buscar, a buscar incessantemente. E provavelmente por essa razão aqui estais, a maioria de vós, sem terdes a compreensão da natureza da busca. Mas, investigar não é buscar, quando se compreende a natureza do buscar.

Quando não estais a procurar, a buscar, a tatear, não há mais autoridade alguma: autoridade do sacerdote, autoridade do santo, autoridade do salvador, autoridade de qualquer instrutor, inclusive este orador. *Não há* autoridade alguma. Isso é necessário compreender, porquanto significa estar inteiramente livre para descobrir — não de acordo com o ensino de uma certa pessoa. Assim, a mente que está investigando, melhor, a mente que se acha num "estado de investigação" (bem diferente de "investigar") é totalmente distinta daquela que está a buscar. Porque o buscar implica esforço, ajustamento e, por conseguinte, conflito. Quando a mente está livre de toda e qualquer espécie de autoridade — seja, exteriormente, a autoridade da Igreja, do sacerdote, da doutrina, das crenças, dos

dogmas e rituais, seja, interiormente, a autoridade de nossa própria experiência — acha-se ela, então, num estado de constante investigação e, por conseguinte, livre de toda ilusão. Isto é, quando a mente está livre da crença e não se vê aprisionada na armadilha de seu oposto; quando a mente está libertada do medo e, por conseguinte, já deixou de buscar e se acha, portanto, livre de toda e qualquer autoridade, encontra-se ela, então, num "estado de investigação". Nesse estado, a mente não é uma mente aberta, semelhante a uma peneira; pelo contrário, acha-se em extraordinária atividade, porque, como já explicamos, só na negação total daquilo que *não é* — na total negação da religião organizada, que não é a verdade — só nessa negação se encontra o "positivo", não atingido pelo conflito e, portanto, inteiramente livre de toda compulsão e imitação. Só esse positivo é capaz de perceber *o que é.*

Há duas coisas que é absolutamente necessário compreender: a natureza do espaço e a natureza do silêncio. Interessa sumamente descobrir o que significa "espaço". Não queremos referir-nos à distância entre a Terra e a Lua, porém ao espaço psicológico, o espaço interior. A mente em que não há espaço é uma mente estreita, insignificante, vulgar; está presa numa armadilha, e aos movimentos que faz dentro dessa armadilha chama "viver". Mas, para se descobrir o que é esse espaço interior, é necessário observar o espaço exterior. Não sei se já refletistes a esse respeito. Só há espaço quando existe um centro, *de onde* se observa. Vós me vedes e eu vos vejo porque existe espaço. Vós estais no espaço e eu estou no espaço. Sois observador e coisa observada. Assim, esse espaço, esse espaço psicológico, só pode ser compreendido quando há compreensão do observador, do centro de onde parte a observação. Este salão contém espaço por causa de suas quatro paredes, seu teto e seu chão. Do lado de fora há também espaço. E dentro de nós existe o espaço criado pelo observador, pelo censor: o espaço em que ele vive.

Senhores, receio não estar transmitindo claramente o meu pensamento. Enquanto existe um *centro,* este centro cria necessariamente um espaço limitado, entre as fronteiras de sua observação. Isso é bastante simples. Aqui está o microfone; ele existe dentro do espaço e cria espaço em torno de si. Em nós, psicologicamente, há o centro que cria espaço entre si e a periferia. Se não existe nenhum centro, o espaço é inteiramente diferente: não há então limite nenhum. Quando, à noite, olhais

as estrelas, notais a distância entre vós e as estrelas. E se olhais a vós mesmo, vedes que, quando o centro está cônscio de si próprio, cria espaço ao redor de si. Enquanto existir um centro de observação, esse centro poderá observar extensamente, porém será sempre limitado. E só é possível nos libertarmos dessa limitação quando não há observador nenhum, nenhum centro. Só então há liberdade. Essa liberdade é necessária, e ela é espaço. Nesse espaço, a mente, o pensamento, com suas memórias, experiência, ou seja, o mesmo centro que constitui o EU, o EGO — esse centro, esse EGO, cria espaço em torno de si, o qual constitui a consciência. Por conseguinte, a consciência é sempre limitada. Assim, a mente que está sendo limitada pelo seu próprio *centro* é incapaz de descobrir o que é verdadeiro. Olha sempre as coisas em conformidade com sua própria limitação. Se isso vos interessa, podeis investigá-lo sem a ajuda de ninguém. Podeis observar quão pequeno é o vosso espaço interior. Estamos repletos de barulhos, tagarelices, incontáveis memórias, imagens, símbolos, opiniões, conhecimentos — inteiramente abarrotados de coisas secundárias. Não há espaço nenhum em nossa mente e, por conseguinte, não há liberdade. E, se não há esse espaço sem limites, a mente é incapaz de descobrir, de encontrar aquela realidade imensurável.

E, agora, cumpre compreender também o que é o silêncio. Como sabeis, nunca estamos em silêncio; vivemos num perene dialogar com nós mesmos ou com outrem. O maquinismo do pensamento está incessantemente ativo, a "projetar-se" — o que deve fazer, o que não deve fazer... — a tagarelar e tagarelar, infinitamente; ou a ajustar-se, a aceitar, comparar, julgar, condenar, imitar, obedecer. Sabendo-se disso, criaram-se várias formas de meditação que nos ensinam a controlar o pensamento. Mas, controlar o pensamento não é, de modo nenhum, meditação. Qualquer um é capaz de concentrar-se, do escolar ao generalíssimo que prepara a guerra. E só a mente silenciosa é capaz de perceber, de ver realmente; não a mente que está a tagarelar, a mente que está sendo controlada, torturada, reprimida, nem aquela que cede, que "se entrega". Só a mente muito silenciosa é capaz de ver realmente. Só podeis ver uma nuvem, sua luminosidade e beleza, ou uma folha, quando vossa mente está de todo silenciosa. Podeis então vê-la realmente. Então, nesse silêncio, o espaço entre vós e a folha desaparece, o que não significa que vos identificais com a folha (isso seria idiotice), porém, sim, que a mente está de todo silenciosa; não foi *posta* em silêncio — pois é fácil tornar a mente bem silenciosa por meio de

um tranqüilizante, uma droga, ou pelo controlá-la, forçá-la; mas, nesse caso, a mente se torna estagnada, embotada. Porém, quando se compreende a natureza do tagarelar, do comparar, do interminável "falatório" que se verifica dentro de cada um de nós, só quando se compreende isso (e compreendê-lo não é uma operação intelectual: é estar realmente cônscio do fato ao mesmo tempo que está sucedendo), então, em virtude desse percebimento, dessa vigilância, a mente se torna sobremodo quieta. Isso não significa que ela adormece ou fica num estado de vacuidade. Isto é, quando foi negado totalmente o mundo — o mundo psicológico — que o homem criou para si próprio, e foi negada a sociedade em que ele vive — a estrutura psicológica da sociedade de que faz parte: a avidez, a inveja, a brutalidade, a violência, o ciúme, o ódio — então, com essa negação total, há espaço e silêncio. E só então a mente é uma mente religiosa — sem pertencer a nenhuma religião organizada, nenhuma religião "propagandista" — só então é capaz de ver o Imensurável. Essa mente não experimenta nem pode experimentar — porque ela é a luz de si própria.

Mas, tudo isso exige uma energia tremenda. Pode-se obter energia do atrito, do conflito. Podemos obter energia quando nos consagramos a uma certa forma de atividade. Podemos acumular energia, identificando-nos com uma coisa que consideramos *maior*. Ou, ainda, pode-se obter energia com o seguir certas ideologias, etc. etc. Nessa espécie de energia existe sempre conflito. Por conseguinte, ela se deteriora. Mas estamos falando de um estado de energia em que não existe conflito de espécie alguma. Por conseguinte, essa energia é a mais alta forma de inteligência. E só essa mente — talvez — é o Imensurável.

Se tendes vontade, podemos agora tornar a examinar, conjuntamente, estes pontos, por meio de perguntas. Mas, deveis saber que não se pode perguntar o que é a Verdade, o que é Deus, qual a finalidade da vida. Tais perguntas são absolutamente sem sentido. Um homem que está vendo a luz não pergunta o que é a luz.

INTERROGANTE: Podeis definir o que é contemplação e o que é meditação?

KRISHNAMURTI: Definições encontram-se no dicionário. Mas, definições ou explicações não nos interessam. O que nos interessa é a compreensão do que realmente É. Portanto, que *é*

meditação, e que *é* contemplação? Se, durante esta hora, estivestes ouvindo com atenção, esse ouvir é meditação. E é também contemplação. Mas, se estivestes meramente ouvindo palavras, juntando algumas idéias para "levar para casa" e depois refletir sobre elas, nesse caso não estivestes meditando, e levareis convosco cinzas frias, sem nenhuma significação. A meditação — não como praticada, por este mundo fora, por diferentes grupos, porém a meditação real — observa cada coisa com toda a atenção; observa-a totalmente, e não apenas partes dela. A atenção não é fragmentária, porém uma coisa total. E ninguém pode ensinar-vos a prestar atenção. Se algum sistema vos ensina a maneira de estar atento, então estareis atento apenas ao sistema, e isso não é atenção. E atenção também não é concentração. Concentração é exclusão. Uma pessoa se concentra, e isso é um esforço: é excluir, é fechar-se entre muros. Mas a atenção não tem muros, e assim a meditação. Eis o que é meditação — quando a mente está totalmente em silêncio.

(*Interrupção por parte de interrogantes*)

KRISHNAMURTI: Minha senhora, ainda não terminei! Um momento, senhor! A meditação é uma das artes mais excelsas da vida, talvez a maior de todas. Porque na compreensão da meditação está o amor, e o amor não é produto de sistemas, de hábitos, de observância de métodos. O amor não pode ser cultivado pelo pensamento. O amor pode, talvez, nascer quando há silêncio completo. E a mente só pode estar em silêncio ao compreender a natureza de seus próprios movimentos de pensamento e sentimento. E para compreender esses movimentos, não pode haver condenação no observar do pensamento e do sentimento. Observar é disciplina. Por conseguinte, essa espécie de disciplina é fluida, livre, não é uma disciplina de ajustamento. Assim, a meditação é possível a qualquer hora: quando se está sentado num ônibus, ou a passear nos bosques cheios de luz e de sombras, ou a escutar o canto das aves, ou a olhar o rosto da esposa ou do marido. A meditação não é uma coisa que existe em separado: é a compreensão da totalidade da vida, compreensão em que cessou toda espécie de fragmentação da vida. E é também contemplação — contemplar a vida, não de um centro, não com uma dada idiossincrasia, tendência ou inclinação, porém, sim, contemplar o movimento total da vida: a aflição, o conflito, a confusão, as infinitas tribulações do homem — observar a vida como um movimento total. Não se pode observá-la

se existe qualquer espécie de condenação. Tal contemplação é meditação. Mas não se pode contemplar, nem meditar, se não há silêncio.

Dizei, senhor!

INTERROGANTE: Não é possível observar totalmente os nossos próprios pensamentos irracionais...

KRISHNAMURTI: Se dizeis "Não é possível", já respondestes à pergunta.

INTERROGANTE: Seria possível?

KRISHNAMURTI: Não, senhora. Se dizemos não ser possível, já está fechado o caminho. E a mesma coisa é dizer que é possível: fechou-se o caminho, impediu-se a observação. Decerto, podemos observar nossos próprios pensamentos. Já observastes vossa própria cólera? Não depois de passada, porém durante o estado de cólera? Já o fizestes, quando vos achais num estado de irritação, de violência? Quer dizer, para essa observação precisa-se estar sumamente atento. Mas nós, em geral, somos desatentos, porque estar desatento é a maneira mais fácil (e a mais estúpida) de viver. Essa desatenção tornou-se um hábito, e pergunta-se, então: "Como quebrar este hábito?" Pela observação de todo o mecanismo do hábito (pois todos vivemos nos nossos hábitos. A mente vive no hábito, porque é muito mais fácil viver dessa maneira); pelo estar cônscio dele, sem condená-lo, sem dizer que é certo nem errado — observando-o, simplesmente! E só se pode observá-lo quando há zelo e afeição. O amor não é hábito.

INTERROGANTE: Se temos de estar quietos, como se pode...?

KRISHNAMURTI: Não se *tem* de estar quieto, minha senhora.

INTERROGANTE: Se estamos quietos, como se pode com essa mesma mente observar os próprios pensamentos?

KRISHNAMURTI: Já alguma vez observastes em silêncio? Escutai, por favor; só isso! Já observastes alguma coisa em silêncio? Por favor, não respondais; estou só perguntando. Estivestes escutando o orador durante uma hora. Escutastes em silêncio ou com o barulho da opinião, do julgamento, da avaliação, da aceitação ou rejeição? Escutastes em silêncio? Porque, se escutastes em silêncio, compreendestes a totalidade da vida. Se não, ficareis toda a vida a perguntar: "Como fazer isto?" "Co-

mo fazer aquilo?" Por favor, observai simplesmente — tentai-o uma vez! Observai em silêncio um pássaro, uma árvore, o movimento das nuvens. E, após terdes observado em silêncio o movimento das nuvens, observai em silêncio vosso marido ou esposa e vereis quanto é difícil observar, principalmente o marido ou a esposa, porque tendes imagens a respeito dele ou dela. Só no silêncio existe relação, porque no silêncio e pelo silêncio há amor.

INTERROGANTE: Que significa "estar só"?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, estamos sós alguma vez? Costumais passear a sós no bosque? Se o fazeis, estais *só*? Fisicamente, podeis estar só, mas na verdade não estais só, porque estais acompanhado de todas as vossas lembranças, todos os vossos conflitos, todas as vossas preocupações; porque sois o passado. Só estais só quando o passado desapareceu de todo, quando não há família, quando não há deuses feitos pelo pensamento, quando não estais sendo perseguido por lembranças. Só então estais *só*. E só essa solidão é capaz de ver. Porque só ela é *inocente*. Só os inocentes podem ver a plena beleza da vida.

INTERROGANTE: Estamos constantemente a experimentar e a reconhecer. Isso implica, por conseqüência, que a ação é dividida...

KRISHNAMURTI: Muito bem, senhor. Que é ação? Quando é que agis? Há duas espécies de ação, não é verdade? Fazeis uma coisa instantaneamente quando a compreendeis imediatamente; por isso, a fazeis instantaneamente. Isto é, quando vos vedes em presença de um perigo qualquer, há ação instantânea. Nós não estamos sempre em presença de perigos, mas estamos sempre a agir. Tal ação procede de idéias. Primeiro vem a ideologia, a crença e, depois, a ação por ela determinada. Por isso, há contradição, separação entre a idéia e a ação. Vede, senhor, quando dizeis "Eu não deveria ser violento", "Eu deveria ser feliz", "Eu deveria ser isto ou aquilo" — trata-se de uma idéia, de uma fórmula, de um conceito. E, de acordo com tal idéia, etc., agis. Isto é, a ação é sempre uma "aproximação" à idéia. Portanto, há separação entre a idéia e a ação. E é assim que vivemos. Eu desejo preencher-me, quero ser "o maior homem do mundo" (ou outra bobagem que desejamos); essa idéia ou "projeto" e minha ação é em conformidade com ela.

Por conseguinte, a ação gera sempre conflito. Ora, existe (temos de examinar bem isso, mas hoje não há mais tempo), existe uma ação, uma ação consciente, sem idéia? Não digais "sim" nem "não"; descobri-o! Tratai também de descobrir por que razão as idéias, as fórmulas, os padrões se tornaram tão subitamente importantes em nossas vidas. Não percebeis porque se tornaram importantes? É porque, sem idéias, sem padrões, sem fórmulas e ideologias, a mente tem de manter-se extremamente ativa, viva, vigilante; e como não desejamos estar vigilantes, vivos, inventamos tais idéias, porque amenizam a nossa vida.

INTERROGANTE: Quando observo os meus pensamentos, há uma grande tensão.

KRISHNAMURTI: Ao observarmos os nossos pensamentos — diz o interrogante — há mais tensão, mais conflito. Porque isso? Porque deve haver tensão quando observais vosso pensamento? Só há tensão e conflito ao observardes o vosso pensamento com os olhos da condenação, da comparação, do julgamento e não estais, portanto, observando. Quando olho este microfone, posso olhá-lo sem fazer desse ato uma tensão. Mas, se digo "Não gosto deste microfone", o olhá-lo já produz tensão. Comparamos e julgamos porque estamos condicionados para olhar as coisas da vida com condenação, comparação ou justificação; nunca olhamos as coisas tais como são e sem condenação, etc. Se o fizerdes, senhor, vereis que a vida se tornará muito simples.

30 de maio de 1967.

SEIS PALESTRAS EM LONDRES

O PROBLEMA DA LIBERTAÇÃO
(Londres — I)

SERÁ preferível — se posso sugeri-lo — me deixeis falar um pouco, para depois entrarmos em detalhes sobre os assuntos tratados e ver se poderemos penetrá-los mais profundamente ainda.

Penso que devemos dar a estas reuniões um caráter não formal, isto é, que elas não constituam uma série de palestras a que assistireis como meros ouvintes, sem nelas tomar parte. Seria vantajoso, a meu ver, participarmos todos juntos no que se vai dizer aqui. Porque estou bem cônscio de que a vida se tornou altamente complexa, o diário viver cheio de tensões e pressões, de violência, de ódio, de brutalidade, um constante amontoar de opiniões e juízos sobre pessoas; tudo isso se tornou tão complexo que, a menos que tratemos de pensar e de sentir com muita clareza e de abrir o nosso caminho por este mundo confuso, não vejo possibilidade de se descobrir uma coisa que não seja deste mundo, um estado livre de violência e mútua avaliação, um estado no qual só se tenham em consideração os fatos. Assim, o que me parece importante é que se compreenda a estrutura psicológica da sociedade em que nos vemos aprisionados e se veja se será possível ultrapassá-la, pois a maioria dos entes humanos está descontente com a atual estrutura da sociedade. Há revolta geral — *beatniks, hippies,* longas cabeleiras e cabeças raspadas. Há drogas variadas para se fugir ao mundo dos negócios, ao mundo militar, ao mundo da violência, ao mundo da rotina, a essa estrutura social sem nenhuma significação, em que se trata meramente de uma sobrevivência sem nenhum significado profundo.

Todos nós bem sabemos disso; é o que está ocorrendo em todo o mundo. Há revolta, de maior ou menor importância: rejeição do patriotismo, insubmissão à conscrição militar, etc., etc. Há pobreza e fome em enorme escala, um problema para o qual, neste mundo, nas condições em que está, não há solução. Há geral descontentamento entre os que têm de passar toda a vida — trinta, quarenta anos — trabalhando num escritório. E a revolução, seja da direita, seja da esquerda, defronta-se com a mesma questão: o problema das relações humanas, do conflito, da aflição, do sofrimento, das agonias que cada um de nós tem de atravessar. Temos de compreender esta situação, porque foi cada um de nós que a criou, fomos nós quem criou a sociedade. Cada um é responsável pela estrutura psicológica desta sociedade, porquanto cada um de nós é ávido, violento, brutal, está sempre a acumular juízos e opiniões hostis aos demais e aferrado a seus preconceitos, sua nacionalidade, sua crença tornada superstição. Construímos esta sociedade de que fazemos parte e, enquanto, psicologicamente, interiormente, não compreendermos essa estrutura e, quiçá, nos libertarmos dela (e isso significa ultrapassá-la, não na forma de fuga, nem recolhendo-nos a um mosteiro, porém, sim, dela nos desenredando psicologicamente), não vejo como possa criar-se um mundo diferente ou como ingressarmos numa dimensão de todo diversa. Porque, afinal de contas, é isso o que a maioria de nós — pelo menos os mais sãos, equilibrados, inteligentes — está tentando: descobrir um mundo não construído pelo pensamento, um mundo que não seja produto de nossas incessantes lutas e batalhas.

Como descobriremos esse mundo, de que tanto se fala e a que se têm dado diferentes nomes — um nome no Oriente, outro nome no Ocidente? Porque o homem deseja encontrar alguma coisa além do mero viver físico com seus confortos e desconfortos, etc. Acho que não há possibilidade de descobrirmos essa coisa se não formos capazes de desembaraçar-nos da estrutura psicológica a que chamamos a sociedade em que vivemos. Assim, se o quiserdes, examinaremos primeiro esta questão: se é possível, ao mesmo tempo que vivemos neste mundo, estarmos livres dele, livres de ansiedades, livres do medo, do desespero, do infinito tédio de uma existência sem significação, sem nenhuma afeição. E se, vivendo diariamente neste mundo, a mente pode libertar-se dessa estrutura que ela própria construiu. Psicologicamente, ela construiu uma estrutura de avidez, de ganância, de inveja, de violência, de indescritível e profundo desespero. Penso ser este o verdadeiro problema.

Tem-se tentado a solução, retirando-se do mundo para um convento, recorrendo-se à fuga em várias formas, por meio de drogas, das crenças, de renúncias, da total auto-imolação, etc. Mas isso não parece levar muito longe. O refúgio que cada um encontra é sua própria "projeção", e essa autoprojeção não dá muito esclarecimento.

Assim, todo o homem sério, por pouco que o seja, tem de perguntar a si próprio se a mente que se vê aprisionada em sua própria estrutura psicológica tem alguma possibilidade de libertar-se da escravidão que a si mesma impôs. Porque só quando um homem é livre, pode ver, pode escutar, observar, estar vigilante. Não, livre num determinado sentido, porém totalmente livre, em todos os sentidos. A liberdade não se divide em fragmentos — ser livre aqui e não ser livre ali. Mas a liberdade que nasce do autoconhecimento, do perfeito conhecimento de si mesmo, essa liberdade merece investigação e exame profundo e amplo, porquanto todos os outros problemas pouco significam.

Assim, cumpre investigar se é possível essa liberdade para a mente, com todas as suas complexidades — tanto a mente consciente como a inconsciente — a mente do homem que trabalha num escritório, a mente tecnológica, a mente daquele que vive num lar, com mulher e filhos, a mente sempre empenhada numa batalha consigo mesma e aquela que busca alguma coisa de real, de verdadeiro, independente de qualquer igreja, dogma, religião. Enquanto não se descobrir isso — o que não é possível sem aquela liberdade que só pode vir do autoconhecimento total — qualquer espécie de busca, de investigação de uma outra dimensão me parece de todo em todo fútil; pois tal investigação em geral se baseia em crença e a crença é, essencialmente, superstição. Crer é ser supersticioso, quer dizer, é evitar fatos, evitar O QUE É. E "O QUE É" é essa estrutura psicológica que a mente criou para si própria e na qual se vê aprisionada. No decurso destas palestras e discussões iremos investigar se a mente pode ser livre. Para investigar equilibrada, inteligente, sãmente, temos de ficar cônscios de nossas servidões e delas nos libertar, não achais? Porque, se desejo investigar alguma coisa, necessito de uma certa liberdade; não posso estar amarrado a uma dada conclusão, uma dada crença ou mesmo um dado conhecimento. De tudo isso é preciso estar-se livre, no investigar de si próprio, tão necessário, pois, do contrário, não há base para um pensar racional e claro. Para investigar é pre-

ciso estar-se livre de dogmas, de uma dada psicologia, freudiana ou indiana, porquanto por esse caminho o que se descobre é o que *eles* pensam, e nada aprendemos a respeito de nós mesmos. Isso me parece bastante óbvio. Se desejo conhecer a mim mesmo, tenho de pôr à margem, total e completamente, Freud, Jung, qualquer psicólogo, analista, filósofo ou instrutor religioso — qualquer espécie de autoridade. Porque, se a mente puser de parte todas as autoridades, poderei olhar a mim mesmo tal como sou realmente, descobrir o que realmente É, e daí prosseguir descobrindo.

Em primeiro lugar, somos capazes disso? Requer-se muita seriedade, muita energia, para nos observarmos em cada ação, em cada pensamento, em cada sentimento, em cada gesto que fazemos — para estarmos cônscios de tudo isso. E somos suficientemente sérios ou estamos meramente a entreter-nos com essas coisas, a investigar por curiosidade, exteriormente, alguma coisa sem nenhum valor? Assim, a primeira coisa que temos de fazer é perguntar a nós mesmos se somos *sérios*. E não vejo razão para não sermos sérios. Porque o que está acontecendo no mundo — guerras, brutalidades, a total solidão e tédio da existência cotidiana, rotina — tudo isso devia fazer-nos muito sérios: não, sérios *a respeito de alguma coisa,* de uma dada crença ou atividade, porém intrinsecamente sérios. E isso se me afigura um tanto difícil, porquanto, em geral, nós somos sérios *a respeito de alguma coisa,* de uma certa fantasia, uma certa idéia, ou na busca de uma dada experiência. A maioria desses chamados *hippies* são indivíduos sérios, porque desejam descobrir uma diferente maneira de viver, e sua seriedade toma as mais variadas formas: drogas, vida comunal, etc., etc. Mas, a meu ver, a "seriedade em si" é de natureza bem diferente, pois não é "seriedade sobre alguma coisa". Não sei se sou capaz de fazer-vos perceber o que é uma mente intrinsecamente séria, inabalavelmente séria. Ignoro se já notastes essa seriedade na juventude. Os jovens são *sérios*; já os mais velhos são sérios *acerca de alguma coisa.* Porque os mais velhos já acharam "soluções", maneiras de enfrentar a vida; já têm uma carga de conhecimentos, de experiência — são velhos! Mas a mente juvenil é intrinsecamente séria e com essa seriedade atua, pensa e sente.

A meu ver, tal seriedade é necessária a começarmos a investigar-nos de maneira saudável, não neuroticamente. Porque o que eu sou, o mundo é; o mundo, tal como é, é o que eu sou;

sou ao mesmo tempo indivíduo e coletividade. Isso não é nada de místico, porém um fato real da vida diária. Sou ávido, e criei um mundo ávido; sou ganancioso, ansioso, violento, competidor, e criei a estrutura psicológica de uma sociedade em que é possível expressarem-se todos esses modos de ser. Assim, o mundo não difere do que eu sou, e o indivíduo — o EU — é o coletivo: o "eu" sob várias formas. Penso, pois, que não devemos empenhar-nos a fundo nessa batalha entre o indivíduo e o coletivo, o todo e a parte. Se damos exagerada importância a um, destruímos o outro. Mas, se se considera a estrutura total do homem — não do inglês, do francês, do alemão, do russo, do chinês — porém do homem de todo o mundo, vemo-lo todo empenhado nessa batalha. Em toda parte encontram-se os mesmos problemas, os mesmos problemas diários, as mesmas ansiedades, as mesmas inquietações e desesperos, medo da morte. Assim, investigando a nós mesmos, não nos estamos isolando do resto do mundo. Não se trata de um isolamento doentio, porém, muito ao contrário, da coisa mais sadia que se pode fazer; porque, observando-se o mundo, a sociedade em que vivemos, vê-se tanta corrupção e brutalidade, que se torna patente a necessidade de uma mudança, de uma revolução interior. É óbvio que as revoluções externas, a Revolução Comunista, a velha Revolução Francesa, etc., etc., levaram de volta ao mesmo e velho padrão. O necessário, porém, não é uma mera revolução exterior, revolução econômico-social, e sim a revolução psicológica, graças à qual cada um se torne uma entidade inteiramente diferente. Ora, para a auto-investigação requer-se, em primeiro lugar, seriedade; para o exame de nós mesmos, temos de ver o que realmente *é*, interior e exteriormente — sem termos nenhuma opinião sobre o exterior e o interior; temos de *olhar* simplesmente.

Não sei se, em alguma ocasião, já *olhastes* alguma coisa — uma nuvem, uma árvore, uma flor; ou se olhastes vosso vizinho ou a vós mesmo — *vendo,* observando. Considero o observar, o olhar, de imensa importância. Costumamos olhar ou observar uma coisa através da imagem que dela temos. Tendes uma imagem de mim, e é de acordo com essa imagem que me olhais. É possível olhar sem imagem alguma? Observar, olhar, sem nenhuma avaliação, porém, simplesmente *vendo* o que realmente é? Pois somos uma massa de contradições, condicionados de várias maneiras, pelo clima, a alimentação, a literatura, as pressões da sociedade, da propaganda, etc. Temos a propaganda da igreja e também a dos jornais, da política ou dos esportes — toda espécie de propaganda. Estamos condicio-

nados. E com esse condicionamento nos olhamos; isto é, se temos vontade de olhar-nos! E, assim, nunca observamos O QUE É, pois o que olhamos é a "projeção" que formamos de nós mesmos. Assim, aquele que é sério deve, em primeiro lugar, descobrir por si mesmo *como* observa as coisas — como observa o seu próximo, a nuvem, a si próprio. Posso ver-me tal como sou, psicologicamente? Essa observação, em si, constitui uma extraordinária disciplina, não achais? *Olhar* é, em si, uma disciplina, não? Mas, nós nos disciplinamos para olhar — e isso é coisa muito diferente. Consumimos nossa energia, disciplinando-nos para ser, para olhar, para escutar, lutar, ajustar-nos, etc., etc. Dessarte, a disciplina nos condicionou, ao passo que o próprio ato de escutar, de olhar uma coisa, constitui, em si, uma forma de disciplina.

Desejo escutar-vos, escutar o que estais dizendo e, para escutar, devo prestar toda a atenção. Se minha mente está a divagar, não estou *escutando*. Deter o divagar da mente é uma forma de disciplina, portanto um desperdício de energia. Mas, o importante é observar: não só observar a mim mesmo, mas também observar o divagar da mente para longe daquilo que estou observando. Desejo observar-me, mas, enquanto o faço, meus pensamentos divagam, desviam-se e, por conseguinte, esforço-me para reconduzi-los ao ponto que estou observando; daí resulta conflito. Mas, se o que me interessa é observar, eu observo o que É e observo também quando a mente dele se desvia; assim não há contradição. O que me interessa é estar *continuamente* observando. E esse observar, em si, cria sua própria disciplina; portanto essa investigação de nós mesmos é disciplina. Desta disciplina necessitamos, para podermos penetrar-nos totalmente.

Por ora, fiquemos por aqui; amanhã de manhã continuaremos. Conversemos agora sobre o que estivemos dizendo.

INTERROGANTE: Esse observar de si mesmo é a coisa mais difícil que há?

KRISHNAMURTI: Não sei porquê! Bem, conversemos sobre isso. Notai, por favor, que aqui não há autoridade nenhuma. Eu não sou autoridade. Antes de começarmos a fazer perguntas, tratemos de averiguar o que é que nos leva a fazê-las. *Nós* temos de fazer perguntas, pois não devemos aceitar *coisa alguma,* nenhuma autoridade, inclusive a deste orador. Temos de encarar todas as coisas com sadio ceticismo. Decerto é necessário fazer

perguntas. Mas, porque fazemos perguntas? Para descobrirmos alguma coisa? E, por meio de quem? Do orador? Porque depender do orador para achar uma resposta? A resposta não está contida na própria pergunta, se sabemos fazer a pergunta correta? Podem-se fazer perguntas inumeráveis — perguntas fundamentais e perguntas superficiais ou indiferentes. Mas, o fazer uma pergunta exige, em si, uma mente que deveras investigou, penetrou, indagou e começa a *descobrir* de dentro de si própria. Portanto, não há autoridade alguma. Se aceitamos essa asserção fundamental de que ninguém pode resolver o nosso problema, temos de penetrar em nós mesmos. Parece-me que não sabemos penetrar, olhar, investigar, examinar. E essa incapacidade é que poderá produzir uma pergunta errônea. Já se somos capazes de averiguar porque não temos essa capacidade de penetrar em nós mesmos, de investigar, de olhar, buscar, responder, descobrir, então nossas perguntas terão um significado totalmente diferente. Serão então perguntas corretas e teremos a possibilidade de obter respostas corretas. Vede, por favor, que isso não significa que quero impedir-vos de fazer perguntas, porém, sim, que é importante descobrirmos por nós mesmos porque perguntamos e qual a natureza de nossas perguntas; e, também, se esperamos que alguém nos responda. Ou, talvez, perguntais a título de investigação, para que ambos caminhemos juntos, *penetremos* juntos na pergunta. Uma tal investigação é significativa.

Falai, senhor!

INTERROGANTE: Acreditais que cada um de nós tem suficiente aptidão para começar a compreender a si próprio?

KRISHNAMURTI: Tem cada um de nós suficiente inteligência para examinar a si próprio?

INTERROGANTE: Mas eu disse "compreender".

KRISHNAMURTI: ... para compreender a si próprio. Senhor, quando vos aplicais seriamente a compreender uma coisa, começais a compreendê-la. O cientista, em seu laboratório, aplica-se a descobrir a natureza da matéria; ele pode ser dotado de pouca inteligência, mas, quanto mais se aplica, tanto mais cria energia e inteligência. Aqui estou eu, que nada sei de mim mesmo. Sei o que outros têm dito a meu respeito, mas não aceito o que foi dito por outros. Eles podem estar totalmente errados, ou mesmo totalmente certos, mas o que outros dizem

não me interessa. Começo, assim, a aprender acerca de mim mesmo. Observo meus pensamentos, meus sentimentos, meus gestos e as palavras que emprego, as emoções que tenho, minhas reações a várias coisas; e, com essa observação, estou aprendendo. Há, pois, uma questão muito mais fundamental a considerar: o aprender a respeito de mim mesmo requer tempo? Isto é, tem-se de aprender gradualmente a conhecer a si próprio? Tenho de aprender *gradualmente* a conhecer-me?

INTERROGANTE: Minha experiência pessoal parece indicar que de fato não possuímos a aptidão necessária para nos compreendermos totalmente. Sou cientista e sei como os cientistas se aplicam ao seu trabalho, e muitos deles percebem, no decurso de suas pesquisas, que sua aptidão não basta para achar a solução desejada. Por essa razão é que pessoas como Einstein tiveram a possibilidade de dilatar as fronteiras da ciência, ou seja, porque dotadas de maior aptidão. A compreensão de si próprio é uma tarefa dificílima e, por isso, pergunto: Temos de fato a necessária aptidão? Eu não creio que a possuímos.

KRISHNAMURTI: Temos a aptidão necessária? Acho que sim; depende de nos aplicarmos. Senhor, isso exige uma grande abundância de energia, não é verdade? Nós dissipamos energia; dissipamo-la em conflitos, juízos, opiniões. Mas, se estais realmente interessado em O QUE É e estais a olhar o que realmente sois, isto é, a *vós mesmo*, possuís decerto a energia necessária. Essa energia criará sua inteligência própria. Tenho essa inteligência para investigar a mim mesmo? Porque faço esta pergunta?

INTERROGANTE: Ela requer coragem.

KRISHNAMURTI: Não, senhor; acho que não requer coragem de espécie alguma. Porque pergunto se possuo a aptidão, a inteligência necessária para olhar a mim mesmo de maneira completa e cabal? Porque, de antemão, já estou duvidando de que a possuo. Assim, já fechei o caminho. Comparo-me com outros que possuem tal aptidão e, por causa dessa comparação, perco-me.

INTERROGANTE: Eu não fiz menção de "coragem".

KRISHNAMURTI: Vós não, senhor.

INTERROGANTE: Posso dizer-vos uma coisa?

KRISHNAMURTI: Dizei-a, senhor!

INTERROGANTE: Há muito ando cogitando sobre se nós mesmos nos criamos inteiramente.

KRISHNAMURTI: Claro que não! Somos o produto de inumeráveis influências, idéias, tensões, propaganda, crenças, etc. Somos um resultado; podemos ultrapassar esse resultado? Se nasci na Índia, com todas as tradições de uma certa classe de pessoas que se denominam "brâmanes" (que há séculos vêm sendo fortemente condicionadas) e fui educado aqui e ali, a entidade que sou é um resultado de tudo isso. É o produto de tudo isso, de minha educação ou falta de educação, etc. É-me possível ultrapassar essa entidade? Se não é, fico aprisionado nessa armadilha. Posso decorar a armadilha, torná-la mais confortável, mas continuo dentro dela. O que estamos perguntando a nós mesmos é se temos possibilidade de ultrapassar aquela entidade — o medo, a ansiedade, a brutalidade, a violência, que somos *nós mesmos*.

INTERROGANTE: Achais melhor iniciar essa auto-investigação em momentos de tranqüilidade, tais como os que ocorrem durante a meditação, ou ela pode ser feita a qualquer hora do dia?

KRISHNAMURTI: As palavras "meditação", "quietação" e "investigação" parecem-me contradizer-se reciprocamente. A pessoa tem de investigar ou, melhor, estar cônscia do que ela própria *é*, em cada relação, em cada movimento de pensamento e de sentimento; isso pode verificar-se a qualquer hora: viajando num ônibus ou no metrô, conversando com um amigo, etc. Mas a questão da meditação e do silêncio, da quietação, é decerto muito diferente. Não sei se desejais examiná-la; talvez o momento não seja oportuno.

INTERROGANTE: Senhor, a investigação não comporta crítica. Isto me parece muito difícil: evitar a crítica, a autocrítica.

KRISHNAMURTI: Aí está! Como evitar a crítica, a autocrítica, quando nos observamos? Senhor, que necessidade há de crítica, quando se está observando, *olhando*? Ao olhar-vos, ao olhar-me, porque devo criticar-me. O fato é *o que eu sou*. Que necessidade tenho de criticá-lo? Que significa criticar? Avaliar o fato, formular um juízo a seu respeito? Observo-me e percebo que sou violento: um fato. Porque formar uma opinião, um juízo a respeito desse fato? E, como saber que sou violento, sem julgar? Está certa esta pergunta, senhor? Eu tenho uma imagem da não violência, pois não? Quando julgo, quando critico,

tenho uma idéia de que existe um estado mental não violento; e sirvo-me, assim, da não violência como um meio de condenar a violência. Agora, não tenho idéia de espécie alguma, porque elas nada significam, porém o que para mim tem significação é O QUE É: sou violento. Posso observar essa violência sem nenhuma crítica, nenhuma avaliação — observá-la simplesmente? Sou violento em minhas relações, sou violento em minhas ocupações, sou violento no Vietname. A violência tem muitas formas diferentes: sou violento quando sou ávido, invejoso, competidor, ambicioso, quando odeio, quando sou ciumento. Posso observar todas as manifestações da violência ao apresentarem-se? E, quando as observo, que necessidade tenho de criticá-las? Elas são *assim*! E, quando observo, *quem* é o observador que está observando? O observador difere daquilo que ele está observando? O próprio observador não é violento? Por conseguinte, ele é a coisa observada. Não?

INTERROGANTE: Perdão, senhor. O julgamento é inerente à maneira como ocorre. Se ali está uma coisa e vós a observais, estais a observá-la de uma posição e há um espaço entre a vossa posição e aquilo que está sendo observado; isso é inerente à maneira como ocorre.

KRISHNAMURTI: Sim... isto é, quando observo a violência, a mesma palavra "violência" tem suas imagens próprias. E quando o observador diz: "Estou observando a minha violência", esta própria verbalização separa o observador da coisa observada. Certo?

INTERROGANTE: Quanto ao que dissestes a respeito da seriedade...

KRISHNAMURTI: Demos por encerrado este assunto — desculpai-me! — Vede, senhor, eu observo a violência. Vejo a violência, na forma de cólera, brutalidade, ciúme, tremendos esforços, competição, e tudo o mais. Observo essas diferentes expressões da violência. Posso observá-las sem verbalizar? Está o observador a observar simplesmente, sem verbalizar? E é a separação entre o observador e a coisa observada criada pela palavra? Não sei se me estais seguindo. E, se não há verbalização nenhuma, é o observador então diferente da coisa a que observa? Isso precisa ser examinado muito profundamente; não é o caso para explicações superficiais. Por exemplo, observemos uma nuvem. Quando o fazeis, observais a nuvem com um conceito, uma palavra, ou ficais simplesmente a observá-la? Quan-

do a observais sem verbalização (não como abstração) e, portanto, sem separação entre observador e coisa observada — existe então observador?

INTERROGANTE: É essa a relação de sujeito-objeto, entre o observador e a coisa observada?

KRISHNAMURTI: Sim, sim, senhor! Vede: Disseram-me certas pessoas que tomaram a droga chamada LSD que o espaço entre o observador e a coisa observada desaparece; por um segundo, desaparece o intervalo de tempo. E esse estado de observação no qual "não existe" observador é inteiramente diferente daquele em que há observador. Ora, não importa o que faz o LSD (muito mal ele faz); ele provoca uma reação química. Mas, estamos perguntando se é possível alcançar uma percepção não provocada por nenhuma droga e na qual o observador é a coisa observada, isto é, na qual desaparece o intervalo de espaço e tempo. E eu digo que isso só é possível quando existe unicamente observação, sem interferência da palavra, que é conhecimento, da idéia, que é pensamento racionalizado, organizado. Assim, o observador, quando ausente, difere da coisa observada? O descobrir, o examinar isso, profundamente, faz parte da meditação. Esta questão da meditação tem de ser examinada em detalhe e, talvez, noutra oportunidade trataremos dela. Mas, releva, quando nos estamos examinando, olhando, não criarmos conflito algum, mediante crítica, rejeição, repressão, resistência ao que *é*. E só se verifica a cessação do conflito quando o observador é a coisa observada — quer dizer, quando desaparece o espaço entre o observador e a coisa observada; porque o observador é violento, tanto quanto o objeto observado: a violência. Isso é perfeitamente óbvio! Não há duas coisas separadas: Quando digo que sinto cólera, "eu" não sou diferente da "cólera". Verbalmente, é bem claro isso, porém o experimentá-lo realmente, o achar-se nesse estado, é dificílimo. E tentamos vários expedientes, tais como o uso de drogas, etc., a fim de anular esse espaço e o intervalo de tempo entre o observador e a coisa observada.

INTERROGANTE: A cessação do espaço é uma ação involuntária ou uma ação voluntária?

KRISHNAMURTI: Quer dizer, o espaço desaparece, ou não, pela ação da vontade? Não é isso que estais perguntando, senhor? Alguma coisa pode desaparecer pela ação da vontade? Com todo o meu ser desejo não ser ciumento, mas, ainda que mobi-

lize toda a minha vontade contra o ciúme, ainda que lhe resista, ele continuará existente, todo inteiro. Por conseguinte, também este problema da vontade requer minucioso exame.

INTERROGANTE: Se contemplamos uma coisa intrinsecamente valiosa, como, por exemplo, uma flor (e um poeta pode identificar-se com a flor), não há então diferença entre a pessoa e o objeto, uma vez que este foi compreendido. Mas, quando contemplamos algo que parece uma coisa má (sei que estou formulando um juízo), algo que não desejamos contemplar, a violência, por exemplo, se eliminamos o espaço entre nós e a violência — para que serve isso? Temos então a possibilidade de transcender a violência? Compreendeis esta pergunta?

KRISHNAMURTI: Sim, compreendo-a. Olhando uma flor, é relativamente fácil nos identificarmos com ela, mas, se olhamos a violência, qualquer coisa que chamamos "má", se desaparecer o espaço entre o observador e a coisa observada, o mal desaparecerá? Não é esta a pergunta? Se, olhando uma flor, nos identificamos com essa flor, somos então a flor? Claro que não. Posso identificar-me com minha pátria, mas não sou a pátria. Sou um ente humano; não sou um ideal. Portanto, posso identificar-me com idéias, com imagens, mas não posso identificar-me com *o que é*. Posso olhar uma árvore e com ela identificar-me, mas "não viro árvore" (pelo menos o espero)... (*risos*). Entretanto, o importante não é, em absoluto, a identificação; isso já temos feito — identificando-nos com uma nação, uma igreja, Deus, etc. etc. — e sempre nos levou a horríveis aflições. Mas, no olhar uma árvore sem nenhuma identificação com ela, no olhá-la, observá-la, descobre-se *como* observá-la. E, observando-a, começamos, talvez, a amá-la. E o espaço entre nós e a árvore já não existe. Isso não significa "tornar-se" a árvore. A mesma coisa acontece quando observamos o que chamamos "uma coisa má". Vede, gostamos de identificar-nos com o bom, mas não queremos identificar-nos com o mau. Ora, podemos identificar-nos com o bom? A bondade só pode florescer quando não há conflito nenhum; mas haverá sempre conflito enquanto estivermos a identificar-nos com alguma coisa — identificar-nos com o que chamamos "bom" e a rejeitar, resistir ao que chamamos "mau". Em ambos os casos há conflito. Mas, se observamos o que é bom e o que é mau — *observamos* — então talvez seja possível transcendermos ambas as coisas.

16 de setembro de 1967.

A ARTE DE OBSERVAR
(Londres — II)

Nós SEGUIMOS cegamente, ou inteligentemente, ou em conformidade com nossas inclinações. Em verdade, não existe "seguir inteligente". E, psicologicamente, o seguir às cegas é, decerto, sobremaneira prejudicial, não só ao seguidor, mas também àquele que é seguido. Quando seguimos outra pessoa de acordo com nossas inclinações, isso também conduz a indizíveis aflições. Observa-se, pois, que toda forma de *seguir,* psicologicamente (exceto naturalmente no campo tecnológico) é destrutiva no mais alto grau; seguimos alguém que consideramos mais sabedor do que nós e, aceitando o que ele diz, deformamos nossa própria inteligência. Pode-se seguir a outrem inteligentemente? E o seguir uma certa autoridade, no terreno psicológico, não destrói a inteligência, em todas as suas formas? Em geral tendemos, no campo psicológico, a aceitar consoante nossas inclinações, e tal aceitação se baseia essencialmente no prazer. E, a meu ver, toda espécie de "seguir", de imitação, de ajustamento, é contrária à compreensão, ao aprender. Devemos, pois, logo de início, pôr à margem toda e qualquer autoridade psicológica, e isso é dificílimo para a maioria das pessoas. Pois, em geral, tememos errar, não atingir rapidamente um certo estado de compreensão e de experiência, e se um outro nos promete essa compreensão, essa experiência, isso naturalmente é muito tentador. A tendência a seguir se torna muito forte quando a "isca" é muito sedutora. E, no terreno psicológico, há tantas "iscas"! — pois todo guia, todo *guru,* todo instrutor, nos promete alguma coisa. Se imitamos e seguimos, não nos estamos compreendendo, como é fundamentalmente necessário. Por conseguinte, devemos, logo de início, deixar de parte toda espécie de autoridade: o *guru,* o guia, o instrutor, o salvador, o

sacerdote, o analista, o psicólogo, o filósofo, o teórico (comunista ou espiritual), o teólogo.

Podemos fazer isso, *não* verbalmente, porém interiormente, de maneira real, direta, simples? Porque, se não o fazemos, não vejo nenhuma possibilidade de sermos livres para aprender. E pode uma pessoa estar só? Porque, se não estamos seguindo nenhuma espécie de autoridade, externa ou interna, existe então, inevitavelmente, o medo de errar. Qualquer um pode libertar-se mais ou menos inteligentemente da autoridade externa de um dado sistema, *guru*, instrutor, psicólogo, filósofo, sacerdote; isso é relativamente simples, porque se pode perceber muito rapidamente o significado da autoridade externa. Podemos pô-la de parte com relativa facilidade; muito mais difícil, porém, é pôr de parte a autoridade de nossa própria experiência, a autoridade de nosso próprio conhecimento, a autoridade do saber acumulado, que se torna nosso guia. Vivemos, por conseguinte, do passado, que se tornou nosso principal padrão e instrutor: o passado consolidado através de séculos de propaganda da Igreja, ou o passado representado por nossa própria experiência. Porque, quando seguimos o passado, não podemos compreender o tempo como um todo. Em geral, aceitamos muito docilmente o passado. No campo tecnológico, devemos naturalmente confiar no que foi acumulado, ou seja, no chamado "conhecimento"; seria absurdo destruir tudo isso para voltar ao começo. Mas, na esfera psicológica, nessa esfera existente "atrás" da mente — "atrás de nossa pele", por assim dizer — *aí*, a autoridade do conhecimento, da experiência (que se baseia essencialmente em nossas inclinações e tendências e nas pressões do ambiente — e é isso que chamamos "o passado") se torna o nosso princípio orientador. Todo aquele que observe a si próprio poderá ver isso muito simplesmente. Ontem aprendi uma coisa, ou, já tendo vivido tantos anos, acumulei uma certa soma de conhecimentos, mediante esforço, através de conflitos, de sofrimentos, de penas e prazeres. Essa memória se torna meu guia, minha autoridade e, por conseqüência, cessou toda a possibilidade de aprender.

Se estou aprendendo — quero aprender a respeito de mim mesmo. Parecemos não perceber a extraordinária importância do aprender sobre nossa pessoa (não o que outros disseram, por maiores que sejam esses especialistas): o aprender *realmente* acerca de nós mesmos. Não parecemos muito ardentemente interessados nisso e nos mostramos mais dispostos a aceitar pron-

tamente "informações" de segunda mão, a respeito de nós mesmos. Como sabeis, há iogues, *swamis, maharishis* — todo esse bando que anda a percorrer a Índia, este país, a Europa, a América. Em geral somos tão crédulos que estamos prontos a seguir qualquer um, desde que nos prometa alguma coisa! Mas, para aprender sobre mim, torna-se necessária a total negação do passado, a negação de tudo o que aprendi a meu respeito, porquanto sou um ente vivo, um movimento, uma coisa que está constantemente a modificar-se, por força das tensões e pressões da vida diária, da propaganda — da constante pressão do mundo e da vida de relação.

Queremos traduzir esse ente vivo em termos do passado, examiná-lo por meio do passado, e por essa razão é que nos parece tão difícil aprender acerca de nós mesmos, isto é, porque temos o padrão do passado, o padrão do "correto" e do "errado", do "bom" e do "mau"; não estou dizendo que não existe "bom" e "mau", mas temos essa imagem, firmemente arraigada no passado, e ela impede a compreensão do presente, do "eu" vivo.

Apresenta-se, assim, a questão de saber se não há possibilidade de rejeitarmos a autoridade externa dos sistemas espirituais, dos livros, dos guias religiosos, dos teólogos, etc. Tratemos de recusá-la, bem como a autoridade interna do processo psicológico das experiências acumuladas, do conhecimento, do saber, a fim de termos uma base para começarmos a aprender. Isso, com efeito, significa: Pode a mente — ao observar tudo isso com muita simplicidade e clareza, se é uma mente sã, e não neurótica, emocional — pode a mente perguntar então a si própria se é capaz de enfrentar o medo que vem, inevitavelmente, quando uma pessoa se vê completamente só? Porque, quando se rejeita toda autoridade, tanto externa como interna, e sabendo-se que se está sujeito a errar, que não existe nenhum guia, nenhum filósofo, nenhum amigo para mostrar-nos a direção, se estamos aprendendo a respeito de nós mesmos — esse medo se apresenta inevitavelmente. Ele nasce, invariavelmente, por causa da comparação: alguém alcançou o esclarecimento e eu não o alcancei. Desejo alcançá-lo. Há também o temor de cometer algum erro, de perder tempo. E ainda o de ficar sem amparo, completamente só. Afinal de contas, nós *temos* de estar sós — *estamos* sós. Ao negarmos totalmente a estrutura psicológica da sociedade — o que equivale a estar fora da sociedade, como, psicologicamente, devemos estar — então, evidentemente,

estamos sós. Mas não se trata, decerto, da solidão do monge, que é isolamento. Tampouco se trata da solidão da pessoa que se consagrou a uma determinada atividade; nem da solidão da pessoa que ficou abandonada, que não tem lugar na sociedade. Quando se repudia, por inteiro, a estrutura psicológica da sociedade, fica-se inevitavelmente só e isso, por sua vez, gera um grande medo. Porque a maioria de nós *é* o passado e vive com o passado; quanto mais velhos ficamos, tanto mais significativo se torna o passado; o passado se torna nosso guia.

É necessário rejeitar tudo isso, porque desejo aprender sobre mim. E, quando o rejeito, existe alguma coisa para aprender a respeito de mim mesmo? *Já* aprendi; nada mais há que aprender. Não sei se estais percebendo. Pois, que estou aprendendo acerca de mim mesmo? Desejo conhecer-me, mas percebo que, para aprender, necessito de estar livre de toda espécie de autoridade, não apenas verbalmente, porém em cada segundo, em cada minuto do dia. E noto, assim, em mim próprio, a inclinação para seguir, porque sinto medo. E percebo a existência, em mim mesmo, do perigo, do medo de me ver inteiramente só. E percebo, também, o temor de errar, de não atingir a meta, de não realizar, não conseguir aquela certa coisa existente além de todo pensamento e de toda experiência.

E, após esse exame, que resta para aprender a respeito de *mim*? Já aprendi tudo; já conheço a natureza total de "mim mesmo". Entretanto, resta essa coisa chamada "medo". E, se o permitis, vamos examiná-la. Porque a mente que se vê presa na rede do medo, em qualquer de suas formas, conscientes ou inconscientes, tem de necessariamente viver num mundo sombrio e de ver as coisas deformadas; jamais compreenderá o que significa ser verdadeiramente livre. E, porque tememos, criamos, natural e inevitavelmente, toda uma rede de vias de fuga — o estádio de futebol, a igreja, a taberna, etc.

Mas, há possibilidade de nos libertarmos do medo? Ele faz parte de mim próprio. Já examinei as reações motivadas pela autoridade — seguir, imitar, aceitar, obedecer — e na base de tudo encontro o medo. Temos possibilidade de libertar-nos total e completamente dessa coisa chamada "medo"?

Ora, para compreendê-lo, examiná-lo, temos de estar cônscios dele, e não meramente o admitirmos porque alguém nos diz que temos medo. Há, decerto, diferença entre a pessoa que sente fome, e a pessoa a quem se diz que está com fome. À maioria de nós se diz que estamos com fome. Assim, podemos tornar-nos

cônscios do medo, sem fuga, sem justificação, sem condenação — do medo da morte, medo do marido ou da esposa, da sociedade, medo de perder um emprego, medo de dúzias de coisas?

Podemos estar cônscios dele agora, que dele estamos falando? Considerai a forma de medo que tendes em particular, para a examinarmos profundamente (não estamos fazendo uma análise coletiva). Cada um está analisando a si próprio; o orador é para vós apenas um espelho, um telefone por meio do qual estais escutando. Mas, esse escutar terá pouco valor se não estiverdes olhando, observando, "escutando" esse medo existente em vós mesmo. Portanto, a responsabilidade é vossa, o trabalho tem de ser todo vosso, e não do orador.

É necessário não só ouvir atentamente o orador, mas também, ao mesmo tempo, observar a si próprio. Trata-se, portanto, de um processo unitário; não estais ouvindo o orador e em seguida olhando a vós mesmo: o próprio ato de escutar é auto-observação. Está bem claro? Podemos prosseguir?

Tenho medo *de alguma coisa*; não há medo abstrato, porém só em relação com alguma coisa. Temo uma certa coisa — o passado, "o que dizem", a morte, a falta de amor, minha esposa ou marido, etc. Pois bem; como olho esse medo? Penetremos devagar, passo a passo, nesta questão. Vede, estou observando aquele medo, sei que tenho medo e conheço as reações que ele provoca, e estou agora tentando não fugir dele, não reprimi-lo, nem mesmo analisá-lo, porque tal análise é desperdício de energia.

Por favor, compreendei: Ao olharmos atentamente uma coisa bem de perto, não temos de analisá-la, ela está toda inteira diante de nossos olhos. Só quando estamos desatentos, temos tempo para analisar. Mas, se a coisa está presente, a exigir atenção completa, pode-se então vê-la, em sua inteireza, sem nenhuma espécie de processo analítico.

O importante é *como* se observa. Por ora, temos de aprender, não a respeito do medo, porém sobre *como* abservar, estar atento. Se sabemos estar atentos, se realmente aprendemos a observar, a ver, talvez então não haja mais necessidade de investigar o medo! Examinemos isto.

Tenho de aprender a observar. E que significa estar atento, observar, ver, escutar? Pode-se observar, estar atento, escutar, se já existe uma conclusão, se já existe uma fórmula pela qual estou observando, uma memória a ditar minha observação, ou uma experiência prévia mediante a qual observo? Enquanto

falo, permiti-me sugerir-vos que examineis interiormente, em vós mesmo, o que vou expondo, e vereis quanto é difícil observar, ver. Quando já existe uma conclusão, um juízo, quando já temos uma opinião acerca daquilo que vamos observar, a observação fica toda baseada na memória: a memória, da qual nasce o pensamento. E assim, quando se observa com o pensamento, não há observação nenhuma. Tenho, pois, de aprender a observar sem ter nenhuma conclusão. É possível isso, sem nos tornarmos vagos, abstratos, como que a sonhar? Isto é, se observamos com atenção total, há então alguma conclusão? Se estou observando uma coisa atentamente, não há espaço para nenhuma conclusão, nenhuma fórmula, memória, experiência, para ditar a observação.

Observo uma flor ou árvore e, enquanto a observo, o meu conhecimento botânico daquela flor, daquela árvore, interfere na observação. Isto não quer dizer que eu não devo ter conhecimento botânico da flor ou da árvore; estou só dizendo que o conhecimento interfere quando estou observando. Mas, se aplico toda a minha atenção à observação da flor, não há lugar nenhum para o conhecimento botânico. Só quando estou desatento ele pode interferir. Isso podeis experimentar e observar em vós mesmo muito simplesmente.

Não se trata, pois, de não ter nenhuma conclusão nem de como nos libertarmos dela; de não termos nenhuma fórmula e dela nos livrarmos. Trata-se, sim, de saber se posso observar com aquela atenção completa, não só a flor, as nuvens, a luz refletida n'água, os contornos da montanha — e isso é relativamente fácil — mas também, o que é muito mais difícil, de ser eu capaz de observar a mim mesmo, porque, nessa observação, tudo exige pronta percepção, pois as reações são rapidíssimas.

Posso observar o medo sem ter nenhuma conclusão, sem favor, nessa observação, a interferência do conhecimento que acumulei sobre o temor? Se o conhecimento interfere, o que então se está observando é o passado, e não o medo. Assim, quando observais o medo com atenção, o estais observando, pela primeira vez, sem a interferência do passado. Começais então a aprender. Muito importa compreender isso, porque tendes então a possibilidade de aprender. Aprender, portanto, não é processo de acumulação, porém um movimento em que cessou toda espécie de acumulação. Não é ter aprendido e aplicar o que se aprendeu; *aprender* é, antes, um movimento constante com o fato — *o que é.*

Posso, pois, observar o medo sem nenhuma fuga, nenhuma verbalização — sendo verbalização o pensamento e a imagem criada pelo pensamento, como memória — e *olhar?* Se se compreende bem isso, essa própria compreensão é uma disciplina, porquanto a observação exige uma disciplina tremenda; não, uma disciplina imposta, a fim de compreender, pois nessa há conflito, contradição. Mas, quando observais e sabeis que todas as formas de conclusão, de juízo, de avaliação, de lembrança, desvirtuam a observação, isso constitui uma extraordinária disciplina; mas essa disciplina provém da liberdade. Assim, posso observar o medo?

Apresenta-se aqui a questão: Quem é o observador? Quem é a entidade que está observando o medo? Peço-vos acompanhar-me um pouco. O assunto poderá ser um pouco complexo, um pouco sutil, mas tende a bondade de continuar a prestar-lhe atenção. Estou observando o medo e a perguntar-me quem é que está observando, quem é o observador. E porque está ele observando o medo? O importante é o observar, e não o observador que está a observar. Correto? Não sei se me estais seguindo.

O que nos interessa é a observação do medo. Mas, quando dizeis "Estou observando o medo", já não o estais observando, porque projetastes o "eu" no observador. Cabe-nos, pois, descobrir quem é esse observador que diz "Tenho de observar o medo". O observador é o censor que não deseja o medo. O observador é o conhecimento acumulado que diz "O medo é uma coisa terrível, liberta-te dele". O observador é a totalidade das experiências relativas àquele medo. O observador, por conseguinte, está separado daquilo a que chama "medo". Há um espaço entre o observador e a coisa observada. Por conseguinte, ele está tentando dominá-la, substituí-la, evitá-la, transformá-la, e vem daí o conflito entre o medo — a coisa observada — e o observador. Daí vem a constante batalha entre ambos, a qual é uma dissipação de energia.

Mas, comecemos a investigar quem é o observador, sem nenhuma conclusão derivada do conhecimento, etc. — tratemos de descobrir realmente quem é o observador, de observar o observador. Antes estivemos observando o medo, esse medo que criara tantas formas de fuga; estivemo-lo considerando com conclusões, juízos, a idéia de nos libertarmos dele, etc. Mas agora estou observando, melhor dito, há a ação de observar, e não *eu* a observar: a ação de observar o observador. Não é

assim? Antes eu observava o medo; agora há a ação de observar o "eu", o observador.

Ora, que é o observador? Observemo-lo. O Observador é constituído por essa entidade "acumulada", condicionada como cristã, nacionalista, comunista, socialista; o católico romano, a experiência, a memória temporal; tudo isso sou eu, com toda a memória acumulada, racial, hereditária, toda a memória temporal. Sou tudo isso. É *essa entidade* que está observando e, portanto, nenhuma possibilidade tem de compreender. Porque essa entidade se baseia no passado, mas o medo é uma coisa ativa, e o observador, com tudo o que foi acumulado no passado, diz: "Vou olhar." Está claro isso, podemos continuar? Não verbalmente, porém passo a passo? Ora, só há a "ação de observar" o observador; não há "eu" observando o medo, porém a "ação de observar" o observador. Não sei se percebeis a diferença.

Então, pelo observar, aprendeis a respeito do observador e aprendeis que o observador é meramente uma série de idéias e de memórias, sem nenhuma validade, nenhuma substância, a não ser como idéia, como feixe de memórias. Mas o medo é uma realidade; por conseguinte, estais procurando compreender o fato com uma abstração — e naturalmente não o conseguis.

Conseqüentemente, quando há essa ação de observar o observador, só há então *observar,* e não há "observador e coisa observada". Não sei se percebeis a diferença entre as duas coisas: "*observar* o medo" e "observador observando o medo". Se o observador observa o medo, há espaço entre o observador e a coisa observada. Nesse espaço, que é um intervalo de tempo, faz-se um esforço para se ficar livre do medo; necessita-se de tempo para conseguir essa libertação. "Tenho de fazer alguma coisa em relação ao medo", "Tenho de dominá-lo", "Tenho de condená-lo". Quando há espaço entre o observador e a coisa observada, digo: "Preciso fugir do medo", "Preciso achar uma saída, uma pessoa que me ajude a libertar-me deste temor".

Mas, havendo a "ação de observar" o observador, há a percepção de que o observador é meramente um feixe de memórias acumuladas, condicionadas; então o observador *é* a coisa observada. Por conseguinte, a "ação de observar" é de máxima importância — e não o "observador e a coisa observada". E, quando observamos de maneira tão completa e com tanta atenção, existe medo? Não teoricamente, porém realmente? Podem-se observar os temores externos, isto é, o medo consciente;

nos níveis superficiais da consciência, podemos observar várias formas do medo. Nos níveis mais profundos, no nível inconsciente, existe alguma possibilidade de observar o medo? Porque, nesse nível, há temores ocultos, dos quais estou inteiramente inconsciente. Apresenta-se, assim, um problema: Como observar uma coisa oculta, uma coisa que não tenho possibilidade de sondar por meio de esforço consciente? Dessarte, fico na dependência dos sonhos e da respectiva interpretação — na dependência do analista. E nunca indago porque sonho! É necessário sonhar? Sei que muitos analistas dizem que, se não sonhamos, enlouquecemos, que nós temos de sonhar. Mas nunca nos interrogamos se realmente é necessário sonhar. Estais-me seguindo? (Isto é, se vos interessa.) Isto faz parte do aprendizado próprio.

Estamos perguntando como podemos estar cônscios, como exumar, desarraigar, trazer à luz o inconsciente com todos os seus temores e *motivos*. No momento só nos interessa o medo; e existe medo, profundamente arraigado, naquele campo que a mente consciente nenhuma possibilidade tem de penetrar. A mente consciente — as camadas superficiais da mente — só pode examinar a si própria; não pode examinar uma coisa que desconhece. O inconsciente se "projeta" em sonhos quando estamos dormindo. É um processo muito complexo, mas pode-se, durante o sonho, compreender o que se está sonhando, sem despertar para interpretá-lo. Mas, porque temos de sonhar? Esta é uma pergunta muito importante. Não é questão de sonhar, para depois procurar as interpretações do sonho, o que vem a ser um enorme desperdício de tempo; porém a questão é, antes, de saber porque temos de sonhar. Porque os sonhos e suas atividades, durante o sono, constituem uma dissipação de energia. Pois, durante o sono, a mente se revigora, mas se estamos ativos, a sonhar, a agitar-nos, a preocupar-nos, a mente não pode revigorar-se. Portanto, cumpre descobrir porque sonhamos e se é possível não sonhar.

É possível não sonhar, mas só quando, durante o dia, estamos despertos, atentos a cada movimento de pensamento, de sentimento, de reação. Começamos então a desenterrar o inconsciente; e isso é impossível à mente consciente. Assim, ainda que estejamos viajando num ônibus — se estamos realmente vigilantes e não engolfados na leitura de alguma revista ou jornal — começa-se a descobrir, a perceber certos sinais, certos avisos desse medo, e podemos examiná-lo ao mesmo tempo que

o estamos observando. Pode-se, pois, revelar o conteúdo do inconsciente pela vigilância e o percebimento.

Aqui é também necessário observar, manter-se desperto, vigilante. E, se assim fizerdes — não, esporadicamente quando não tendes mais o que fazer — se assim fizerdes seriamente, descobrireis pessoalmente que é possível, no sentido psicológico, ficar-se inteiramente livre do medo. Sabeis o que isso significa? Não há sombras, nem interior, nem exteriormente. Podem-se ver claramente as coisas tais como são.

Eis o que é a clareza da mente: ver as coisas exatamente como são, tanto exteriormente, objetivamente, como interiormente. Olhando-se claramente, não há problema algum. Como quase todos nós andamos cheios de problemas — compreender um problema é compreender o processo total, e não unicamente um dado problema. Porque cada problema se relaciona com outros mais, e quando trato de compreender um problema completamente, de examiná-lo até o fim, compreendo então todos os problemas.

17 de setembro de 1967.

COMPREENDER O INCONSCIENTE
(Londres — III)

Na última reunião estivemos falando sobre o medo. Nesta manhã pretendo examiná-lo de um ângulo diferente.

No meu sentir, uma das coisas mais difíceis é estar em comunicação, de modo que se compreenda claramente, sem interpretação de espécie alguma, o que se diz. A comunicação exige uma certa disposição da mente, não só para escutar, mas também para atuar, no próprio processo de escutar. Não se trata de primeiro compreender e depois agir; aí, há intervalo de tempo, e neste intervalo de tempo surgem pressões e tensões de toda ordem, e outras atividades. Entretanto, quando há compreensão, esta própria compreensão é o veículo da ação. Mas a comunicação acerca de qualquer coisa, entre dois entes humanos, é sumamente difícil. Porque, para estabelecer-se comunicação entre duas pessoas que se conhecem mais ou menos intimamente, cada uma deve possuir uma certa capacidade de atenção e de afeição, pois, de outro modo, cessa a comunicação — principalmente se se trata de assunto que requer atenção total, não ao orador e às palavras que emprega, porém ao estado de nossa própria mente e à maneira como reage: às suas reações, sua atividade interior. Tudo isso exige uma certa capacidade de profunda penetração de nosso próprio ser. A comunicação — penso eu — se torna então comunhão — coisa muito mais importante.

Para haver real comunhão entre pessoas, as palavras são desnecessárias. Mas essa comunhão exige que as pessoas estejam no mesmo nível, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, pois, do contrário, a comunhão é impossível. E, falando sobre o medo (como o fizemos há dias), para podermos comungar

deve cada um de nós achar-se, ao mesmo tempo, naquele nível de intenso e inteligente percebimento, no mesmo grau de atenção, de "pressão" e intensidade. Nossa intensidade pode ser de pouca duração (e em geral é, porque andamos sempre muito ocupados com tantas outras coisas), mas, para estarmos intensamente cônscios e manter-nos nesse estado, torna-se necessária uma certa afeição, um certo zelo, um certo amor.

Nesta manhã vamos considerar juntos a natureza da violência, tão generalizada no mundo e existente em cada um de nós. Para nos libertarmos inteiramente desta violência, em tôdas as suas formas, precisamos encontrar-nos, todos nós, num nível que abarque a totalidade da violência — não uma dada forma de violência — no qual possam ambas as partes olhar globalmente a estrutura e natureza da violência; e quando uma pessoa é capaz de olhar totalmente, pode distinguir todos os detalhes, sem deformação. Porque, quando se é capaz de olhar totalmente uma coisa (e isso só é possível quando não há interferência de qualquer inclinação ou tendência pessoal, ou quando não somos meramente guiados pelas circunstâncias), é só então que se pode ver por inteiro essa coisa. E como vamos considerar este problema da violência, não iremos ocupar-nos com o seu oposto, a não violência (esse é um velho truque), porém, ao contrário, iremos ver quão profundamente arraigada a violência está; e, para vê-lo, é necessário percebimento sem escolha, sem discussão, sem justificação, sem escusas. Quando a mente está assim vigilante, começa-se a compreender não só a violência existente no nível consciente, mas também a de nível muito mais profundo. E, se o permitis, vamos examinar esta questão nesta manhã.

Mas, antes de o fazermos, temos de compreender a natureza do inconsciente. Porque, superficialmente, exteriormente, podemos ser altamente sofisticados, requintados, ilustrados (como se costuma dizer), porém interiormente podemos estar a ferver de ódio, animosidade, avidez, violência. Isso tem raízes muito profundas, porquanto, afinal de contas, nós herdamos as qualidades do animal, e este, enquanto é afagado, mimado, reage, de maneira correspondente, mas, assim que o hostilizamos, logo põe os dentes à mostra. O mesmo acontece conosco. Agimos com base no princípio do "gostar" e "não gostar" e nesse princípio reside, fundamentalmente, a violência.

Assim, antes de entrarmos na questão, temos de compreender o inconsciente. Em primeiro lugar, *admitimos* o incons-

ciente. Os psicólogos, os analistas, os especialistas, têm sustentado que, bem fundo em nós mesmos, está o inconsciente. Entraram em circulação frases, palavras novas — o jargão dos analistas e psicólogos! Dizem estes que, retrocedendo à infância de um indivíduo, pode-se descobrir o seu condicionamento, que se tornou existente por causa de inadequado tratamento, falta de vigilância, etc.

Mas, existe inconsciente? E por que razão atribuir tamanha importância ao inconsciente? A mim ele parece tão banal e tão estúpido como a mente consciente — estreito, limitado, condicionado, fanático — e eu me pergunto se existe mesmo, no inconsciente, alguma coisa digna de aprender profundamente. Acho que devemos aprofundar esta questão, porque a maioria dos entes humanos está condicionada pelo inconsciente — melhor, pela idéia de que tal coisa existe — o inconsciente, com todos os seus motivos, seus temores, sua herança racional, etc. E, olhando-o, dele nos tornando cônscios, não através de sonhos, porém *realmente*, podendo-se observar as reações raciais, as reações profundas da cultura em que o indivíduo foi criado.

A menos que a pessoa seja um tanto neurótica e desequilibrada, não considero muito importante examinar o inconsciente. É desperdício de tempo. Sei que o que estamos dizendo é condenado pelos especialistas, porque pode-se ganhar muito dinheiro com essa idéia (do inconsciente); ela é uma mina de ouro! E, quando estamos procurando compreender esse chamado inconsciente, não devemos aceitar nada de dito por quem quer que seja; porque, então, nos vemos de novo perdidos, sob o domínio da autoridade. Mas, com exame pessoal, podemos descobrir quanto ele é simples, podemos descobrir como somos condicionados, exteriormente, pelo clima, pela alimentação, as roupas, os jornais, as revistas, o rádio, a televisão, os discursos, os políticos, a constante pressão que molda nosso pensar e nossas reações. Sois cristão ou hinduísta porque há dez mil anos a propaganda vos vem dizendo que sois brâmane, hinduísta, o que deveis crer, o que não deveis crer, etc.; e, como cristão, há dois mil anos vindes sendo condicionado para crer no Salvador, no pecado original, e esse condicionamento é mantido, sob pressão, no inconsciente, que faz parte do todo da consciência. Assim, se damos exagerado valor e significação ao inconsciente, ver-nos-emos enredados no processo analítico e suas banalidades altissonantes. Mas, se possível, deve-se olhar o estado total da mente, e não partes dela! Os hinduístas dividiram a mente, com

admirável habilidade, em diferentes categorias; esse é um jogo com que podemos entreter-nos indefinidamente. E, no Ocidente, há certos tipos de analistas e psicólogos que se entretêm do mesmo modo. Mas, abstraindo dos especialistas, dos analistas, sou um ente humano, um resultado do tempo e, se procuramos compreender o ente humano de acordo com outra pessoa, não o compreenderemos.

Ora, é possível a vós e a mim, como entes humanos que vivem neste mundo, olhar a totalidade, em vez dos fragmentos? *Como* olhar? O *ato de olhar* (não a totalidade, a inteira estrutura da consciência), o ato de olhar pode não ser tão importante quanto o é *a maneira* de olhar — *como* olhar. E, já que vamos examinar a questão da violência tão profundamente enraizada na maioria de nós, devemos aplicar-nos a compreender, não a estrutura total ou a natureza da violência, porém o *ato de olhar*! Evidentemente, primeiro olhamos com o órgão físico; olhamos uma árvore com os olhos. E pode-se olhar essa árvore sem nenhuma interferência do passado, do pensamento? Pode-se olhar o todo da consciência humana — que constitui a pessoa, o "eu" — sem nenhuma interferência, juízo, avaliação, tudo isso essencialmente baseado no passado? Porque o importante é o ato de olhar e não aquilo que olhamos. Se sabemos olhar, então aquilo que olhamos muda completamente de natureza. Isso se pode observar em nossa vida de cada dia.

Como dissemos, a violência faz parte de nossa natureza. As várias organizações religiosas, que em verdade não são religiosas, tentaram abrandar o homem, amansá-lo, controlá-lo, porém em vão; muito ao contrário, as religiões foram provavelmente as maiores causadoras de guerras! É óbvio que todas as chamadas organizações espirituais criam, inevitavelmente, descontentamento, discórdia e guerras. Eu pertenço à minha sociedade, vós à vossa, e por causa delas mutuamente nos hostilizamos.

Há, pois, em todos nós, esta profunda tendência para a violência, baseada no prazer (e, por conseguinte, no medo), no "gostar" e "não gostar"; e isso se aplica ao todo da sociedade em que vivemos, da sociedade de que faz parte cada um de nós; essa sociedade pela qual cada um de nós é responsável, porque nós a criamos — como se pode facilmente perceber. E pertencer, a qualquer respeito, a essa sociedade, psicologicamente, é pôr em desordem a nossa vida. Aceitais, sem discussão, o que estamos dizendo?

Presumo que estais escutando, pois aqui vos achais para escutar — e a gente se acostuma a ouvir as coisas mais chocantes. Mas, não estamos dizendo nada de chocante. Se desejamos viver pacificamente (e como entes humanos inteligentes assim devemos viver), sem guerras, sem conflitos, sem fazermos de nossa vida um campo de batalha, temos de compreender essa violência. Percebendo-se a natureza e estrutura da sociedade criada pelo homem, é claro que pertencer a essa sociedade, a qualquer respeito, psicologicamente, interiormente, só há de provocar mais destruição, mais guerras, mais aflições.

Perguntamos, pois, se é possível nos libertarmos totalmente da violência interior e, por conseguinte, da exterior. Mas não se trata de nos libertarmos primeiro exteriormente e, depois, interiormente, porém de um só movimento, não dividido em interior e exterior. Sem dúvida, somos violentos porque temos medo; medo, não só de perdermos uma posição, um emprego, uma casa, um lar, uma garantia externa, porém, primariamente, somos violentos porque interiormente desejamos segurança completa, segurança em nossas crenças.

Por favor, enquanto falamos, examinai a vós mesmos, pois estamos viajando juntos e cabe-vos a responsabilidade deste exame tanto quanto ao orador. Não podeis ficar aí sentados, a ouvir como que indiferentemente; uma tal maneira de escutar nenhum valor tem. Mas, se estamos viajando juntos, temos de fazer o mesmo trabalho. Eu não posso carregar-vos, nem vós podeis carregar-me. Temos de andar juntos, isto é, de cooperar. E a cooperação exige uma grande abundância de energia, de atenção; não requer concordância ou discordância — pois isso só leva a opiniões e juízos. Mas, se pudermos viajar em comum, uma única hora que passarmos juntos terá imenso valor.

Interiormente, estamos essencialmente em busca da segurança, em diferentes formas; queremos estar protegidos, certos, nunca ver-nos enredados num estado de incerteza em relação a coisa alguma: em minhas relações com outros, com minha esposa ou marido, em minhas relações com idéias, que são crenças, dogmas, com as conclusões a que a mente chegou por meio da experiência, do conhecimento, da pesquisa e exame, quando dizemos "Isto é *assim*", "Eu sei". E cada um teme ser desalojado de sua posição, da conclusão a que chegou, reagindo violentamente a qualquer espécie de perturbação. Isso pode-se ver muito bem. Bem sabeis que, em todo o mundo, a instituição do

matrimônio está sofrendo uma reforma, reforma a que muitos se estão opondo, porque estamos acostumados com as coisas como estão. O mesmo se pode dizer a respeito das igrejas, dos deuses, das crenças, dos salvadores. Há, pois, sempre resistência a toda e qualquer perturbação, e a resistência, por sua própria natureza, é violenta. E quando uma pessoa é capaz de olhar sem resistência suas peculiares formas de resistência, começa a compreender a natureza da violência, o medo à solidão, o medo do enorme tédio da vida — a vida que cada um leva todos os dias, passando anos e anos fechado num escritório, na mesma casa, com os mesmos rostos, mesma rotina sexual, os mesmos prazeres. Isso naturalmente causa um tédio mortal. Porque estamos bem ancorados (e é isso o que desejamos), não nos importamos de ser perturbados na periferia. Mas a questão da violência só pode ser resolvida quando nos vemos profundamente perturbados, sem nenhum ancoradouro — quer dizer, sem resistência, nem defesa, nem escusas, justificações, conclusões, com a mente intensamente cônscia, penetrante, límpida. Só então desaparece a questão da violência.

Como sabeis, fala-se muito cultamente acerca da violência e tornou-se moda servir-se dela como instrumento político e também como meio de superar a nossa violência, obviamente inata. E os profetas da não violência, tanto do Ocidente como do Oriente, são com efeito pessoas extremamente violentas; não sei se já notastes isto. Têm princípios fundamente arraigados, segundo os quais agem ou abstêm-se de agir. Forçam a si próprios, controlam-se, negam-se tudo o que desejam — das relações sexuais a qualquer forma de prazer físico, de conforto, de estar tranqüilamente sentado. Tudo isso constitui uma forma de violência, uma forma de contenção, segundo um certo princípio por eles adotado. Mas, para se compreender a violência, não há nenhuma necessidade desse princípio da não violência. Ele constitui uma fuga muito cômoda à violência. O fato é que somos violentos; em nossas relações, em nosso modo de sentir, lançamos em outros os germes do antagonismo, do ódio, porque é isso o que somos em nós mesmos. Mas, posso olhar minha violência sem servir-me desse "truque" da não violência? Olhar o que realmente sou! — violento em minhas ocupações, violento em minhas relações, no desejo de dominar, de ser superior, de exercer minha vontade para realizar alguma coisa — pois o ato de vontade, em qualquer forma, é violento, e nós fomos criados na violência, no exercício da vontade.

Portanto, devemos também ver a natureza da vontade. A vontade, afinal de contas, é a imposição, o exercício de nossos gostos e aversões, altamente intensificados; a vontade se baseia essencialmente no desejo — desejo de prazer e de fuga à dor, busca do prazer. A continuidade do prazer exige o exercício da vontade, ou seja, pensar constantemente no prazer e pensar constantemente no evitar a dor; baseia-se (a vontade) nesse sentimento do desejo, que se torna mais e mais intenso. E tem a vontade alguma razão de ser? Pois a vontade é violência, *não é* compreender, não é ver uma coisa diretamente e agir. O próprio ato de ver é agir, como acontece quando nos vemos em perigo. Este ponto envolve muitas coisas. Podemos examiná-lo.

A violência é uma forma de vontade; e pode-se viver neste mundo sem o perpétuo exercer do querer e do não querer, do gostar e do não gostar? Isso, em suma, significa viver pacificamente. Mas nós temos de agir neste mundo e, assim sendo, é possível agir sem a vontade, a qual assume tantas formas, tais como ambição, competição, o impulso a realizar, preencher, rejeitar, resistir; é possível isso? Tem a mente alguma possibilidade de libertar-se dessa violência, proveniente da comparação? Pensamos compreender quando comparamos. No campo tecnológico, a comparação é necessária; mas, no campo psicológico, há necessidade de comparação para se compreender alguma coisa? Compreendo a mim mesmo, comparando-me a outra pessoa? E, nas escolas, quando A é comparado com B, que é muito mais talentoso, não se está destruindo A? Assim, porque é que comparamos? A comparação não é um meio de evitar *o que é*? E para compreender o que é, dentro de nós mesmos, porque necessitamos da comparação, que é um meio de estimular a competição com todas as suas batalhas e ansiedades, temores, exercício da vontade, etc. — tudo isso formas da violência? Pode-se ver isso, não em fragmentos separados, porém completamente, como um todo, de modo que o próprio ato de olhar *o que é* constitua a dissipação do que é?

Como dissemos no início desta palestra, o ato de comungar requer atenção e afeição. Posso entrar em comunhão com minha violência, com atenção e afeição? E, fazendo-o, subsiste em mim alguma forma de violência? Examinai isso, enquanto falamos. Apresenta-se, então, o problema: "Se me livro da violência, como vou viver com meus semelhantes? Como vou viver num mundo cheio de violência, de ambição, avidez, bru-

talidade, guerras, etc. — como vou viver neste mundo? Não serei destruído?" É esta a pergunta inevitável e invariável.

Quando uma pessoa faz uma tal pergunta, quer-me parecer que essa pessoa não está vivendo, realmente, como ente pacífico. Se viverdes pacificamente, não tereis mais problema algum. Podereis ser fuzilado, se resistirdes, se não quiserdes alistar-vos no exército; mas não há problema nenhum: sereis fuzilado! É com efeito da maior importância compreender isto. Porque, em nossa vida, se torna necessária uma revolução total, uma revolução psicológica, uma tremenda crise na consciência. Não crise econômica, crise política, guerra, pois de muito mais significação e valor é a profunda revolução interior. Do contrário, ninguém pode viver equilibrada e inteligentemente neste mundo monstruoso, e quanto mais inteligente a pessoa, quanto mais atenta e vigilante, em relação ao problema, tanto mais deseja viver de maneira completamente pacífica. Não só o deseja: *vive*. É por isso que (como dissemos no começo) o importante não é "como viver pacificamente", porém antes perceber a natureza da violência em nós existente; ver com clareza o que somos, perceber que nossa mente é uma entidade torturada, sempre a ajustar-se, a imitar, a resistir (tudo formas de violência). E, nesse percebimento, torna-se a pessoa cônscia de que não existe nenhum observador, porque o observador, o centro, representa a própria natureza do conflito — isto é, enquanto existe a separação que o observador cria entre si e a coisa observada. Isso não significa que o observador precisa identificar-se (não há unidade fundamental na identificação; ela é um artifício), mas, quando se percebe que o próprio observador é a entidade que gera a violência, há então comunhão entre o observador e a coisa observada, e, realizada essa comunhão, acabou-se o observador.

Podemos conversar sobre o que estivemos falando?

INTERROGANTE: Parece-me que o que dissestes não tem atrativo para a maioria e que talvez só umas poucas pessoas prestem verdadeira atenção ao que dizeis e o compreendem integralmente; outros, talvez, o ouvem superficialmente e depois se esquecem de tudo. Como dissestes, é dificílimo encontrar essa liberdade a que vos referis. Enquanto isso, o mundo continua num estado aterrador, só há interesse em dominar, em conquistar poder, e as coisas estão nas mãos dos políticos. Como podemos aceitar um tal estado? Inevitavelmente, o mundo será levado,

afinal, à destruição. Talvez um ou outro indivíduo possa encontrar a liberdade de que falais, mas não vejo isso suceder em maior escala.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, eis a questão. Um só indivíduo poderá transformar-se, mas — e as massas? Que será dos demais, que não compreendem nem têm interesse (no que dizemos), que desejam viver no meio da confusão que criaram neste mundo? Que diferença faz, se um ente humano compreende e o resto do mundo continua como está?

Que nos importa o resto do mundo? Atenção, vamos examinar este ponto! Porque queremos influir no resto do mundo? Porque dividimos o mundo em indivíduos e coletividade. O indivíduo é realmente *indivíduo* ou é realmente o *coletivo* — em escala reduzida? Sois muito diferente do resto dos ingleses, do resto do mundo? Vós tendes vossas ansiedades, vossas dores, vossas tribulações, vossos problemas, vossos desesperos, vossas aflições, ciúmes, invejas, tal como acontece do outro lado do mar; por conseguinte, porque tanta preocupação a respeito do resto do mundo? Penso que há, aí, um erro fundamental. Nada é feito, neste mundo, pela "massa". São sempre poucos os que fazem alguma coisa. A sociedade comunista foi criada por um número bem pequeno de pessoas; a "explosão" cultural que se verificou no Oriente foi obra de um pequeno punhado de homens; a "explosiva" influência da Grécia na Europa, também esta se deve a um reduzido número de indivíduos. Nunca pensaram esses homens: "Que será do resto do mundo?"

Penso que essa maneira de olhar, perguntando, é um desperdício de tempo. Quando amamos uma coisa, não ficamos pensando no resto do mundo, porque nesse amor está incluído o mundo inteiro. Do mesmo modo, quando começamos a compreender a natureza da violência, e dela ficamos realmente livres, nunca fazemos aquela pergunta. Mas, quando uma pessoa a faz, torna-se missionário, propagandista; no momento em que se torna propagandista, missionário, está tudo acabado: só se cria mais aflição.

INTERROGANTE: Não vos compreendo quando dizeis que a vontade não tem nenhuma função na compreensão, e que esta, contudo, requer uma certa disciplina; isso parece contradição.

KRISHNAMURTI: Tendes necessidade da vontade, ou da disciplina, para escutar? Se não desejais escutar, mas sois forçado

a fazê-lo porque "dá lucro", porque "vale a pena", porque vos proporciona isto ou aquilo, então vos disciplinais para escutar. Porém, quando desejais compreender uma coisa, quando desejais compreender o sofrimento (o qual talvez examinaremos noutra oportunidade), o sofrimento físico, a dor, a aflição do homem, quando desejais compreender tudo isso, que função tem a vontade? Mas, no próprio processo de compreender o sofrimento, há disciplina; o próprio processo é disciplina. Vede, senhor, que implica a palavra "disciplina", em sua acepção geral? Creio que a raiz dessa palavra significa "aprender", e não, "submeter-se". É uma palavra "excelente" no treinamento militar; aí, não se precisa compreender nada, a não ser o processo mecânico de matar gente. Para compreender o sofrimento, olhá-lo, descobrir tudo o que lhe diz respeito, necessita-se de disciplina? Disciplina no sentido de ajustar-se a um padrão, de imitar, de obedecer a uma certa regra ou fórmula? Mas, para compreender alguma coisa é necessário prestar atenção, é necessário amá-la, e quando a amamos, esse amor, por sua própria natureza, é disciplina.

Diríeis que uma pessoa pode disciplinar-se para amar? Exercer a vontade para amar? Quando se exerce a vontade, disciplina, para amar, o amor "foge pela janela", não é verdade? O amor, por conseguinte, não tem nada em comum com a disciplina. Mas, havendo aquele estado de atenção, que é zelo, afeição, isso, em si, é disciplina. Não posso prestar atenção, se não me aplico a escutar com todo o meu ser. Mas, se faço esforço para escutar, não estou escutando, porque em meu interior se está travando uma batalha; por conseguinte, a vontade, em si, é uma contradição. É ela que cria a dualidade. Não há mais tempo, hoje, para examinarmos este ponto, mas podemos observar esse fato em nós mesmos.

INTERROGANTE: Mas, senhor, não se pode pensar em disciplina também noutras esferas de atividade? Por exemplo, eu me disciplino e exerço minha vontade para levantar-me de manhã.

KRISHNAMURTI: Exatamente. Exercemos a vontade em diferentes maneiras; uma pessoa se disciplina para erguer-se do leito de manhã; isso significa que essa pessoa está em conflito, não? Mas, não existe conflito ao compreender-se o que é "preguiça"; é bom "ter preguiça" — tudo depende do que se entende por "preguiça"! Se a pessoa não viveu regradamente no dia anterior, se comeu demais, se de diversas maneiras se excedeu, acon-

tece que, ao desejar levantar-se de manhã, o corpo se recusa e é necessário forçá-lo a levantar-se. E, assim, o corpo perde sua própria inteligência. Mas, se a pessoa souber viver, não num certo dia, mas em toda a vida, descobrirá que a preguiça tem seu lugar próprio, e que a ação imediata é também necessária. Ela (a preguiça) deixa de ser uma separação, criada pela vontade, entre a ação e a inação.

23 de setembro de 1967.

O SIGNIFICADO DA PAZ
(Londres — IV)

Ontem estivemos falando sobre a violência e, nesta manhã, seria bom examinarmos a questão da paz — investigar se ela é possível num mundo todo devotado à guerra. Se os entes humanos podem viver em paz numa sociedade que está seguindo o caminho da guerra, da matança, do armamento, como norma de vida; num mundo dividido em nacionalidades, grupos religiosos, todos em guerra entre si. É possível viver-se nesta sociedade? Como ente humano, pode um indivíduo viver em paz dentro de si mesmo e, talvez, também exteriormente? Porque, a mera cessação da violência não significa necessariamente um estado mental de paz interior e, por conseguinte, de paz em todas as relações.

Nossas relações com os entes humanos se baseiam no mecanismo defensivo, formador de imagens. Em todas as nossas relações, formamos imagens uns dos outros, e são essas imagens que ficam em relação, e não os entes humanos. A esposa forma uma imagem do marido — mui caprichosamente ou, talvez, irrefletidamente, inconscientemente; contudo, a imagem existe. Ela tem uma imagem do marido e o marido tem uma imagem da esposa. Cada um tem uma imagem de sua pátria e uma imagem de si próprio. A essas imagens vamos fazendo mais e mais acréscimos, a fim de fortalecê-las. E, com profunda observação, pode-se ver que essas imagens têm relações umas com as outras. E, dessa maneira, por causa da formação de imagens, o verdadeiro estado de relação entre dois ou muitos entes humanos cessa completamente.

Cada um pode observar esse fato em si próprio; e, evidentemente, as relações baseadas em tais imagens jamais serão pa-

cíficas, porquanto as imagens são fictícias e não se pode viver abstratamente. Todavia, é isso o que estamos fazendo: vivendo na esfera das idéias, das teorias, dos símbolos — tais como a nação, as imagens que criamos a respeito de nós mesmos e de outros, as quais são puras abstrações, irrealidades. Todas as nossas relações — com a propriedade, com as idéias, com pessoas — se baseiam essencialmente nessa formação de imagens e, por isso, há sempre conflito.

É possível, a nós, entes humanos, que já vivemos há milhões de anos, que nos supomos mais ou menos civilizados, que pelas religiões organizadas fomos condicionados para falar muito desembaraçadamente sobre a paz — é possível nos mantermos completamente em paz, dentro de nós mesmos e, por conseguinte, em nossas relações com outros? Porque a vida é um movimento de relações; sem relações não há vida. E se se baseia a vida numa abstração, numa idéia, numa suposição especulativa, esse viver abstrato criará, inevitavelmente, relações causadoras de conflito.

Perguntamos, pois, a nós mesmos se a paz é, de algum modo, possível; não num certo mundo fantástico, abstrato, mítico, porém em nossa vida diária, nosso trabalho, etc. Na Índia, há hinos de paz, reza-se esta oração: "Que a paz desça sobre todas as coisas, sobre os animais e os entes humanos", etc. etc. São hinos maravilhosos, compostos provavelmente há muitos milhares de anos, mas, em todos estes anos, nem lá nem no mundo, nunca houve paz, só guerras incessantes: quase três guerras por ano nos últimos cinco mil anos! E se desejamos (ou, melhor, se exigimos) a paz, e vivemos em paz: que significa "viver em paz"?

Cumpre examinar esta questão muito atentamente, porque convertemos nossa vida num campo de batalha, num conflito, não só com o nosso próximo — que pode morar na casa vizinha ou a mil léguas de distância — mas também em nosso interior. Nossa existência é um campo de batalha, atormentada por desejos, contradições, temores, frustrações, ansiedades e infinito sofrimento. E temos possibilidade de transformá-la — de tornar-nos ou de ser completamente pacíficos?

Sei que esta pergunta já foi feita por milhares através de milhares de anos. Já se tentou essa transformação por meio de orações, pela identificação com alguma coisa maior. Têm-se aceito várias formas da chamada "paz", mas, na realidade, na

vida diária, não somos pacíficos em absoluto. Matamos os animais, matamos os nossos semelhantes, etc.

Assim, é possível vivermos em completa e profunda paz interior? Isso não significa adormecer ou estagnar; pelo contrário! Temos de averiguar isso, examinar muito atentamente esta questão, como espero possamos fazê-lo nesta manhã.

Acho que devemos compreender-nos mutuamente, em relação a este assunto, e não limitar-nos a ouvir uma série de palavras e de idéias, aceitando-as ou rejeitando-as, ou fechando-nos todas as passagens, dizendo: "A paz é impossível neste mundo monstruoso." Devemos, antes, penetrar em nós mesmos, não psicanaliticamente nem teoricamente, porém de maneira real, passo por passo, para ver se há possibilidade de vivermos sem conflito, sem esforço e, contudo, no mais alto nível.

Para procedermos a um exame completo, temos de compreender a natureza do esforço, a natureza do conflito, porque quase todos nós estamos em conflito, temos problemas e mais problemas, tanto psicológicos como objetivos, econômicos, e problemas da mente e do coração. E tais problemas, inevitavelmente, criam conflito; problema significa conflito; do contrário, não haveria problema nenhum. Estamo-nos referindo, antes, a problemas psicológicos, do que a problemas econômicos, políticos (não sei porque, em todo o mundo, somos governados por esses estúpidos políticos: já considerastes a que está sendo reduzido o mundo?). E para investigar esta questão da paz, não intelectual nem verbalmente, porém de maneira real, temos de compreender o conflito; todo conflito é um problema, principalmente um problema psicológico.

Um problema só continua existente quando somos incapazes de enfrentá-lo de maneira total; quando queremos resolver fragmentariamente ou emocionalmente, ou através de fuga, um problema essencialmente psicológico. Evidentemente, somos incapazes de enfrentar um problema de maneira completa. Em primeiro lugar, não só devemos estar cônscios do problema, de sua natureza e estrutura, mas também devemos ser capazes de enfrentá-lo — não eventualmente, gradualmente, após um certo tempo; devemos ser capazes de enfrentá-lo e de resolvê-lo imediatamente, para que ele não se enraíze em nossa mente. Assim, antes de mais nada, devemos perguntar: A vida é um problema, o viver é um problema e dele não há possibilidade de fuga; como enfrentá-lo inteiramente, completamente, logo que se apresenta, e ultrapassá-lo, para que ele não se enraíze no solo da mente? Como con-

seguir isso? Porque, quanto mais tempo permitirmos a um problema permanecer em nossa mente, durar um dia, um mês ou mesmo alguns minutos, tanto mais ele deformará a mente. Temos possibilidade de enfrentá-lo, sem desfiguração, e dele nos libertar por inteiro e de imediato? Não sei se já refletistes a esse respeito; se já o fizestes, deveis ter visto que, se cada movimento da vida não é enfrentado de maneira completa, total, cria-se um problema; o problema é essa maneira inadequada de enfrentar o movimento da vida. E, posso eu — um ente humano — enfrentar esses problemas ao surgirem, sem deixar que deles permaneça na mente uma só memória, uma só arranhadura? Tais memórias são as imagens que transportamos conosco, e são essas imagens que estão a enfrentar essa coisa extraordinária que é a vida e, por isso, existe contradição; porquanto a vida é muito real, e não uma abstração. Se enfrentamos a vida com imagens, há inevitavelmente problemas.

Espero não estejais apenas ouvindo palavras, porém servindo-vos do orador como um espelho no qual vos mirais. Afinal, é este o intuito destas palestras, e não o de reunir uma quantidade de idéias e argumentos, de habilmente replicar, porém, sim, cada um observar a si próprio, ao movimento de sua mente, de seu coração, de todo o seu ser, *tal como é realmente*, sem imagem alguma. Se assim fizerdes, talvez possamos descobrir como viver completa e totalmente em paz com nós mesmos e, por conseguinte, nas relações com outrem.

Como dissemos, o problema só existe no tempo; isto é, quando enfrento um caso qualquer incompletamente. Esse encontro incompleto com o caso cria um problema. Ao enfrentarmos um desafio parcialmente, essa maneira fragmentária de enfrentá-lo cria um problema. Posso enfrentar esse desafio, esse caso, essa questão, esse medo ou ansiedade — o que quer que seja — completamente, quer dizer, com inteira atenção? Só a desatenção gera problemas. Não achais? Isto é, quando não estou aplicando toda a minha atenção, tenho então um problema, e, existindo esse problema e continuando eu desatento, o problema perdura — e espero resolvê-lo "um dia destes".

Considere-se agora a questão da morte: um problema imenso para a maioria das pessoas. É possível enfrentar esse fato completamente, sem torná-lo um problema? É claro que, para enfrentá-lo, devem desaparecer completamente todas as crenças, esperanças, temores, pois, do contrário, estareis enfrentando aquela coisa extraordinária com uma conclusão, uma

imagem, uma ansiedade premeditada. Por conseqüência, a estareis enfrentando com o tempo. Não sei se estais compreendendo.

O tempo é aquele intervalo entre o observador e a coisa observada. Isto é, o observador, o "eu", teme — eu tenho medo de enfrentar aquela coisa chamada "morte". Não sei o que ela significa. Tenho esperanças e teorias de toda espécie: creio na reencarnação, na ressurreição, etc. Enquanto existir um observador com todas as suas crenças, temores, esperanças, aflições, sentimentos de autocompaixão, e aquele fato que ele está observando (um intervalo de tempo, que é espaço) tem de haver contradição e, por conseguinte, conflito. Estais seguindo isto?

Vede, senhor: Temo morrer, e, ou racionalizo os meus temores e levanto assim uma resistência contra o inevitável, ou trato de levar "uma boa vida" (e isso também é fuga), ou, ainda, tenho inumeráveis crenças que me protegem contra aquele fato. Em conseqüência, há um vão entre mim e a coisa de que tenho medo. Nesse intervalo de espaço-tempo não pode deixar de haver conflito, ou seja, temor, ansiedade, autocompaixão, etc. Pode-se enfrentar a chamada "morte" sem esse intervalo de espaço-tempo? Só é possível quando há atenta e profunda observação, na qual o observador não tem continuidade — o observador que é o criador de imagens, o observador que é a coleção de memórias, idéias, um feixe de abstrações. É possível enfrentar qualquer fato sem esse intervalo de tempo e, portanto, sem nenhuma contradição, vale dizer, sem conflito?

Afinal, quando se fala acerca da paz, é também necessário compreender o que é o amor. O amor não é uma abstração, uma idéia. Não é desejo e prazer. E, para compreender a natureza do amor, tem-se de investigar a questão do conflito. Essencialmente, o conflito nasce quando há uma contradição. Essa contradição é gerada pelo observador, por um centro que tem continuidade como memória.

A questão, pois, é esta: Se vivo neste mundo, condicionado por uma sociedade que nós criamos, uma sociedade baseada na guerra, no ódio, na inveja, na agressão, e da qual eu faço parte — tenho possibilidade de enfrentar todas essas coisas imediata e completamente e delas me libertar? O problema é "como observar" — como observar a morte, o medo, a avidez, a agressão, o ódio, como enfrentar cada uma dessas coisas, como vê-la, sem aquele intervalo de espaço e tempo? Espero que nos estejamos entendendo bem; se não, quando eu acabar de falar podeis fazer-me perguntas.

Vários métodos já se experimentaram para eliminar o espaço entre o observador e a coisa observada: drogas, identificação, meditação, observância de sistemas e outros mais — tudo isso na esperança de eliminar esse intervalo de espaço entre o observador e a coisa observada e, desse modo, libertar-se da contradição e do conflito, criando-se assim a paz.

Não creio que algum sistema ou droga, alguma identificação, alguma forma de sublimação tenha o poder de eliminar o espaço. Mas, que é que pode eliminar o espaço e o tempo? É a maneira de olhar, de observar. A meu ver, esta é a chave: observar, realmente, sem nenhuma imagem. Eis porque cumpre haver muita simplicidade: observar uma flor sem nenhuma atividade mental, sem nenhuma interferência do pensamento; porque pensamento é tempo, e tempo é aflição. E olhar a morte sem medo, sem racionalização, sem esperança nem crença. Observar, simplesmente! Isso significa, com efeito, morrer para o prazer que ontem se experimentou e para a memória desse prazer.

Mas, como dissemos, o amor não é desejo nem prazer. Prazer é a continuidade de um desejo que o pensamento entretém constantemente. Ontem tive um prazer sexual e meu pensamento está a ocupar-se com ele, a ruminá-lo, a dar-lhe continuidade. E esse pensamento a respeito do desejo, que se torna prazer, decerto não é amor, porque o pensamento não pode gerar amor; só pode gerar sensualidade, prazer, dar sempre mais força ao desejo. O desejo é normal; quando olhais uma bela árvore, uma flor, um formoso rosto, etc., tendes uma reação normal, saudável; mas, quando o pensamento intervém nessa reação e, pelo pensar nela, lhe dá continuidade como prazer, esse prazer, obviamente, não é a coisa que se chama "amor"; e o pensamento não tem nenhuma possibilidade de cultivar o amor. É possível a ausência total do pensamento quando se apresenta um desejo? Olha-se para um belo carro: ver — sensação — desejo; e logo o pensamento interfere, dizendo: "Quem me dera possuí-lo!" E o pensamento, ocupando-se com isso, cultiva o prazer. Pode-se olhar aquele carro sem nenhuma interferência — se assim se pode dizer — do pensamento?

Como o amor, a beleza não é cultivável pelo pensamento. Uma coisa bela não é a Beleza. A Beleza não está na coisa, no edifício, na pessoa; mas há aquela beleza que não é o resultado de condicionamento e na qual o pensamento não interfere de modo nenhum. E se uma pessoa observa tudo isso dentro de si, e se o penetrou suficientemente, junto comigo, nesta

manhã — descobre ser possível viver sem conflito e sem contradição. Existe contradição quando há comparação, não apenas *com* alguma coisa, mas também a comparação com o que eu *era* ontem. É assim que surge o conflito entre o que *foi* e *o que é*. Não havendo comparação, só há *o que é*. E viver completamente com *o que é* é ser pacífico. Porque então se pode dispensar toda a atenção *ao que é*, sem distração alguma — a realidade interior, não importa o que seja: desespero, malevolência, brutalidade, medo, ansiedade, solidão — e viver plenamente com essa realidade. Não há então contradição e, por conseguinte, não existe conflito.

Essa compreensão que só pode nascer da observação de *o que é* — é paz. Isso não significa aceitar o que é; ao contrário, não se pode aceitar esta sociedade monstruosa e corrupta em que estamos vivendo, a qual entretanto é *o que é*. Significa, sim, observá-la, observar toda a sua estrutura psicológica, que sou *eu* — observá-la sem julgamento nem avaliação — observar realmente *o que é* e, observando-o, transformar-se completamente. Pode assim uma pessoa viver em paz com a esposa ou o marido, com o próximo, com a sociedade, porque ela própria está vivendo, dia a dia, uma vida pacífica.

INTERROGANTE: Krishnaji, o morrer para todas as coisas, todos os dias, é a porta de entrada para o amor?

KRISHNAMURTI: Acho que não, pois isso é uma mera idéia. Não sei porque atribuímos tamanha importância às idéias. Desejamos amor; não sabemos o que é amor, mas o desejamos. E para o alcançarmos, buscamos, indagamos, inventamos "portas de entrada", "caminhos" (sempre no domínio das idéias) e sabemos muito bem que uma idéia jamais pode abrir a porta que leva ao amor; *jamais*, porque idéia é pensamento organizado, e o pensamento só pode dar prazer, só pode gerar satisfação e mais satisfação. Existe a relação entre pessoas casadas, a profunda satisfação que se encontra naquilo a que chamam "amor". Para compreender essa coisa que o homem sempre buscou, chamando-a amor, não podemos buscá-la, sair no seu encalço. Oh, mas isto é tão simples, não achais? Tão simples!

INTERROGANTE: Permiti-me dizer, senhor, que, às vezes, quando nos vemos no maior desespero e ansiedade, sobrevém subitamente a paz — não sei porquê.

KRISHNAMURTI: A paz surge de súbito, quando nos vemos em grande ansiedade ou desespero. Sim, isso acontece. Mas é paz? Não estou dizendo que não é. Quando uma pessoa se vê aflita e exausta, nesse estado de exaustão e de solidão, nesse sentimento da total cessação de tudo o que *foi* — a camaradagem e tudo o mais que deixou de existir — nesse estado há muito sofrimento. O sofrimento é também autocompaixão, e dessa agitação talvez possa vir um sopro de paz. Mas, muito certamente, o sofrimento não é o caminho da paz (*interrupção por parte do interrogante*). Pode ser que obtenhais, que aprendais alguma coisa do sofrimento, alguma coisa que vos traz paz; eis a questão. Aprende-se, de fato, alguma coisa do sofrimento? Sim? Observemo-lo. Podemos fazê-lo? Não digais "sim" nem "não".

INTERROGANTE: Ele pode levar-nos a uma crise.

KRISHNAMURTI: O sofrimento já é o resultado de uma crise — e que se aprende dele? Um minuto, minha senhora — já descobriremos a sua causa. Mas, aprende-se alguma coisa do sofrimento e, quando se aprende, que é que se aprende? Ou se aprende a não ter mais sofrimento, a defender-se dele, a resistir a ele, ou aprende-se uma maneira de evitá-lo; mas, na realidade, que foi que se aprendeu? Que é sofrimento? É solidão, é amar e não ser amado, não ser correspondido, é ignorância de si mesmo; e há também o sofrimento causado pela morte de alguém, no qual há uma grande proporção de autocompaixão.

Que se entende por sofrimento? E, porque não compreendemos o sofrimento, rendemos-lhe culto na igreja.

INTERROGANTE: O sofrimento é a impossibilidade de nos reconciliarmos com o fato.

KRISHNAMURTI: Mas, porque devemos reconciliar-nos com o fato? O fato *é*. Porque buscar essa reconciliação com o fato, com *o que é*? É porque a respeito do fato temos uma idéia, uma imagem.

Pois bem; que é sofrimento? E por que razão o homem jamais conseguiu livrar-se dele, acabar com ele, dentro em si mesmo? É possível pôr fim ao sofrimento, completamente, não teórica, porém realmente? Ele só pode cessar com a perfeita compreensão de nós mesmos. O autoconhecimento é o fim do sofrimento. Não queremos dar-nos ao trabalho de estudar-nos e ficamos inventando maneiras de fugir do sofrimento.

Enquanto existir o observador com todas as suas memórias, essa entidade separada criadora de um intervalo de tempo entre si e *o que é, tem de haver* sofrimento, que é conflito. E pôr fim ao sofrimento, de fato e não verbalmente, pôr-lhe fim todos os dias, é estar cônscio (o indivíduo) do movimento total da própria existência, a todas as horas. — Dizei, senhor!

INTERROGANTE: Pode-se alcançar o estado de paz no contato com a natureza, numa civilização não industrializada, numa ilha remota, longe da violência?

KRISHNAMURTI: Quer-nos parecer que, se fugimos, não encontraremos paz, porque *nós* é que somos a confusão, a desordem. Já se tem procurado a paz nos mosteiros, renunciando ao mundo, jamais olhando para uma mulher — porque para um homem religioso a mulher é uma tentação diabólica — estais bem a par dessas coisas; esse homem renunciou ao mundo, recolheu-se a um mosteiro ou se tornou *sannyasi.*(1)

INTERROGANTE: (Achar a paz) numa sociedade primitiva, e não necessariamente num mosteiro.

KRISHNAMURTI: Retornar a uma sociedade primitiva? Senhor, "viver consigo mesmo" é uma das coisas mais difíceis da vida, seja numa sociedade primitiva, seja numa sociedade altamente industrializada, isso que se chama uma sociedade culta. Nenhum homem pode fugir de si mesmo. Porque ele próprio é que está causando a calamidade. Por conseguinte, o importante não é a sociedade em que vivemos, porém, antes, a compreensão das relações entre cada um e a sociedade em que vive. Ou a pessoa compreende a si própria totalmente, imediatamente (e esta é a única maneira de uma pessoa se compreender; não há outra); ou pode dizer: Gradualmente aprenderei a respeito de mim mesmo, todos os dias, pouco a pouco, aumentando cada vez mais o conhecimento próprio. Se aumentais o conhecimento de vós mesmo, isso significa que não vos estais estudando; estais estudando o que adquiristes e por meio desse conhecimento vos estais olhando. — Dizei, senhor!

INTERROGANTE: Parece que não queremos dar-nos ao trabalho de olhar-nos interiormente, de olhar nosso sofrimento, nossas aflições, e aquilo que somos. Mas, senhor, eu percebo isso parcialmente, e saí dos meus hábitos para prestar toda a atenção

---

(1) *Sannyasi*: monge peregrino, mendicante. (N. do T.)

ao que sou, observar o sofrimento, compreender a indolência, a falta de contato com a realidade. Mas, quanto mais olho, quanto mais penso, tanto mais confuso pareço ficar; e sinto-me verdadeiramente confuso.

KRISHNAMURTI: Compreendo, senhor. Que é confusão? Só existe confusão quando não estou olhando diretamente *o que é*. E quando um homem está confuso, quanto mais tenta livrar-se da confusão, tanto mais confuso se torna. Assim, em primeiro lugar, que faz uma pessoa quando se vê confusa?

Eu estou confuso. Não sei o que fazer; há várias possibilidades de escolha. E compreendo que, havendo escolha, tem de haver confusão. E eu estou confuso; portanto, que devo fazer? Primeiro, tenho de parar, não? Detenho-me; não fico a procurar, a pedir, a perguntar, a olhar, a observar. Ao vos perderdes numa floresta, não vos pondes a correr a esmo; primeiro parais e olhais para todos os lados. Mas, quanto mais uma pessoa está confusa, tanto mais se põe a correr, a buscar, a interrogar, a exigir, a rogar. Portanto, a primeira coisa — se posso sugerir-vos — é deter-vos completamente em vosso interior. E quando, interiormente, psicologicamente, detendes todo movimento de busca, de escolha, de indagação, a vossa mente se torna muito plácida, muito clara. Podeis então olhar. É só na claridade que se pode olhar, e não na confusão.

INTERROGANTE: Quando olhamos, várias imagens se apresentam, e tentar olhar sem as imagens é distração.

KRISHNAMURTI: Não entendo bem esta pergunta. Eu vos olho. Não vos conheço e, por conseguinte, não tenho nenhuma imagem a vosso respeito. Mas, se vos conheço, olho-vos com a imagem que tenho de vós. Essa imagem foi formada, constituída pelo que dissestes — insultando-me ou elogiando-me — e com essa imagem eu vos olho. A imagem é uma distração que não me deixa olhar-vos. Só posso olhar-vos quando nenhuma imagem tenho de vós; estou então realmente em relação convosco. É-me possível morrer para a imagem que construí, para as imagens de vós que venho formando há tantos anos, vivendo convosco como marido ou esposa ou vizinho — ou a imagem que tenho acerca dessas relações? Posso morrer para todas elas? Se não morro para elas, e visto que essas imagens constituem uma distração ou uma abstração, não tenho possibilidade de olhar. Se tenho uma imagem relativa à árvore, não posso olhar a árvore.

INTERROGANTE: Um dos nossos problemas é "como olhar-vos sem ter uma imagem de vós". Eu, por exemplo, vos ouvi pela primeira vez quando tinha doze anos de idade, e já estou pelos cinqüenta. Esta senhora, aqui, tinha o mesmo problema que eu, nesta manhã, em relação à morte. Agora, diz-me a minha imagem: Krishnaji disse "sim", ou "não", e percebo a verdade respectiva — "tratemos de morrer para cada momento". Esta senhora a repetiu e introduziu uma frase nova. Penso que este é um problema muito real, em todas estas "discussões" e reuniões.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, compreendo. Tendes uma imagem a meu respeito porque me tendes escutado, e a imagem vos disse que tendes de morrer para tudo o que conhecestes. Mas, vós não morreis, porque tendes vossos prazeres particulares, zelosamente armazenados: lembranças das coisas que tivestes, lembranças de coisas passadas que vos são caras.

Mas essas imagens não vos ajudarão a enfrentar aquela coisa formidável chamada "morte". E, assim, é possível morrer para tudo o que é conhecido, inclusive a imagem deste orador? De outro modo, a imagem se torna a autoridade, quer dizer, a abstração se torna uma autoridade, em lugar do estado real. Estamos sempre fazendo isso, não? Sempre a arar, a arar, arar, nunca semeando. Porque temos um enorme medo de semear, para ver o que acontece. Podemos já ter produzido ervas daninhas, ou podemos produzir grãos excelentes; mas só queremos arar, e nunca semear. Só se pode semear quando não há imagem de espécie alguma.

24 de setembro de 1967.

AUTOCONHECIMENTO
(Londres — V)

Nas últimas quatro palestras, consideramos juntos vários problemas, e acho que nesta manhã valeria a pena dedicarmos algum tempo a descobrir se a vida tem algum significado. Não a vida que estamos levando, pois a moderna existência é muito pouco significativa. Dá-se à vida um significado intelectual, teórico, um significado teológico ou (se se pode usar a palavra) místico; tenta-se descobrir uma significação profunda (como o têm feito certos escritores, em meio ao desespero desta nossa existência), inventando-se certas razões vitais, profundas, intelectuais. E quer-me parecer que seria muito mais interessante descobrirmos por nós mesmos, não emocional ou intelectualmente, porém de fato, se alguma coisa existe nesta vida de realmente sagrado, sem serem as invenções da mente que têm dado um sentido sagrado à vida; descobrir se tal coisa existe realmente. Pois, como se pode observar, tanto historicamente como atualmente, a vida que estamos levando — negócios, competição, desespero, solidão, ansiedade, as destruições causadas pela guerra e o ódio — pouco significa. Podemos viver setenta anos e deles passar quarenta ou cinqüenta trabalhando num escritório, levando uma vida de rotina, de tédio, de solidão — e isso tem muito pouco sentido. Percebendo-se isso, trata-se — tanto no Oriente como no Ocidente — de dar significado e valor a um símbolo, uma idéia, um Deus — evidentes invenções da mente. Diz-se no Oriente que a vida é UM TODO: não matar! — que Deus existe em cada ente humano: não destruir! Mas, no minuto seguinte, estão todos a entredestruir-se, de fato e verbalmente, nos negócios, e, portanto, essa idéia de que a vida é um só todo, uma coisa sagrada, é de muito pouca significação.

E, também no Ocidente, percebendo-se o que a vida realmente é — brutalidade, agressividade, a desapiedada competição da vida diária — confere-se uma certa significação a um símbolo, e tais símbolos, em que se baseiam todas as religiões, são considerados muito sagrados. Isto é, os teólogos, os sacerdotes, os santos que tiveram suas peculiares experiências, deram uma significação à vida, e a tais significados nós nos apegamos por causa de nosso desespero, da nossa solidão, de nossa rotina diária, tão vazia de significação. E se pudéssemos varrer todos esses símbolos, todas as imagens, idéias e crenças que formamos através dos séculos, atribuindo-lhes um sentido sagrado, se com efeito pudéssemos descondicionar-nos de todas essas fantasias, talvez pudéssemos, então, perguntar-nos realmente se alguma coisa existe de verdadeiro, de realmente divino e sagrado. Pois é isso o que o homem vem buscando, em meio a toda esta agitação, formada de desespero, culpa, morte... Sempre o homem buscou, em várias formas, essa percepção de alguma coisa fora do transitório, fora do fluxo do tempo. Podemos, nesta manhã, aplicar-nos um pouco no exame deste assunto para descobrir por nós mesmos se tal coisa existe? Não uma certa coisa que desejais, um Deus, uma idéia, um símbolo! Podemos pôr de parte tudo isso e aplicar-nos a esse descobrimento?

As palavras são unicamente um meio de comunicação, mas a palavra não é a coisa; a palavra, o símbolo, não é a realidade e, quando uma pessoa se vê toda enredada em palavras, torna-se-lhe dificílimo libertar-se do símbolo, das palavras, das idéias, que são um verdadeiro empecilho à percepção. Embora tenhamos de fazer uso de palavras, elas não são o fato. Assim, se podemos estar cônscios, prevenidos, de que a palavra não é o fato, já temos a possibilidade de começar a investigar, com profundeza, esta questão. Isto é, o homem, por causa de sua solidão e desespero, deu sentido sagrado a uma idéia, a uma imagem feita pela mão ou pela mente. A imagem se tornou desmesuradamente importante para o cristão, para o hinduísta, para o budista, etc., que a investiram de um sentido sagrado. E podemos pô-la de parte, não verbal, nem teoricamente, porém varrê-la de fato, perceber claramente a futilidade dessa coisa? Podemos então começar a indagar — mas não há ninguém para responder-nos, porque nenhuma pergunta fundamental que façamos a nós mesmos pode ser respondida por quem quer que seja, e menos ainda por nós mesmos. O que podemos fazer é só formular a pergunta e deixá-la "ferver" — deixá-la movimentar-se; e devemos ter a capacidade de segui-la do começo

ao fim. E a pergunta que fazemos nesta manhã é: Existe, além do símbolo, da palavra, alguma coisa real, verdadeira, alguma coisa em si mesma completamente sagrada?

Para compreender tal coisa, ou alcançá-la, cumpre primeiramente investigar a questão da experiência. A maioria de nós deseja experiências, visto que nossa vida é superficial, vazia, monótona. Apesar de todas as sensações, de nossas experiências sexuais, dos deleites que nos proporcionam uma bela manhã, de céu todo azul, e as folhas com seus matizes e cores — queremos sempre experiências mais profundas e mais amplas; e as drogas parecem satisfazer-nos, proporcionar tais experiências, "expandir a mente", como se anda dizendo. Quando se tomam certas drogas, o pensamento fica em suspenso, abrem-se caminhos através do todo... "Faze a viagem[1] e terás experiências fantásticas!" A maioria de nós deseja uma experiência profunda, fundamental, uma experiência plenamente satisfatória, que jamais possa ser destruída pelo pensamento. Parece-me, pois, necessário investigar esta questão da experiência e tudo o que ela implica. A menos que ela seja compreendida, tornar-se-á impossível a viagem de descobrimento do real, do verdadeiro, porquanto estaremos meramente em busca de uma experiência que nos dê plena satisfação; pois é isso o que todos nós desejamos, não é verdade? Queremos uma experiência que nos proporcione um sentimento de plenitude; uma experiência que nos satisfaça totalmente. Atrás dessa exigência de experiência, está o desejo de satisfação. Queremos estar satisfeitos mas nada nos satisfaz — o sexo, o chamado amor, a chamada existência diária, tão superficial; queremos algo que seja bem profundo, que dê muita satisfação e, por essa razão, existe esta nossa exigência de experiência intensa, ampla, profunda. Por conseguinte, o desejo de satisfação dita a experiência; e temos de compreender não só a questão da satisfação, mas também a coisa que é experimentada. Ter uma experiência extraordinária constitui um grande prazer; e quanto mais duradoura, profunda e ampla a experiência, maior o prazer. O prazer, por conseguinte, dita a forma da experiência que desejamos; o prazer é o padrão pelo qual medimos a experiência.

Assim, se quando se busca uma coisa fundamental, quando se quer descobrir o que é verdadeiro e se existe alguma coisa

---

(1) *Take the trip* (fazer "a viagem") expressão corrente entre os viciados de drogas. (N. do T.)

realmente sagrada na vida — se nossa medida é o prazer, então *já tivemos* a experiência, já a "projetamos"; por conseguinte, ela já não é válida. E que se entende por experiência? Quando se experimenta uma coisa, não importa qual seja, que significa isso? Assistir ao poente é uma experiência; uma certa cor provoca uma reação, da qual nos vêm certas sensações, idéias, etc. Eis o que chamamos uma experiência — o "desafio" e a reação a esse "desafio". Temos de reconhecer a experiência, pois, do contrário, não será uma experiência. Se sou incapaz de reconhecer uma experiência, há experiência? Experimentar implica reconhecimento; tenho de reconhecer a experiência como sendo de tal e tal natureza. Assim, quando reconheço uma experiência, ela já existiu, já é velha. Espero que isto esteja claro.

Conseqüentemente, toda experiência já foi experimentada, senão eu não poderia reconhecê-la. Dessarte, ela já é velha. Experimento segundo meu condicionamento e, assim, reconheço a experiência como boa, má, bela, sagrada, etc., conforme o meu *fundo*, o meu condicionamento. O reconhecimento da experiência é necessariamente velho e, por conseguinte, não há experiência nova. Se digo que tive uma experiência nova, para reconhecê-la como nova e sabê-la nova, eu já devo tê-la conhecido e, por conseguinte, ela já é velha. Por favor, estamos considerando juntos esta questão; eu não estou afirmando nada.

O reconhecimento, pois, tem um importante papel em todas as experiências e, por conseguinte, todas as experiências reconhecíveis são, por sua própria natureza, velhas. Nada de novo se alcança através de uma experiência reconhecível. Estamos agora investigando se existe alguma coisa verdadeira, real, sagrada — e se digo que *a* experimentei, isso significa que devo reconhecê-la, e se a reconheço, ela é já uma reação do passado e, por isso, não é nova em absoluto. Assim, que se pode fazer? Entendeis? Espero que me esteja expressando claramente.

Assim, quando exijo uma experiência — como de fato todos nós exigimos — uma experiência da realidade, se a tenho, isso implica que devo conhecê-la, que devo tê-la reconhecido, e quando reconhecemos uma experiência, já a "projetamos"; por conseguinte, ela não é real, porém está ainda contida nos limites do tempo, no campo do pensamento. Se percebemos isso, como iremos descobrir, ver o que é verdadeiro? Podemos debater sobre este assunto, quando eu acabar de falar.

Esta é, com efeito, uma questão verdadeiramente interessante. Trata-se não só de perguntar, mas também de como

"enfrentar" a pergunta, como "reagir" a ela. Se se está meramente em busca de satisfação, através de uma experiência, a satisfação constitui então a medida e tudo o que é mensurável está ainda entre os limites do pensamento e tende a criar ilusões. Pode uma pessoa ter experiências maravilhosas e, contudo, estar completamente enganada. Pode ver Cristo, Buda, qualquer um, e tais visões dependem invariavelmente de seu condicionamento. O católico praticante fortalece o seu condicionamento e suas experiências se tornam mais intensas; para êle, elas representam o real, porém são obviamente uma projeção de seus desejos, seus impulsos, seu *fundo* e, por conseguinte, sem nenhuma validade.

Investigar esta questão é meditação. Desta palavra se tem feito um emprego lamentável, tanto na Ásia como aqui. Há gente que vem da Índia falar sobre meditação; ensinam-vos uma certa palavra, dizendo-vos que, se pensardes nessa palavra, tereis uma experiência transcendental, e isso é puro disparate, porque, repetindo centenas de vezes a palavra Amém ou *Om* ou Coca-Cola, qualquer pessoa pode ter certas experiências, porquanto a repetição torna a mente quieta. É um fenômeno bem conhecido, uma coisa que vem sendo praticada através de gerações, de milhares de anos, na Índia. Chama-se *Mantra Yoga,* e é uma coisa tão óbvia, tão infantil! Pode-se induzir a mente pela repetição de uma palavra, a quietar-se, tornar-se dócil, branda; entretanto, ela continua a ser uma mente inferior, falsificada. Isso é o mesmo que uma pessoa apanhar no jardim um pedaço de pau, colocá-lo sobre a lareira e todos os dias ofertar-lhe uma flor! Se assim fizer, ao cabo de um mês estará adorando aquele pedaço de pau, e deixar de ofertar-lhe uma flor constituirá uma calamidade, um pecado! Pode-se induzir a mente a fazer qualquer coisa que se deseje ou a produzir uma visão. Mas a meditação não consiste em seguir um sistema, não é repetição, imitação constante; a meditação requer uma mente sobremodo vigilante, um estado de alta sensibilidade sem tendência para produzir o que dela se exige, sem ilusão de espécie alguma. Portanto, devemos estar livres de todas as exigências e, por conseguinte, de todas as experiências, porque quando há exigência haverá experiência; e tal experiência, obviamente, será em conformidade com o condicionamento da pessoa.

A libertação de toda exigência e satisfação exige auto-investigação, perfeita compreensão da natureza da exigência. Toda exigência nasce da dualidade: "Sou infeliz, e tenho de ser feliz." Nessa própria exigência de felicidade está contida a infelicidade.

Todo oposto contém seu próprio oposto. Assim, quando uma pessoa se esforça para ser boa, decide ser boa, nessa própria bondade se encontra o seu oposto, a maldade. É necessário compreender que toda exigência de experiência da verdade, da realidade, procede de nosso descontentamento com *o que é* e, por conseguinte, gera o oposto.

No oposto está *o que foi.* Portanto, devemos libertar-nos desse incessante exigir, dessa mente que está sempre a comparar, a medir, a gerar ilusões. Impende compreender a natureza e estrutura do esforço, o esforço criado pela dualidade (a mente, de fato, é "não dual" — mas não há mais tempo para considerarmos isto). Isso significa conhecer a si mesmo tão completamente que a mente cesse todo buscar, indagar, exigir, e por conseguinte se torne de todo quieta. Tudo isso faz parte da meditação; a meditação não consiste em rezas e repetições intermináveis, em forçar a mente a quietar-se. Isso gera conflito; e tem de haver conflito, inevitavelmente, quando há dualidade. Existe a dualidade criada pelo observador e a coisa que ele deseja ser, ou seja, a coisa observada. E há a mente que não procura experimentar, porém *descobrir* — que não quer seguir, imitar, tornar-se alguma coisa. O "tornar-se", "vir a ser", é outra forma de dualidade e, por conseguinte, de conflito.

Todo esse processo de autoconhecimento é o começo da meditação; não é pôr a mente a dormir, ter visões ou experiências transcendentais por meio de uma certa palavra; é descobrir o condicionamento e o estado mental que somos nós mesmos em relação com a sociedade e com outros. Descobrir a nós mesmos, penetrar fundo em nós mesmos — eis o que é meditação. É necessário penetrar muito fundo, porém sem a noção de tempo e de medida; temos de empregar a palavra "profundo", a qual tem seu oposto: "superficial". Porque, quando desejamos atingir o "profundo, apresenta-se o conflito e, por conseguinte, esse "profundo" é "superficial". Assim, investigando bem isso, a mente se torna sensível e vigilante em alto grau; e, como é bem óbvio, quando altamente vigilante e desperta, a mente está em silêncio. Uma mente "tagarela" diz: "*Isto* é distração, porque quero concentrar-me *naquilo*"; mas tal divisão é também uma distração. E desse estado de alta inteligência (porque "inteligência" é o estado de suprema sensibilidade, vigilância, no qual não existe escolha e, portanto, não há conflito de espécie alguma), desse estado nasce um silêncio que não é o oposto do barulho, nem tampouco cessação do barulho. Só nessa mente

silenciosa não existe nenhuma exigência e ilusão, porque, nela, não há o desejo de satisfação e, por conseguinte, nenhum desejo de experiências mais amplas e profundas: só essa mente pode descobrir o *sagrado*. Eis o que é meditação; e nessa meditação é que podemos descobri-lo; não precisamos de ser informados ou de imitar e obedecer — de nenhuma dessas absurdas infantilidades. Pois naquele silêncio, que na realidade não é uma experiência, porém um estado, naquele silêncio descobre-se, alcança-se uma certa coisa que não pode ser representada por nenhuma palavra, que não pode ser medida. Quando a mente, com seu cérebro em que estão armazenadas tantas "memórias", se tornou perfeitamente quieta, só nesse estado existe a possibilidade de descobrir aquilo que o homem sempre buscou através dos séculos.

INTERROGANTE: Se uma pessoa medita a fim de descobrir, isso não constitui, em si, uma exigência?

KRISHNAMURTI: Constitui, evidentemente. Vós não meditais, porque desejais achar a verdade, ou achar a felicidade; mas, compreender a si próprio e aprender a respeito de si próprio é um processo constante. Como disse, esse processo é meditação, e não visa a descobrir coisa alguma. A palavra "descobrir" é imprópria, mas não sei que outra palavra empregar. Pode-se fazer uso de diferentes palavras, mas a essência da meditação é o autoconhecimento: conhecer a si próprio. E não podeis conhecer-vos se o que aprendestes sobre vós mesmo vos serve de medida. Não sei se percebeis. Observo-me; acerca de mim mesmo aprendo uma certa coisa: que sou ávido. Aprendi coisas a respeito da avidez, de sua natureza e, com o que aprendi, medirei a futura avidez; por conseguinte, não estarei estudando a futura avidez, porém apenas a *medi-la* com o que aprendi. Por conseguinte (observai essa estrutura!), a medida representada pelo que aprendi cria o seu oposto, de onde o conflito. Todo oposto contém o respectivo oposto e, por conseguinte, quando desejo ou exerço a vontade ou obrigo-me a ser "não ávido", nesse próprio desejo de ser "não ávido" está a avidez. Vede isto, por favor! Compreendei-o!

Sou violento; os entes humanos são terrivelmente violentos. Dizemos que não devemos ser violentos, e tentar não ser violento é, em si, uma verdadeira forma de violência. Mas, se a pessoa está deveras cônscia da violência, isto é, da natureza da violência, da agressão, etc., e não deseja alterá-la, não deseja alcançar o

estado de "não violência", essa compreensão (e não o oposto da violência) é, em si, um estado livre de violência.

Assim, evidentemente, é de absoluta necessidade aprendermos a respeito de nós mesmos. Eu tenho de aprender; mas aprender não é adquirir conhecimentos e deles me servir como medida. Portanto, aprender é sempre um presente ativo "sem atividade": não é servir-me do que antes aprendi, como medida, a qual cria o oposto (o que *deveria ser*) e, portanto, conflito. A meditação, pois, não é um processo de auto-hipnotismo, tal como a pratica a maioria das pessoas, nem tampouco é uma maneira de induzir a mente a quietar-se. Vede, mais uma vez, o que isso implica: Se induzo a mente a quietar-se, esse próprio ato constitui o barulho com que quero silenciar a mente — fazê-la *o que não é*. Não sei se percebeis isto!

INTERROGANTE: Como então tornar a mente quieta?

KRISHNAMURTI: Não se pode torná-la quieta. Perguntar "Como tornar a mente quieta" já é fazer uma asserção nascida da inquietação. Por conseguinte, quando se diz "Minha mente deve quietar-se", cria-se dualidade e, portanto, barulho — só que chamamos esse barulho "quietação". Vede, senhor, muito importa compreender isso. Só há o fato — *o que é* — e nada mais. Por conseguinte, a mente só se tornará quieta, naturalmente, não neuroticamente (e ao mesmo tempo ativa, sumamente ativa) mercê do autoconhecimento. Quando me conheço, quando começo a compreender-me em cada minuto (e este não é um processo acumulativo), então, em virtude dessa vigilante sensibilidade e inteligência, surge uma mente silenciosa — o que não significa uma mente morta.

INTERROGANTE: Podeis dizer-nos porque viestes aqui para falar-nos?

KRISHNAMURTI: Sabe Deus! A resposta a essa pergunta envolve muitas coisas. Uma pessoa pode fazer um discurso a fim de obter satisfação, nutrir-se à custa dos ouvintes — tal o recurso favorito dos que gostam de discursar. Ou a pessoa deseja preencher-se por meio dos ouvintes. Ou, ainda, deseja transmitir-lhes alguma coisa, dizer-lhes alguma coisa. Agora, pondo-se tudo isso de parte, vossa pergunta ficaria sendo: "Porque falais, se nada disso pretendeis?" Porquê? Isso é o mesmo que perguntar a uma flor porque viceja.

INTERROGANTE: O "correto aprender" não é acumulativo?

KRISHNAMURTI: Tecnologicamente, tem de ser acumulativo. Tenho de aprender a técnica de manejar isto ou aquilo; para aprender uma língua tenho de acumular um vocabulário dessa língua. Mas estamos falando no nível psicológico, e não no nível técnico. No nível psicológico, toda acumulação cria necessariamente o seu oposto. Por exemplo, eu sei e não sei; e quando não sei, preciso saber mais — por conseguinte, estou comparando o que sei com o que não sei. Isso é dualidade e, por conseguinte, conflito. Estou medindo o que não sei com o que sei. E, quando examinamos este ponto, existe alguma coisa para sabermos a respeito de nós mesmos? Esta pergunta não podemos fazer, a menos que tenhamos alcançado uma grande autocompreensão. Existe de fato alguma coisa para aprendermos a respeito de nós mesmos? Não muita coisa.

INTERROGANTE: Eu gostaria de saber como se origina o condicionamento da mente humana.

KRISHNAMURTI: De maneira muito simples. Primeiro deixai-me concluir o que estava dizendo. Voltarei a vossa pergunta.

Senhor, que é que há para conhecermos a respeito de nós mesmos? Condicionamento, herança racial e genealógica, peculiaridades, inclinações e tendências psicológicas, pressões do ambiente, um feixe de "memórias" (o que eu sou — uma abstração). Não há muito que aprender. Mas só posso dizer que não há muito que aprender, após observar a mim mesmo. Mas, se dizemos "Não há muito que aprender acerca de nós mesmos", não saímos do lugar em que estamos. Portanto, uma das pergundas fundamentais é esta: "Como pode a mente humana, condicionada como está, descondicionar-se?"

E qual a origem desse condicionamento? É bastante fácil descobri-la, não? Observem-se os animais, como são agressivos, a fim de sobreviverem. Eis a origem do condicionamento. Observai as aves, como se fazem senhoras de seus domínios; os direitos territoriais sobrelevam aos direitos sexuais — e aí está a origem da agressão. E nós também temos propriedades: a propriedade é para nós imensamente importante, tal como os direitos sexuais, etc. Mas, uma questão muito mais importante: "Há possibilidade, para uma mente tão condicionada como a nossa, de libertar-se imediatamente (não gradualmente, porém imediatamente) de todo o seu condicionamento? Dizemos que só é possível por meio da meditação — não de uma meditação "falsificada", nem da meditação de indivíduos de longas barbas ou barbas curtas, de longas cabelei-

ras ou cabeças raspadas: a meditação que existe quando estamos aprendendo, sem acumulação, sobre nós mesmos. Então, dessa meditação nasce uma maneira de vida completamente pacífica, não agressiva, que não exige que vivamos na sociedade ou fora da sociedade. Essa meditação produz sua ação própria, na qual nenhum conflito existe.

INTERROGANTE: A meditação constitui uma maneira de vida?

KRISHNAMURTI: Decerto; mas, para compreender a meditação temos de observar — observar como olhamos uma árvore, se há espaço entre nós e a árvore, entre o observador e a coisa observada — a árvore; ou, quando o observador se separa da sua avidez e diz: "Eu não sou a avidez, e tenho de livrar-me da avidez", e há um espaço entre o observador e a coisa observada e, em seguida, o conflito. Mas o observador *é* a coisa observada e, porque, sendo ávido, diz "Não devo ser ávido", criando assim uma dualidade. A meditação, pois, é uma coisa maravilhosa e não pode ser aprendida de ninguém; essa é sua beleza. Não é uma coisa que se aprende, uma técnica e, por conseguinte, dispensa toda autoridade. Assim, se desejais compreender-vos, observai vossa maneira de andar, de falar, o que dizeis, vossa "tagarelice", vosso ódio e ciúme. Se de tudo estais consciente, sem selecionar, isso faz parte da meditação, e ao caminhardes, ao viajardes, simultaneamente meditais. Esse movimento é, então, infinito, eterno.

30 de setembro de 1967.

A MUDANÇA INDISPENSÁVEL
(Londres — VI)

Um dos nossos maiores problemas parece-me ser a urgente necessidade de uma revolução fundamental em nós mesmos, uma mudança radical de nossas maneiras de pensar, de sentir e de reagir. Em geral, somos forçados pelas circunstâncias ou por nossas peculiares tendências e inclinações, a modificar nossas atitudes e atividades. Se, como geralmente acontece, nos transformamos conforme nossas inclinações e tendências (ou seja, nosso desejo de prazer, de satisfação, nosso temperamento emotivo e intelectual), então uma tal mudança se me afigura muito superficial — e quase todos nós nos satisfazemos em modificar exteriormente, na superfície, nossas atividades e modos de pensar. Ou somos guiados pelas circunstâncias, o que, por sua vez, não representa uma revolução radical em nós mesmos; e esta é a revolução que considero necessária, porquanto a sociedade, no seu estado atual, é uma coisa horrorosa: brutalidade, guerras, agressão (ofensiva ou defensiva).

A divisão criada pelas nacionalidades, pelos políticos, pelas organizações religiosas, pela revolução tecnológica, pelo conhecimento técnico, tudo isso nos levou a aceitar *o que é*, a aceitar uma sociedade essencialmente baseada na violência, a ajustar-nos psicologicamente à estrutura dessa sociedade. E isso, é bem de ver, não constitui uma revolução fundamental, uma mutação na psique. Mas é um fato que se observa em todo o mundo — tanto no mundo ocidental como na Ásia, onde é imensa a pobreza e a degradação, onde a fragmentação — diversidade de classes, de línguas, etc. — é um fator verdadeiramente destrutivo. Diante desse fato, um homem — se é verdadeiramente sério — tem de perguntar a si próprio se existe alguma possibilidade de transformar a mente humana, já tão velha e condicionada; ou se o homem está condenado a

sofrer indefinidamente: guerras sobre guerras, cotidiano conflito e tédio, rotina, solidão — e, em conseqüência da solidão, desespero: a total insignificância da vida, nas atuais condições. Diante disso, pergunta-se: "Como pode um ente humano transformar-se?" Pois foram entes humanos os criadores dessa monstruosa sociedade e só eles poderão promover uma revolução, não só em si próprios, mas também na sociedade. E, como realizar essa mudança, revolução ou mutação? Como dissemos, se ela depender meramente de nossas inclinações e tendências e da pressão das circunstâncias, então, obviamente, não terá sentido nenhum. Portanto, cumpre examinar esta questão com certa profundidade, para ver se há possibilidade de mudança — de uma mudança bem no âmago de nosso ser. Percebe-se claramente a necessidade dessa mudança. E, que nos fará mudar? Ameaças, promessas, mais segurança e esperança, "pressão organizada" por meio da propaganda religiosa, manipulações políticas — alguma dessas coisas pode efetuar tal mudança?

Acho necessário, não só escutar o que o orador diz, mas também fazer a si próprio essa pergunta — e toda pessoa verdadeiramente séria tem de fazê-la. E o próprio ato de fazê-la — não de maneira superficial ou indiferente, porém realmente, com *seriedade* — cria a energia necessária para atacar este problema — pois necessita-se de abundante energia para se compreender a confusão em que nos vemos, compreender a estrutura e natureza da mutação. Essa compreensão requer atenção — *não,* concentração — pois há diferença entre atenção e concentração. A concentração é limitada, "exclusiva", geradora de conflitos, e nela há distração. Mas, na atenção, nenhuma dessas coisas existe — estamos totalmente atentos. Experimentando-se ou observando-se isso, pode-se ver, muito claramente, a diferença entre a concentração e a atenção. Na atenção, não há conflito ou distração de espécie alguma, ao passo que na concentração há distração, conflito, pois que nos forçamos a interessar-nos num certo ponto, o qual se torna "exclusivo"; na concentração há resistência. Na atenção não há resistência de espécie alguma. E dessa atenção necessitamos para descobrir o que está implicado na mudança.

Segundo os antropólogos, vivemos há dois milhões de anos, ou mais, e no decurso de todos estes séculos estivemos a entrematar-nos, a entredestruir-nos, a dividir-nos em famílias, nações, grupos religiosos — e, ao mesmo tempo, nunca cessamos de falar de fraternidade, de paz e outros absurdos ideológicos. Mas, na realidade, em cada dia de nossa vida, somos violentos, matamos animais para comer e nos matamos mutuamente, em nome de Deus, da pátria,

disto e daquilo, por causa de um ideal. Vendo-se isto, é natural perguntar — e todo homem sério tem de perguntá-lo — se é possível a revolução radical. E para compreender esta questão, para examiná-la, necessita-se de tremenda energia, vitalidade, vigor. Esse vigor e vitalidade cria naturalmente a atenção. Quando uma pessoa faz seriamente essa pergunta a si própria, adquire aquela vitalidade.

E, como dissemos outro dia — talvez em todas as nossas palestras — estamos sempre a arar, sem nunca semear. Estamos sempre a ouvir o que outros dizem. Somos entes sem originalidade. Lemos livros e mais livros sobre psicologia, religião, etc., e somos perpétuos escravos do que lemos. Talvez nunca tenhamos descoberto coisa alguma por nós mesmos. Somos imitadores. Somos pessoas que só dizem "sim", mas, para investigar, penetrar profundamente nesta questão, temos de ser capazes de dizer "não", de negar tudo o que nos induziram a crer. Pois necessitamos de uma sociedade completamente diferente.

Mas, que se entende por "mudança"? Sabemos que temos de mudar — em quê? Sentimo-nos agitados, irritados, furiosos, contra todos os absurdos que se passam ao redor de nós. Desejamos mudá-los em quê? O oposto de *o que é* — o cultivo do oposto — constitui mudança? Se uma pessoa é violenta e cultiva a não violência, na esperança de operar uma mudança, essa mudança é radical? O cultivo do oposto contém o outro oposto. Muito importa compreender isso.

Existe o ódio e percebemos a necessidade de que cesse o ódio e haja afeição, amor, bondade. O amor é o oposto do ódio, e pode-se cultivar o amor e, assim, negar o ódio? Parece-me, pois, necessário compreender a natureza do oposto, quer dizer, a natureza da dualidade. Porque, quando falamos em mudança, pensamos sempre nestes dois elementos: *o que é* e *o que deveria ser.*

O que deveria ser é produto de *o que é*, e o oposto deve sempre conter *o que é*; portanto, já não se trata de um cultivo do oposto, porém de cultivo de *o que é,* modificado. Por conseguinte, toda exigência de mudança cria necessariamente o seu próprio oposto. Por conseguinte, a questão não é *em que* mudar; a questão é o que entendemos por mudança.

A violência e o seu oposto sempre contêm, necessariamente, a violência: o observador, que é violento, percebe esse fato e cria o oposto, a não violência, como idéia. Cultiva tal idéia, cultiva a não violência com a violência e, por conseguinte, a não violência continua sendo violência. Vede, por favor, que isto não é mera prestidigitação verbal, porém representa o que realmente ocorre

quando falamos de mudança. O bom não é o oposto do mau, mas nós temos esta tendência para o mal — fazer mal a outros, irritar-nos, ser violentos, aquisitivos, ávidos, invejosos, etc., e, percebendo isso, queremos ser bons. A própria exigência cria o oposto e, portanto, dessa maneira, não há mudança nenhuma; considero essencial compreender isso. Podemos então perguntar o que é mudança; existe tal coisa — mudança?

Se se percebe a inteira estrutura disso que chamamos mudança e a exigência que surge ao observarmos nossa própria violência, a qual cria a não violência, termina então completamente o cultivo do oposto, e não há mais dualidade e, por conseguinte, nenhum conflito. Devido aos nossos conflitos surge a dualidade, a contradição entre *o que é* e o que *deveria ser*. Desejamos uma coisa e desejamos o contrário dessa coisa. Desejamos paz, mas esse próprio desejo provém de um estado mental de conflito, de falta de paz. Por conseguinte, o próprio desejo, a própria exigência de mudança gera o oposto e produz um conflito no desejo de mudança.

Está mais claro isto? Se não, voltaremos a este ponto mais adiante.

Ora, que é mudança? Se mudança não é cultivo do oposto — e de fato não é — que se entende então por mudança? Para responder a esta pergunta, é necessário examinar a questão do "observador e coisa observada" — sendo "observador" não só a percepção visual, mas também o que está atrás dela: memória, pensamento, idiossincrasias, preconceitos, um estado condicionado. Ele é o censor, o experimentador, o juiz, o avaliador. Todo esse feixe de "memórias" constitui o observador. E esse observador está sempre a modificar-se, a mudar; não é um observador estático, a não ser sob pressão, tensão, necessidade. Há sempre um processo modificador em ação dentro do próprio observador. E enquanto existir "observador", existirá "coisa observada" — o oposto.

Quando uma pessoa diz que sente cólera, ciúme, que é violenta — está existente o observador, a afirmar que a pessoa é violenta; a violência está separada do observador. O observador, portanto, separou-se daquilo a que chama "violência". Diz ele, então "Tenho de dominá-la, de encontrar meios e modos de reprimir, de mudar, de sublimar esta qualidade, esta violência; mas o observador criou a violência; *ele* é que é violento, e não a coisa a que observa como violência. Portanto, o observador é a coisa observada. Isto é, o observador separa-se da coisa observada e cria uma distância entre si e aquilo a que observa. O experimentador, que exige experiência, com essa própria exigência separa-se da experiência e, desse

modo, cria a ânsia, o desejo de mais experiência e, portanto, conflito. Ele, o experimentador, criou um espaço entre si e a coisa que quer experimentar. Mas o experimentador é a coisa experimentada.. Assim, quando diz : "Preciso mudar, percebo a necessidade de mudança", ele, o observador, o experimentador, o pensador, projeta um padrão, uma idéia daquilo que *deveria ser,* e querendo tornar-se isso, cria conflito, contradição, porque se separou da coisa que deseja observar. Pode esse observador existir sem movimento de espécie alguma? Porque todo movimento de sua parte, para efetuar uma mudança dentro de si mesmo, cria o oposto e ele se vê enredado no conflito do oposto. Mas o observador é a coisa observada e, ao perceber isso, que significa então mudança?

Espero que isto não esteja abstrato demais; veremos.

Vemos, pois, que a total inação é mudança radical. Inação total por parte do observador e, portanto, inexistência do observador. Se vos examinardes, sem ser teoricamente, nem por meio das palavras do orador, se vos observardes realmente, vereis isso suceder em vós mesmos. O padrão do oposto se fixou através de milênios — bom e mau, Deus e Diabo, etc. etc. Esta luta constante entre o bom e o mau continua existente porque o observador é tanto o bom como o mau, e o cultivo do "bom" é cultivo do observador e não do "bom". Assim, se compreendemos isso, se o observamos em nós mesmos, verificamos que só é possível a mudança quando não há nenhum movimento por parte do observador. Por conseguinte, a inação total é revolução total.

Digamo-lo de outra maneira. Notai, por favor, que isto não é filosofia, não é mais um padrão, mais um ideal para seguir. Todos os ideais são absurdos, inteiramente vazios de significação. O que *tem* significação é *o que é. O que é* é toda essa estrutura que constitui o observador. E cada um pode descobri-la verdadeiramente, por si próprio, desde que esteja atento, num estado de meditação, de vigilância sem escolha, intensamente interessado em descobrir o que significa "mudar". Como dissemos, consideremos esta questão de um ponto de vista diferente, de diversa maneira.

Falamos muito a respeito do amor: amor à pátria, amor à família, amor a Deus, amor ao homem, amor a um livro. Para descobrir o que é o amor, chegar-nos a ele assim como nos chegamos a um perfume desconhecido, temos de aliviar essa palavra, remover todas as impurezas que a ela adicionamos. E temos de descobrir por nós mesmos que coisa é essa que chamamos amor. Talvez seja esta a solução definitiva de todos os problemas e tribulações do homem. Porque, quando o marido diz "Eu te amo",

e quando a esposa diz "Eu te amo" — é amor isso? Ou há nesse amor o prazer sensual, a posse, o domínio, conforto, satisfação? A tudo isso chamamos amor, e talvez seja, uma vez que o homem tem conservado essa coisa chamada amor através da família. Mas, para descobrirmos, não teórica ou abstratamente, o que é o amor, temos de compreender se o amor tem oposto.

A maioria de nós detesta a violência. Somos ciumentos, gananciosos, dominadores e cheios de inibições e, contudo, dizemos "Eu te amo". Temos de descobrir a natureza daquele amor isento de conflito, do amor que é um contato total em todas as relações, porquanto só nesse contato se encontra o perfeito relacionamento. Mas, se com uma pessoa só tenho contato em certos pontos, sexualmente, buscando o conforto, o domínio, isso é amor, é relação? Assim, para descobri-lo ou, melhor, deparar-nos com ele, temos primeiramente de descobrir o que significa relação. Relação não só com coisas, casas, móveis, mas também com as pessoas e idéias. Nós somos aquilo que possuímos. Se possuís uma casa, móveis, uma família, uma idéia — sois isso, evidentemente. Assim, a posse, em qualquer forma, é amor? A posse não gera ansiedade, inveja, ciúme, domínio, medo? E quando há medo, domínio, há amor? E se, nas relações entre um homem e outro homem, entre um homem e uma mulher, existe alguma atividade egocêntrica — não importa se por parte da esposa ou do marido — essa atividade não separa os dois entes humanos? Embora ambos digam "Nós nos amamos", cada um está seguindo seu caminho particular, sua particular intenção; e pode haver amor quando há agressão, quando há competição? Evidentemente, o ódio e o ciúme não são amor. Mas, pelo que nos respeita, o amor contém o ciúme, porque nesse amor há posse. O amor, por conseguinte, é para nós desejo e prazer.

E desse desejo e prazer provém o problema sexual. Não sei porque todo o mundo se tortura por causa desse problema. Todos os jornais e revistas, a televisão, o rádio, a ele se referem. Tornou-se um problema formidável, em todo o mundo. Porquê? Em parte, as religiões são responsáveis por esse problema, dizendo que o sexo é uma coisa errada, que para achar Deus um homem deve ser celibatário, não deve casar-se; a Igreja Católica em peso sustenta tal opinião. Para servir a Deus, o homem deve ser solteiro, porquanto o sexo é uma abominação para todas as religiões. E tornou-se também um problema para a maioria das pessoas, neste mundo, porquanto intelectualmente não têm meios de fuga, intelectualmente são escravos e não entes humanos livres; intelectualmente, obedecem, seguem, lêem livros sem conta; ensina-se-lhes o que pensar, o que

fazer e o que não fazer. Por conseguinte, intelectualmente, toda a sua energia está represada. Observando esse fato em nós mesmos, pode-se perceber que, intelectualmente, não há um só revolucionário. São muito poucos os revolucionários. E, emocionalmente, porque somos gananciosos, ávidos, ciumentos, medrosos, ansiosos, "culpados", só nos resta, de livre, um único prazer: o sexo. Quando a energia intelectual é interceptada, emocionalmente não estamos vivos. Para nos sentirmos vivos, emocionalmente, freqüentamos os concertos, os museus, as bibliotecas. Só contamos, por conseguinte, com esta válvula de escapamento: o sexo. Só nele, e no perpétuo pensar nele, encontramos prazer. O sexo, portanto, se torna da máxima importância, em nossa vida, porque o amor, ou isso que chamamos "amor", se baseia no desejo e no prazer, vale dizer, no processo do pensar — pensar no prazer fruído, porquanto, intelectualmente, não experimentamos nenhum prazer, no sentimento profundo da palavra. Lemos dúzias de livros, mantemo-nos a par de todas as novidades, mas só somos capazes de apreciar o que lemos pelo padrão do "velho", do repetido. Aí não se encontra prazer, porque o prazer requer liberdade. E, emocionalmente, vivemos cheios de temores. E assim, inevitavelmente, o pensamento faz do sexo uma coisa demasiadamente importante, tornando-o um problema. Porque, então, o amor é meramente desejo e prazer e envolve naturalmente isso que se chama responsabilidade, a responsabilidade para com a família; e a família está, forçosamente, contra toda a estrutura social: primeiro, eu e minha família. E assim está o mundo dividido — em famílias, nacionalidades, grupos, etc.

Dessarte, o pensamento, "pensando" naquilo que lhe deu prazer, confere duração ao prazer. Ontem senti prazer contemplando o pôr do sol, uma árvore, o maravilhoso reflexo da luz vespertina na água. O pensar em tal espetáculo proporcionou prazer — não no momento em que eu o observava; naquele momento não havia prazer algum, porém uma grandiosa percepção da beleza, da placidez da tarde; entretanto, quanto mais penso naquela paz, naquela beleza, tanto mais prazer extraio delas, e tanto mais desejo a repetição desse prazer. O mesmo se dá em relação ao sexo, a qualquer espécie de prazer. O sexo tem seu lugar próprio, mas não estamos investigando o "lugar próprio". Ele pode ser descoberto quando se compreende o amor, que não é desejo e prazer, e também não é o oposto do prazer e do desejo. Porque, se só conhecemos desejo e prazer, e queremos encontrar essa coisa chamada amor, saber o que é o amor, temos de compreender a estrutura do pensamento.

O pensamento, reação da memória, do conhecimento, da experiência, é sempre velho. O pensamento nunca é livre. O pensamento é sempre condicionado pela experiência do passado e pelo conhecimento. Assim, jamais o pensamento, em circunstância alguma, pode compreender isso que se chama amor. O observador é essencialmente pensamento, o observador é essencialmente "o velho", portanto, nunca é "o novo". O novo não pode, nunca, conter o observador. O observador não pode conter "o novo", mas, ao compreender-se o inteiro processo, depara-se-nos então essa coisa chamada Amor — o qual nunca é velho, está sempre no presente ativo, não tem imagem alguma, pois tudo aquilo que tem uma imagem ou é representado por um símbolo é sempre "o velho", criado pelo pensamento. Assim, quando adorais a Deus, estais na realidade adorando vossa própria imagem, a qual "projetastes"; por conseguinte, isso não é amor, porém tão-somente vosso medo e o oposto. Conseqüentemente, só é possível compreender essa coisa sem par que o homem tem buscado incessantemente, mediante sacrifícios, adoração, esforços, relações, sexo, prazeres e dores de toda espécie — só é possível compreendê-la quando o pensamento (em si, também uma coisa extraordinária) chega à compreensão de si próprio e cessa naturalmente.

Então, o amor não tem oposto; não tem conflito. E sem esse amor, não importa o que se faça, nunca terão fim os problemas. Podeis pertencer a todos os grupos modernos, conhecer todos os psicólogos e charlatães, ou os que ensinam a meditação, etc.; só quando há aquele amor, há paz, um estado abençoado.

INTERROGANTE: Na vossa opinião, o amor não é desejo?

KRISHNAMURTI: Estamos examinando opiniões, ou a verdade de uma opinião, de uma dialética da vida (também opinião)? É infinito o número de opiniões. Vós tendes vossa opinião, eu tenho minha opinião, Marx a sua, o capitalismo a sua. Não estamos considerando opiniões. Estamos considerando fatos, tais como são, e para compreender fatos não há necessidade de opinião alguma — nem da opinião do católico, do protestante ou hinduísta, nem da opinião do comunista. Tem-se de observar o fato; e o fato é que a maioria de nós tem intensos desejos, e isso é natural. Quando vemos um belo carro, uma bela pessoa, um rosto formoso, é natural "reagir", tal como "reagimos" quando vemos o céu todo azul, uma árvore na entrada do outono; temos de reagir — reagir totalmente, completamente. Mas nessa reação o pensamento interfere e diz "Isso foi muito deleitável, preciso conservar esse deleite".

Deste modo, a exigência de continuidade do deleite cria o seu próprio oposto e, por conseguinte, o conflito de não o termos (o deleite). O desejo, pois, é normal, saudável, porém se torna malsão, feio, quando o pensamento o converte em prazer, prazer que, por sua vez, gera antagonismo, ódio; e no antagonismo e no ódio não há amor.

INTERROGANTE: Senhor, parece-me que o medo é a base do temperamento, e o temperamento a base da contemporização.

KRISHNAMURTI: Porque desejamos contemporizar, transigir, e que entendemos por contemporização? Dizemos que a sociedade é monstruosa, e estamos transigindo quando nos vestimos conforme a moda dessa sociedade, quando tomamos os alimentos por ela prescritos? Há total separação da sociedade — dessa sociedade que eu próprio construí, psicologicamente — quando psicologicamente estou livre de todas as coisas pertinentes à sociedade, da avidez, da inveja, da crença, que é superstição, de seus Deuses, suas imoralidades. Estamos então libertados dessa sociedade; nisso não há contemporização de espécie alguma. A sociedade nos diz que devemos lutar, que devemos matar, destruir outros entes humanos, por nossa pátria, nosso Deus, nossos ideais. Mas, quando temos afeição, amor, podemos matar outros? Podemos contemporizar, dizendo: "Olha, amigo, vou matar-te para teu próprio bem, em nome de minha liberdade"? Pode haver alguma espécie de contemporização quando vemos as coisas com toda a clareza? Há contemporização quando vemos um animal venenoso, uma serpente, um precipício? Vemos então *muito* claramente e não há contemporização de espécie alguma; afastamo-nos do perigo. Só há contemporizar quando há confusão. E como infelizmente quase todos estamos muito confusos a respeito de tudo, estamos perpetuamente a contemporizar. Mas, quando há inteligência, há esclarecimento. Ver as coisas como são, não conforme nossas condições, conforme nossas tendências e inclinações, ver as coisas como realmente são, é estar libertado delas, e não há então nenhuma contemporização, porque não há confusão de qualquer espécie que seja.

INTERROGANTE: Qual a diferença entre o isolamento e a solidão?

KRISHNAMURTI: Há muita diferença entre ambas? Na vida diária, por mais relacionados que sejamos, por mais ligados que estejamos a nossa família, toda atividade egocêntrica é um processo de isolamento. Quando domino minha esposa ou marido, quando sou ciumento, ambicioso — tudo isso faz parte das atividades egocêntricas

que conduzem ao isolamento. E quando um homem se torna cônscio do extraordinário isolamento que para si próprio criou, sente-se só, torna-se consciente da agonia do isolamento, no qual não existe nenhuma espécie de relação. Isso pode acontecer quando se está em companhia de amigos, ou num ônibus; subitamente vem o sentimento dessa intensa solidão, resultante de uma vida diária de movimento egocêntrico; e ao tornar-se cônscia dessa solidão e de sua agonia, a pessoa trata de fugir dela: pega um jornal, vai à igreja ou a uma partida de futebol ou a uma taberna. Adorar a Deus ou beber numa taberna é exatamente a mesma coisa, ao ocorrer o sentimento de solidão. E não há possibilidade de fugir dela. O que se pode fazer é observar essa atividade egocêntrica na vida de cada dia; observá-la, sem exigir que ela termine, porque, assim, nos vemos de novo no redemoinho do conflito.

INTERROGANTE: Sou incapaz de observar a desgraça dos outros sem sentir a necessidade de intervir. Sou capaz de amar no verdadeiro sentido?

KRISHNAMURTI: Observo em outros sofrimento, aflição, conflito, e naturalmente não posso intervir. E tenho amor, quando observo sem interferir? A palavra "interferir" é um tanto complicada; estamos sempre a interferir na vida de outros. A educação em geral é uma interferência na vida dos outros, e também o é a propaganda por parte da Igreja. Todos os propagandistas e todos os missionários do mundo, sejam missionários cristãos, sejam asiáticos, sejam comunistas — estão constantemente a interferir na vida de outros. O marido quer influir na esposa, e a esposa no marido. É um movimento infinito, porque todos nós queremos modificar os outros, fazê-los diferentes, "lavar-lhes o cérebro", para fazer-lhes aceitar nossas opiniões, nossos juízos, nossos valores.

Estar livre de toda e qualquer influência, que significa estar livre de toda interferência, é uma das coisas mais grandiosas. É quando se está livre de toda influência que há amor, e esse amor, talvez, saberá atender à desgraça e ao sofrimento de outrem.

1 de outubro de 1967.

Outrossim, se queremos sentir-nos interi
mente livres, cumpre esquecer o passado, e n
carregar conosco as lembranças de nossas experiê
cias, boas ou más. Devemos extrair o máxir
daquilo que experimentamos ou sentimos, mas
no dia imediato importa olvidar tudo, morrer em
cionalmente para todas essas coisas. Com este pr
ceder viveremos num eterno presente, fruindo ca
momento, cada dia de nossa vida, como se fosse
os únicos de nossa existência. Morrendo psicolo
camente para o pretérito, e com um mínimo
preocupação com o futuro, nossa mente como q
se purifica, tornando-se nova, fresca, juvenil. Des
estado de espírito promana a genuína liberdade, c
notador que é de desapego, desprendimento,
preparo para responder com acerto às solicitaçõ
do cotidiano viver.

Eis, além de outras, as lições desta ilum
nante obra que a INSTITUIÇÃO CULTURA
KRISHNAMURTI, divulgadora oficial, no Bras
da mensagem desse pensador, acaba de lançar e
excelente tradução de Hugo Veloso.

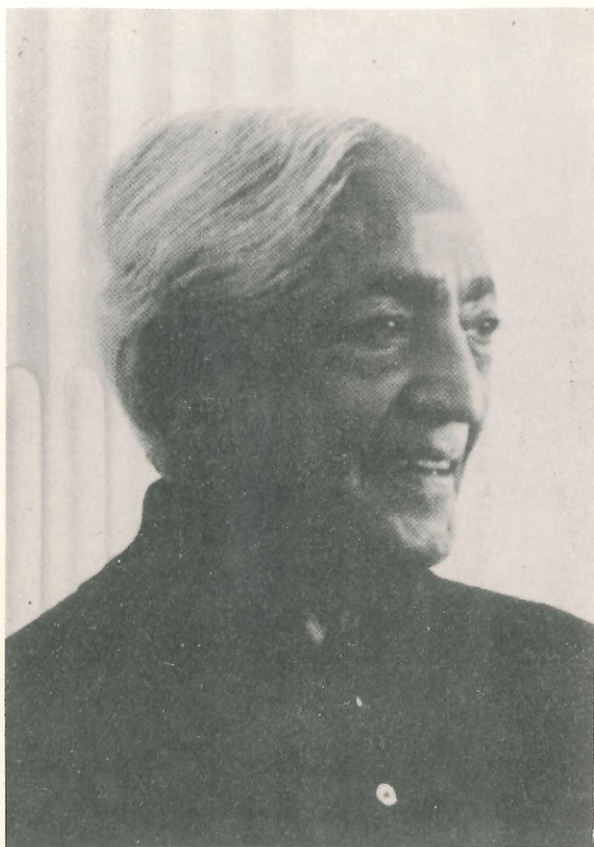
É convincente e racional esse ensinamento
simultaneamente, nos propicia uma nova l
dando-nos à existência um sentido de beleza
grandiosidade e desvendando-nos, também, os se
caprichosos enigmas. E, de certa maneira, n
aprimora e afina a sensibilidade, nos capacita
distinguir, sempre, os valores eternos, ou seja
aqueles que devem ter para nós, em toda e qu
quer circunstância, o mais alto significado.

Todavia, não contém sistema nenhum de m
ditação — embora enalteça o verdadeiro medita
é desprovido de rituais, crença religiosa, dogm
proibições e mandamentos, e não impõe disciplin
ou algo semelhante. Na realidade, pela sua singu
e diferente natureza, distancia-se de tudo que f
do ente humano um autômato, um repetidor
frases ou fórmulas secretas, aproximando-se, ant
da autêntica arte de viver.

Assim, é ele de suma utilidade, porquan
inegavelmente, deveras contribui para o reerg
mento espiritual do homem, dos indivíduos em ger
e numa agitada época em que poucos revela
equilíbrio, serenidade, lucidez.

Leiamos, pois, estas páginas com atenção, d
prevenidamente, procurando sentir-lhes os elevad
intuitos, isso porque muito podemos alcançar, e
termos de sabedoria, se chegarmos a realizar, co
recomenda o autor, a tarefa essencial: o "autoconh
cimento".

O ensino de Krishnamurti é sobremodo edi
cante e, tantas são as suas virtudes, que bem pode
transformar e colorir a nossa pálida e pobre vi

A ESSÊNCIA DA MATURIDADE

KRISHNAMURTI

Contém este livro a tradução das palestras originais realizadas por Jiddu Krishnamurti na Suíça e em Paris no ano de 1967 e que agora vem a lume com o título A ESSÊNCIA DA MATURIDADE. Os leitores já familiarizados com o ensino desse pensador bem sabem o quanto ele é elucidativo e, em conseqüência, de grande utilidade para todos nós; porém aqueles que ainda o ignoram devem procurar conhecê-lo, para se inteirarem diretamente de sua valia. Eis alguns dos temas aqui magistralmente estudados: Violência e Sofrimento; O Medo; O Descobrimento da Verdade; Compreender o Inconsciente; O Significado da Paz; Autoconhecimento, etc., todos, é bem de ver, de grande relevância para a vida do homem.

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Rio de Janeiro — RJ